



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE MESTRADO**

**DA LINGUAGEM COMO REFERÊNCIA PARA O ESCRITO:
EXPERIÊNCIA E TRANSMISSÃO EM PSICANÁLISE**

FLORIANÓPOLIS

2010

Rômulo Fabiano Silva Vargas

**DA LINGUAGEM COMO REFERÊNCIA PARA O ESCRITO: EXPERIÊNCIA E
TRANSMISSÃO EM PSICANÁLISE**

Dissertação apresentada como requisito
parcial à obtenção do grau de mestre em
psicologia, programa de Pós-Graduação
em Psicologia, Curso de Mestrado, Centro
de Filosofia e Ciências Humanas.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Scotti

Florianópolis

2010

Agradecimentos

A Armando, homem gerúndio, sertanejo contador de histórias, por me ensinar o peso das palavras e do silêncio

A Cleusa, amor e amizade, por ter me mostrado o caminho a seguir

A Cecília, humor impagável, amor incondicional, pela inspiração nos momentos difíceis

A Tatiane, no amor, pela coragem no enfrentamento do que nem conhecia

A Toninho pelos instantes de sabedoria que lançam luz nas mais recônditas profundezas

A Cassandra, querida profetiza, pela companhia inestimável e sem reservas em mares revoltosos

A Teresa, no carinho e na amizade, pela acolhida e pela incitante dedicação aos laços de trabalho.

Ao Bt pelo compartilhamento nesta delicada culinária temperada por *logus* e *stultitia*

Ao professor Dr. Sérgio Scotti por acompanhar e apostar neste trabalho não tão convencional desde o seu início.

A Dulceli pelo investimento no novo quando o Projeto de um sonho parecia derribar

Ao Hélio, filósofo?, poeta?, historiador?, pelas considerações que não permitem cerrar a vereda da amizade

A Liège Goulart pela leitura e apontamentos precisos

A Daiana pela sementeira, cultivo e podas em comum

Aos colegas do "Núcleo de pesquisa sobre a psicose" da Escola Brasileira de Psicanálise pela sustentação de um lugar de construção de pesquisa cujas elaborações não deixaram de operar nesta escritura

Aos colegas dos Projetos "Escrita e Psicanálise", "Oficina de Escrita" e "Oficinas Terapêuticas: Possibilidades e Impasses de um Trabalho Gerúndio" por constituírem pelos laços de trabalho um indispensável canteiro de obras da experiência.

A todos os amigos e estudiosos pelo movimento que puseram a desdobrar pelas leituras, escritos e discussões mediante ao insistente endereçamento dos esboços destas tentativas de escrito

A todos aqueles que diante do um tanto insano convite para escrever em companhia se dispuseram a seguir na aventura e a se surpreenderem pelo ensinamento essencial a uma prática em cuja visada de laço social é impossível desconsiderar a singularidade de cada um que aí se coloca.

ANTES DO NOME

Não me importa a palavra, esta corriqueira.
Quero é o esplêndido caos de onde emerge
a sintaxe,
os sítios escuros onde nasce o 'de', o 'aliás',
o 'o', o 'porém' e o 'que', esta
incompreensível
muleta que me apoia.
Quem entender a linguagem entende Deus
cujo filho é Verbo. Morre quem entender.
A palavra é disfarce de uma coisa mais
grave, surda-muda,
foi inventada para ser calada.
Em momentos de graça, infrequentíssimos,
se poderá apanhá-la: um peixe vivo com a
mão.
Puro susto e terror.

Adélia Prado

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo verificar as possibilidades de transmissão da experiência psicanalítica através da própria escrita. Para tanto, seguiremos pela via na qual Freud que entre a fisiologia e a linguagem abre um novo campo onde o humano encontra maneiras para se responsabilizar pelo que lhe acontece. Em um primeiro momento retomaremos a elaboração freudiana, seus escritos primeiros como delimitadores de um novo campo de investigação, para que desta forma, na restituição da originalidade de suas formulações conceituais, possamos fazer operar tais conceitos, os colocando à prova com o intuito de fazer viva a transmissão. Neste sentido, será seguida a orientação lacaniana, à qual buscaremos delinear os contornos para que efetivemos uma reflexão epistemológica acerca das condições de pesquisa em psicanálise. Pode-se dizer que o produto deste trabalho é o próprio escrito, que extraído do funcionamento da linguagem não se oferece ao leitor como um objeto de contemplação ou um fio condutor para a compreensão da complexa e extensa trama conceitual psicanalítica, senão como um objeto para o trabalho, um escrito como tentativa de provocar o desejo do leitor, uma passagem pela qual este poderá se colocar a partir de suas próprias questões.

Palavras-chave: psicanálise, linguagem, escrito, transmissão, experiência

Abstract

This research aims to examine the possibilities of transmission by the psychoanalysis experience through the own written. For this, we will follow by the way between the philosophy and the language, as far as Freud open a new field where the human can to meet of some ways to be responsible for what happens to you. In first moment we will recover the Freudian elaboration of her first written to investigate by this way how we could to make to operate those notions the intent to able to operate such concepts, putting to the test in order to test with the intention of making a best transmission. In this sense, the Lacanian orientation will be followed, to try to seeking outline the contours to an epistemological reflection about the state of research in psychoanalysis. You could say that the product of this work is the writing itself, which extracted the functioning of language and that don't offer itself to the reader as an object of contemplation or a guideline for understanding the complex and extensive psychoanalytic conceptual scheme, but as an object for the work, the written as attempt to provoke the desire of the reader, a passage in which this can be put yourself from their own issues.

KEYWORDS: psychoanalysis, language, written, transmission, experience

Sumário

Da intenção às palavras	7
A descoberta clínica e o sinuoso percurso de Freud para inventar a psicanálise	14
Pela via dos escritos iniciais: a abertura das questões freudianas	15
A fala histérica e as sementes conceituais da psicanálise.....	21
O posicionamento dos “estudos” na pesquisa de Freud	28
A fantasia e a torção da pesquisa.....	42
A epistemologia lacaniana em construção no campo psicanalítico.....	48
O material da construção em psicanálise.....	49
Lacan e a construção em psicanálise	53
A dimensão da linguagem e a elaboração psicanalítica	62
Da epistemologia lacaniana à orientação da pesquisa em psicanálise.....	67
A articulação freudiana ou o saber do inconsciente	78
A experiência de linguagem como condição de transmissão em psicanálise.....	84
A experiência como atravessamento	85
Sujeito e objeto da experiência.....	88
Experiência de linguagem, experiência do inconsciente, ou experiência psicanalítica.....	90
Transmissão e virulência do inconsciente freudiano	91
Uma outra verdade - o campo psicanalítico como campo de pesquisa	98
O “Projeto” e o desejo de Freud	105
Os discurso e realidade como liame	111
E do passeio.....	123
Diz-ser-estar.....	124
<i>Perorações</i>	132
Referências	137

Da intenção às palavras

*Vade mecum? Vade tecum!*¹

O propósito deste trabalho é desenvolver uma reflexão acerca das possibilidades de elaboração do saber da experiência psicanalítica de maneira a se sustentar como discurso escrito que coloque em movimento a questão ética em torno das condições de transmissão em psicanálise a cada vez que algum leitor decida atravessá-lo, tocá-lo adiante com sua leitura da maneira tal como possa e, talvez, investi-lo com sua fala ainda que seja por qual razão for. Isso significa que esta pesquisa parte da pretensão de construir uma articulação, pode-se dizer, através das palavras, uma articulação conceitual, discursiva em suma, cujos fundamentos exijam para além da objetualização teórica de um sujeito qual fosse, antes, sua implicação.

O programa ao qual esta pesquisa se dispõe, logo, se cumpre de acordo com a busca incessante pelos princípios que deem ensejo para a inclusão do sujeito em sua construção, na construção da própria pesquisa, sujeito inicialmente evocado como leitor provável, o que então torna legítimo estendê-lo aos colegas de formação, de estudo, de pesquisa, de trabalho, de oficina, aos professores e amigos, que, pela leitura, pelos estudos, pelas conversações, pelos escritos chegados até a mim após a leitura realizada dos diversos esboços relacionados a este escrito, ou, ainda, pela companhia na sustentação de uma prática de escrita; estes companheiros que, durante algum tempo, colocaram em movimento a questão ética em suas relações com as condições de transmissão da experiência a partir do que lhes fora endereçado, incidindo precisamente na escritura deste trabalho de forma revigorante quanto ao acirramento relativo ao rigor para que o trabalho não perdesse sua direção, exigindo mesmo coragem aos desvios necessários para que ainda assim tal direção fosse conservada, abrindo desta feita por diversas vezes e,

¹ *Vade mecum* é uma espécie de escrito que se consagrou como forma de instruir o leitor na realização de determinadas tarefas nos 1600, uma espécie de manual que pode ensinar genericamente com se fazer alguma coisa, inclusive viver. *Vade mecum? Vade tecum!* é a corajosa formulação de Friedrich Nietzsche encontrada em “A gaia ciência”, a ciência com alegria, e bem poderia ser traduzida como: “Vem comigo? Segue a ti!”

principalmente, pelo ato de escrita novas brechas para leituras outras e novos encaminhamentos possíveis de questões levantadas. Embora esta explanação inicial seja coerente, em termos de reconhecimento, ao desdobrar o sujeito àqueles cuja participação ocasionou efeitos diretos na escritura desta pesquisa, faz-se de importância primacial para o seguimento das elaborações aqui dispostas não recorrer de forma apressada a qualquer encarnação precipitante deste sujeito visado.

Por conseguinte, esta investigação tem como uma das referências primordiais o sujeito e, assim, pode-se dizer que se direciona ao sujeito e pelo saber que se produz em seu entorno de acordo com princípios colhidos, extraídos e elaborados via experiência psicanalítica, princípios constituintes dos fundamentos propriamente ditos dessa construção que se sustenta pela exigência da manutenção justamente de um lugar vago para o posicionamento do sujeito, princípios constituídos por uma nova dimensão ética elaborada a partir do campo do desejo no sentido indicado por Sigmund Freud (1856-1939) e formalizados por Jacques Lacan (1901-1981), princípios constituintes desde então de uma técnica e de uma lógica, um discurso alicerçado sobre o nome *psicanálise* cujos efeitos não têm passado despercebidos na cultura em seu pouco mais de um século de existência.

Sendo assim, a fundamentação, a delimitação do sujeito e do objeto, a linguagem e a própria demarcação do campo de investigação desta pesquisa se constituem a partir dos princípios recolhidos através da experiência psicanalítica e se colocam em jogo de acordo com os elementos da lógica do discurso psicanalítico a partir do referencial teórico fornecido pela própria psicanálise. Desta maneira, se faz necessária a tentativa de lançar um pouco mais de luz sobre os enunciados emitidos nesta primeira apresentação do programa da pesquisa, ou melhor, tentar reduzi-los através da escrita – talvez uma boa maneira para que o movimento aludido acima aponte seu sentido e adquira algum ritmo, seja através da indagação sobre quem ou o quê emite este discurso, enfim, de que lugar ele é emitido, à qual dialeticamente talvez se interponha a questão sobre o endereçamento de tal discurso, aonde chega ele. Questões que, talvez, auxiliem a explicitar e sustentar a orientação e a elaboração dos fundamentos, das demarcações e do sentido da pesquisa em psicanálise.

Faz-se importante notar que se os próprios princípios, os elementos básicos na constituição das normas e diretrizes fundamentais para a estruturação da investigação,

dependem da experiência psicanalítica, demandam tempo para que se articulem de maneira consistente; tempo, é importante repetir, para que em suas consequências haja lugar para o posicionamento do dito sujeito; tempo que, numa primeira apreciação razoável relativa aos nossos dias, por exemplo, poderia muito bem ser considerado escasso, veloz, ou ainda, habitualmente; tempo transformado em cifras, como se costuma dizer também por aqui, “time is money”. Entretanto, o tempo transformado em cifras ou medido mecanicamente – ou como se diz hoje “digitalmente” – teria muitas chances de reduzir a formas bastante diversas as séries de consequências às quais se pretende desenvolver nesta visada, pois geralmente estas proposições escamoteiam a relação do tempo com a morte, com o desconhecido, com o insondável e consequentemente com o que se pode inventar com isso. Desta maneira, quem sabe far-se-ia mais harmônico com esta articulação inicial voltar os ouvidos ao também conhecido dito popular “tempo é subjetivo”.

Levando ainda em consideração o senso comum no que diz respeito à psicanálise ser uma terapêutica que demanda tempo para que os efeitos de sua experiência possam ser apercebidos, ao se voltar ao prumo da pesquisa através do enunciado de que a investigação aqui disposta se estrutura através de uma visada do sujeito, pelo saber próprio articulável nesta visada, a partir de princípios extraídos da experiência psicanalítica, de seus fundamentos, far-se-ia elementar o questionamento sobre suas verdadeiras condições de realização, haja vista que a pesquisa aqui desenvolvida se situa no âmbito universitário, ganhando corpus justamente a partir de um programa com um tempo prescrito para sua realização, o que coloca em xeque precisamente esse caráter subjetivo.

Não há como evitar esse risco no trabalho aqui proposto e para que sejam articuladas algumas consequências das questões levantadas até aqui – com o propósito então de que se consiga um vislumbamento dos princípios fornecidos pela experiência psicanalítica, os quais permitiriam isolar alguns elementos fundamentais do discurso psicanalítico e criaria possibilidades para que uma reflexão sobre as consequências éticas de se colocar em jogo com a linguagem no decorrer de uma investigação psicanalítica – faz-se necessário dirigir-se ao leitor, convidá-lo, adverti-lo, na medida do possível, sobre o que poderá encontrar nas linhas que se seguem, ainda que isso talvez não o valha suficientemente.

Sendo assim, pode-se dizer do escrito que se segue que, no que diz respeito ao autor, não basta fiá-lo por meio de seu “eu”, instância que jaz no imaginário, responsável

por toda sorte de identificações e mini certezas necessitadas de indulgências conforme o exercício de poder. Isto deveria indicar ao leitor não esperar encontrar neste trabalho caracteres autobiográficos que o justificassem em sua intenção, antes seria mais condizente que o encarasse como um testemunho de um exercício teórico fundado em uma prática, o que configuraria o trabalho aqui disposto como uma *práxis* conforme seu sentido clássico, qual seja, uma experiência que visa à criação.

Aqui se faz pertinente a referência à arte, mais especificamente, à arte poética, a qual desde o surgimento da psicanálise não deixou de ocupar um lugar importante nas elaborações desta. Tal referência nos permite em um primeiro momento fazer menção à essência da *práxis* aqui disposta, apontando-nos para um tentar fazer singular com o que se tem em mãos, um tentar fazer com as imposições, com as vicissitudes, com as surpresas e com os transbordamentos da linguagem a partir das condições da língua portuguesa; um tentar fazer que, partindo das imposições da linguagem, quiçá não devesse senão impropriamente ser classificado simplesmente como uma prática dirigida por um hábito ou por um tecnicismo – termo ainda que derivado de “técnica” não mantém uma relação necessária para com a arte –, um fazer, enfim, cujos segmentos e a visada não serão orientados por dados ou fatos que existam *a priori*, podendo ser aplicados segundo modelos pré-estabelecidos, os quais supostamente abririam desta forma uma avenida sem percalços e segura. Deste modo, a essência desta *práxis* nos enreda de maneira justa e em última instância na exigência de criação, haja vista sua disposição a um fazer singular aberto às surpresas, às variedades das possibilidades de condução impostas pela linguagem e pela língua sem recorrer a modelos prescritos.

É neste sentido que a “arte psicanalítica” mantém uma relação com a arte poética e isto pode ser provado desde sua originalidade em seu afazer com as letras, com as palavras, com a fala e com o escrito em uma visada de criação. Deste afazer depende, fundamentalmente, a transmissão em psicanálise, o que nos coloca defronte à questão desta pesquisa, permitindo delinear as bases através das quais pretende se erigir.

Desta feita, se nos é permitido falar em “arte psicanalítica”, não deveríamos também nos questionar a respeito da tentativa de levar adiante este ofício em uma instituição universitária, lugar por excelência da produção do saber científico calcado em uma prática dependente de formulações teórico-conceituais que lhe garantem uma previsibilidade? Esta questão bem poderia ser respondida a partir da referência às palavras,

“Arte e Ciência”, grafadas no brasão da Universidade Federal de Santa Catarina que acolhe este trabalho. Poder-se-ia ainda lembrar que o seio das instituições universitárias abriga diversos fazeres artísticos que encontram lugar em seus cursos de extensão, de graduação e pós-graduação, fazeres em muitos os casos que sustentam diretamente os laços da comunidade com estas instituições, fazendo exercer em sua excelência a função social prescrita em seus estatutos. De outra maneira, poder-se-ia argumentar pela realização de tal *práxis* no âmbito universitário precisamente pela razão da exigência de rigor conceitual praticada em tal espaço. Isto conflui de forma justa com a proposta aqui delineada. No entanto, se faz salutar a princípio manter em suspenso qualquer tipo de resposta definitiva que encerre o campo de tensões e possibilidades que esta questão apresenta, sendo pertinente ao propósito deste trabalho justamente examiná-lo mais de perto no decorrer de sua escritura. Neste sentido, é primacial seguir a investigação com o intuito de traçar melhor alguns dos contornos desta *práxis*, como dito logo acima, um exercício teórico, efetivado pelo ato de escrita e fundamentado pela psicanálise.

Demonstrado de início e de forma sucinta a complexidade de determinação do sujeito visado nesta pesquisa, a natureza da *práxis* psicanalítica poderia ser definida como uma operação que busca dar conta do vazio constituinte do sujeito em sua relação com a linguagem. Um vazio que bem poderia ser um fazer vasos. Atualmente, de forma industrial, sob a égide da tecnologia, fazem-se vasos que servem para todo tipo de coisas. De forma bem diferente, o mais simples oleiro, com suas mãos, um pouco de terra e água, também faz com o vazio. O psicanalista igualmente se ocupa do vazio com seu ato e, também, com suas palavras, tendo como produto um saber fazer – tal como o do artista, o do poeta – um saber fazer em relação ao sujeito efeito da linguagem, um saber fazer com a verdade que sustenta o modo pelo qual um ser falante é afetado à sua revelia por aquilo que pela ação da linguagem vem ocupar o vazio a partir do qual se ordena seu desejo.

Esse saber fazer, produto de uma psicanálise, transforma o sujeito, essa é a sua pretensão. Estamos no campo lacaniano. Graças a Freud? Se este não houvesse inventado a psicanálise, haveria Lacan dado contornos ao dito campo lacaniano? Não foi sem ironia que ele próprio se referiu a tal campo. Mas em verdade pode-se falar em campo lacaniano como lugar de cultivo de onde a psicanálise retirou meios para que não perecesse, nos anos que se transcorreram após a descoberta de Freud, perdendo de vista sua originalidade, que poderíamos tentar indicar da seguinte forma: o homem não é senhor em sua casa, mas é

responsável por ela. Eis a radicalidade da ética psicanalítica, a ética do desejo, cujas trilhas desvelam a complexa relação do sujeito com a linguagem, sua morada, que lhe permite tanto a criação como lhe barra qualquer solução perfeita, completa, acabada.

Neste sentido, poder-se-ia dizer que a elaboração aqui realizada no campo psicanalítico tem como visada a criação, mas não de forma errante, pois segue uma orientação precisa, nomeada lacaniana e que buscaremos no decorrer deste escrito delinear seus contornos. O próprio ensinamento de Lacan nos indica que, em psicanálise, não se cria do nada, como dito acima, a matéria com a qual o psicanalista trabalha, ou seja, seus atos e suas palavras, material significativo do qual se espera uma invenção singular, uma transformação operada no ser falante com relação ao seu desejo segundo o material da linguagem.

Deste modo, se a psicanálise pode ser vista como um convite à invenção, o trabalho aqui disposto, seguindo a direção vetorial do desejo, se perfaz pela orientação lacaniana com o intuito de construção de um percurso capaz de transmissibilidade, um percurso através do qual diferentes sujeitos possam se alojar em seus espaços, em seus vazios, colocando, assim, a questão psicanalítica em movimento, a questão radical da singularidade. Assim, este percurso evidencia a tentativa de um ser falante, às voltas com o não-todo linguagem, de extrair um objeto, o escrito, capaz de passar a público um saber singular, não um saber constituído, mas dependente justamente do sujeito único que possa advir onde o escrito falha, claudica, repete, se contradiz.

Depois de tentar esboçar algo acerca do sujeito, estamos na lida com o objeto, este que deve ser extraído de maneira justa do lugar do funcionamento da linguagem e, de acordo com nossa orientação, o leitor não poderá ocupar um lugar inconsequente em relação ao retorno que ele impõe quanto às questões lançadas. O estilo é o objeto, eis o ensinamento lacaniano que, apontando para o singular, não exclui que pensemos num método, um caminho pelo qual seguir que não incorra simplesmente na imponente fetichização das relações de produção.

Desta maneira, podemos indicar então o caminho pelo qual seguiremos com esta tentativa de fazer uso da linguagem para confeccionar um escrito que dê ensejo à transmissão da experiência psicanalítica, esta *práxis* que, de acordo com nossa orientação, só poderá não desembocar numa relação de poder se formos capazes de efetuar a separação entre o que é da ordem imaginária, da imagem, do mesmo, da agressividade, da

identificação, e do que é da ordem do simbólico, da tortuosidade, do que marca, do material significante que afeta e transforma o corpo. Destarte, nosso trabalho segue seu rumo de maneira justa pelo caminho que nos oferece a orientação lacaniana, qual seja, não há como não ler Freud caso se pretenda avançar no campo psicanalítico, não há como não retornar a Freud. Através deste retorno, tentaremos restituir o contexto, a história dos conceitos trabalhados por ele, no caso os conceitos de inconsciente, resistência, desejo, fantasia, transferência, repetição. É fundamental esta tentativa, levando em consideração que os conceitos em psicanálise não funcionam de maneira isolada, justamente por fazerem parte de uma trama conceitual. Cada um está relacionado aos outros de forma elementar e não podem funcionar senão sob a égide de suas relações, tais como fios que necessitam de enodar-se para constituírem uma trama, um tecido, uma teia.

Após enveredarmos por esse caminho de restituição contextual dos conceitos, colocaremos estes à prova em seu funcionamento e a via pela qual seguiremos, a partir de então, pode ser indicada pelo que nos ensina a palavra experiência, esta tomada de acordo com o que nos fornece a própria epistemologia lacaniana. Neste sentido, será buscado colocar em experiência o escrito como tentativa de provocar no leitor o ímpeto de ir adiante, pesquisar, contradizer, achar, fazer, inventar com o que falta conforme seu desejo. Por fim, não chegaremos às respostas a partir das questões lançadas – não nos enveredaremos pelo caminho da compreensão – senão as endereçaremos a quem desejar fazer com elas da forma que lhe seja possível.

Portanto, seguir uma orientação lacaniana significa ir em direção ao real, ao impossível de simbolizar, sem desistir de tentá-lo com a expectativa de que algo se faça laço, trabalho; sem a esperança de se fazer compreendido, sem querer fechar a questão, pois é fundamental que ela permaneça aberta e que algo do desejo seja tocado e a transmissão aconteça; que a coisa freudiana esteja em vida, que toque alguém que decida ocupar-se dela com todo o rigor exigido, que decida ocupar-se do seu desejo pagando o preço de não ter condições para saciá-lo.

A descoberta clínica e o sinuoso percurso de Freud para inventar a psicanálise

Pela via dos escritos iniciais: a abertura das questões freudianas

Os últimos anos do século XIX são considerados convencionalmente como o momento “pré-psicanalítico” por excelência. Em pouco mais de uma década, podem ser encontrados escritos os quais permitem notar alguns passos dados pelo pesquisador Freud, passos que o levavam a eleger o campo de sua investigação não mais a partir de um laboratório científico convencional, mas fundamentalmente a partir da clínica de pacientes.

Entre os escritos desta época tomados como referência, em um primeiro momento, estão os relatórios sobre seus estudos em Paris e Berlim (1886). Estes já permitem uma apreciação da nítida e complexa transformação do interesse pela “anatomia cerebral” para a hipnose, sugestão, histeria e sexualidade. “Neste relatório”, escreve Freud, “dediquei espaço considerável aos comentários sobre a histeria e o hipnotismo, porque era totalmente novo e que foi objeto dos estudos específicos de Charcot. Embora me tenha referido menos às doenças orgânicas do sistema nervoso, não gostaria que se supusesse que vi pouco ou nada a delas” (Freud 1886/1996, p. 47). Entre tais escritos são encontradas traduções e prefácios às obras de Martin Charcot (1825-1893) e de Hyppolyte Bernheim (1837-1919), além de artigos, verbetes para enciclopédia, esboços, rascunhos diversos e uma vasta correspondência onde podem ser vislumbrados modelos, esquemas, teoremas, teses e discursos nos mais variados tons. Acredita-se assim que, desta maneira, através da elaboração com estes escritos, seja possível dar conta de uma longa busca por uma sistematização para o funcionamento do psiquismo humano, este que se desvelava a ele por meio da clínica (Freud 1886-1899/1996). Uma clínica nascente, singular e viabilizadora das novas condições para a construção de um campo de pesquisa em torno da *Psyché* ou *Seele*, da psique ou alma.

Estes primeiros escritos testemunham a tentativa de realizar uma possível junção entre a clínica e um novo campo de pesquisa que busca delinear o funcionamento do psiquismo, apontando para uma direção um tanto diversa do caminho pelo qual seguia com enormes evoluções teóricas e técnicas o mecanicismo localizacionista anatômico do sistema nervoso.

O interesse, os estudos e a clínica com as “doenças nervosas” levam Freud em 1888 a definir a histeria, via principal de sua trajetória, como “uma neurose no mais estrito sentido da palavra” – em um verbete intitulado “Histeria” do dicionário de medicina geral

editado por Albert Villaret – “não só não são achados nessa doença alterações perceptíveis do sistema nervoso, como também não se espera que qualquer aperfeiçoamento das técnicas de anatomia venha revelar algumas dessas alterações” (Freud 1888/1996, p. 77 e 78). Na histeria, o sistema nervoso encontra-se preservado de “alterações perceptíveis”; no corpo não são detectadas lesões anatômicas, entretanto o sujeito sofre amnésias, afasias, paralisias, contraturas ou convulsões. Faz-se interessante ainda notar que a sentença de Freud não aposta que o progresso médico-científico viria a desvelar por completo tais alterações. Neste verbete, “a sintomatologia da grande histérica” é considerada como sendo “extremamente rica, mas nem por isso anárquica” – o que sugere certa organização (p. 78). A incrível sintomatologia, a falta de lesão perceptível em pacientes histéricos e a insistência de Freud de que isto não acontece sem um ordenamento, colocavam-no em uma delicada posição em relação à Neurologia, pois, se na histeria o corpo sofre sem uma causa anatômica aparente, o que menos poderia interessar à ainda jovem ciência neurológica, que alcança desenvolvimentos extraordinários em seu campo, seria o retorno da *Psiqué*, da alma, do anímico, exercendo influência sobre o corpo.

Como não se assinavam estes verbetes, entre os quais se encontra “Histeria”, é interessante notar com a psicanalista Monah Winograd (2004) que dois outros artigos, “Cérebro” e “Afasias”, do primeiro volume do *Handwörterbuch der Gesamten Medizin*, não publicados na edição das obras completas, teriam Freud como autor (p. 106; Solms e Sling 1990). A edição *standart* publica ainda outro breve escrito, que também estaria na enciclopédia de Villaret, “Histeroepilepsia”, o qual igualmente teria sido por Freud escrito (Freud 1886/1996, p. 95).

“Cérebro”, de acordo com Winograd, “apresenta o encontro entre dois campos – neurologia e psicologia – em uma só alma” (p. 96). O artigo, que se apresenta como uma introdução à estrutura e funcionamento do cérebro humano, contém duas partes: a primeira sobre neuroanatomia descreve primeiramente o desenvolvimento embriológico do cérebro, a sua topografia geral e sua anatomia; em seguida realiza uma revisão das técnicas de histologia e uma apreciação da investigação neuroanatômica da época, seguindo através de uma crítica à concepção ortodoxa das relações “estruturo-funcionais” no sistema nervoso. Essa primeira seção termina discorrendo sobre o polêmico “tema do curso das trilhas sensoriais e motoras através do sistema nervoso” (p. 96 e 97). O tema das trilhas, das vias de condução, de transmissão de estímulos, de informações, de representações e de

substâncias se mostrava como um interesse geral de investigação naquela época, como, aliás, hoje ainda não o deixou de ser, haja vista a enorme importância atribuída aos “neurocondutores” pelas neurociências.

A segunda parte deste verbete trata das relações dos processos neurofisiológicos e dos processos psíquicos, sendo conduzida por meio de uma especulação sobre como estes processos psíquicos podem ser representados no cérebro. Essa segunda seção termina com uma discussão sobre fisiologia do córtex e de algumas estruturas do sistema nervoso (p.97). Neste momento pode-se dizer ser possível encontrar um Freud dividido entre neurologia e psicologia? Sem dar uma resposta que cerre a questão neste momento, o que tamponaria justamente a abertura pela qual se orienta o trabalho aqui desenvolvido, seguir-se-á por uma passagem de “Cérebro” para dar seguimento a esta reflexão:

Ademais, existe o fato, inacessível por meio da compreensão mecânica, de que simultaneamente ao estado de excitação, definível mecanicamente, de elementos cerebrais específicos, estados específicos de consciência, acessíveis somente através de introspecção, podem ocorrer. O fato real da conexão entre mudanças no estado material do cérebro e mudanças no estado de consciência, mesmo que esse fato seja incompreensível mecanicamente, faz do cérebro o órgão da atividade anímica. Mesmo a natureza da conexão sendo incompreensível para nós, ela não é sem leis e, baseado na combinação entre experiência dos sentidos externos, de um lado, e introspecção interna, de outro, estamos aptos para afirmar algo sobre estas leis. Se uma mudança específica no estado material de um elemento cerebral específico conecta com uma mudança no estado de nossa consciência, então esta também é inteiramente específica; entretanto, ela não é dependente somente da mudança no estado material, quer esta conexão ocorra, quer não. Se o mesmo elemento cerebral passa pela mesma mudança de estado em momentos diferentes, então o processo anímico correspondente pode estar ligado a ele numa ocasião e não em outra. No momento, não estamos aptos a formular melhor as leis que governam isto. Não sabemos se a conexão depende, além da mudança de estado dos elementos considerados, de estados e mudanças simultâneos em outros elementos cerebrais, ou, ademais, se também depende de outra coisa (Freud, 1888/1990, p. 62-63; Winograd 2004, p 95).

Já no início o trecho citado diz que, simultaneamente à excitação definida de forma mecânica a partir de elementos cerebrais específicos, podem ocorrer estados de consciência “acessíveis somente através de introspecção”. As mudanças nestes estados específicos de consciência, não dependentes somente do estado material compreendido pela anatomia,

embora estejam para além da compreensão mecânica, estão em conexão com as mudanças no estado material do cérebro, fazendo do cérebro o “órgão” da atividade da alma, do anímico, do psíquico. Seria, pois, o cérebro o substrato no qual acontecem os processos psíquicos? Se, retirando a possibilidade de evidenciar a causa da perturbação dos processos psíquicos puramente através dos princípios da fisiologia anatômica em vigor, não se estaria incorrendo no campo do inefável? Estes estados de consciência, que não são acessíveis de qualquer maneira senão pelo que Freud chama de introspecção, dariam indícios para alguma afirmação sobre o gérmen do que viria ser o conceito de “inconsciente”? Ao postular que na combinação entre experiência de sentidos externos e introspecção interna poderia se encontrar alguma via pela qual algo rudimentar pode ser dito sobre as leis que governam isto, não estaria Freud se deparando com alguma coisa que o obrigaria mais tarde a elaborar segundo a teoria das pulsões? Seriam no mínimo instrutivas acaso as duas últimas questões pudessem ser respondidas afirmativamente de imediato, embora me pareça imprudente, pois a referida passagem diz apenas que pouco se sabe sobre a conexão entre a matéria orgânica e o psiquismo, suas condições e dependências, afirmando apenas que, apesar de escapar à compreensão da ciência médica naquele momento, tal conexão é regida por leis. Sejam os guiados, pois, pela elaboração com as duas outras questões.

Freud busca maneiras de articulação das leis de um psiquismo cujas perturbações, embora ultrapassem a consciência, o conhecimento e as técnicas anatômicas, incidem no que diz respeito tanto à consciência quanto ao corpo. No acossamento de Freud por tal articulação, instigado pelos fenômenos com os quais se depara na clínica, principalmente, no que diz respeito à clínica com os pacientes histéricos, no enalço de uma estruturação dos elementos fornecidos pela experiência clínica, a noção de conflito psíquico será determinante para um novo questionamento sobre a causa do sofrimento humano.

É significativo notar com o psicanalista Antonio Godino Cabas (2009) que a “dimensão da causa envolve vários planos”, dos quais se ocupam campos de saberes distintos, tais como a religião, na qual vigora a “causa final”; a mágica cujo saber é caracterizado pela “causa eficiente”; a ciência, que se ocupa, em última instância, da “causa material”, da “causa formal” própria do cálculo científico - esta que, em suma, importaria à psicanálise (p. 55). Desta maneira, não seria acertado afirmar que Freud,

abandonando a matéria, no caso a matéria orgânica, descobriria o inconsciente. Na verdade isto seria um erro crasso, pois o corpo continua sendo o suporte material pelo qual se pode abordar o psiquismo, mesmo quando a elaboração dos conceitos fundamentais da psicanálise se encontra avançada. Encontra-se um bom exemplo para se pensar essa formulação em uma carta, datada de cinco de junho de 1917, ao médico e psicanalista George Groddeck (1866-1934), na qual Freud diz “certamente o inconsciente é a mediação correta entre o corporal e o psíquico, talvez o *missing link* do qual há tanto tempo se sentia falta”, o que evoca ainda a famosa definição dada ao conceito de “pulsão como conceito limite entre o psíquico e o somático” (Freud-Groddeck 1975; Freud 1915/1996). O corpo enquanto suporte para o psiquismo “a clínica da histeria revelou, desde o início, que não se trata de um suporte neutro”, como afirma Godino Cabas, “por isso é um corpo que além de funcionar conforme os princípios da fisiologia anatômica... fala” (p. 62). Assim, pode-se dizer que, o psiquismo que se constituía como via de investigação a partir da elaboração da experiência clínica por Freud, em momento algum deslizava para o campo místico, mágico ou religioso, pois a matéria corpórea continua tendo consistência de causa do psiquismo, embora já não mais, de forma absoluta, somente em seu estatuto biológico, pois o corpo, como mostra a experiência, tanto afeta como é afetado pelo psiquismo.

Lacan, no escrito “A ciência e a verdade” (1965-1966/1998), diz que ao contrário do pretenso rompimento de Freud com o cientificismo de sua época, por evocar sonhos, lapsos, esquecimentos, acontecimentos da vida cotidiana, foi este mesmo cientificismo “que conduziu Freud, como nos demonstram seus escritos, a abrir a via que para sempre levará o seu nome” (p. 857). É por esta marca essencial da ciência que a via aberta por Freud “preserva seu crédito, malgrado os desvios aos quais se prestou, e isso na medida em que Freud se opôs a esses desvios, sempre com uma segurança sem retardos e com um rigor inflexível”, diz Lacan (idem). Pode-se dizer que, apesar dos modelos localizacionistas mecanicistas do cientificismo da época de Freud não conseguirem explicar a causa das neuroses, ele aposta em uma causa formalizável de acordo com o cálculo científico, haja vista que as próprias elaborações com a linguagem científica não serão destituídas de seu lugar de importância em seus escritos durante os anos que se seguem.

Em 1953 na abertura de “O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud”, Lacan ensina que o aquilo Freud descobria era o próprio “pensamento em movimento”, perpetuamente aberto à revisão, algo que não poderia, pois, ser reduzido por meio de

palavras gastas, pois cada noção formulada a partir da experiência possui vida própria. “Os conceitos têm uma ordem de realidade original. Não surgem da experiência humana – senão seriam bem feitos”. A linguagem formada na qual Freud se servia (os conceitos utilizados em sua época) era um entrave para a formalização do que ele achava através da experiência clínica com as neuroses. Como ensina ainda Lacan, faz-se necessário restituir um contexto às noções utilizadas por Freud para formular as questões que lhe acometiam a clínica. Todavia, para apreender o valor de tais formulações, embora seja necessário “fazer história, história do pensamento, e dizer que Freud apareceu num século cientista”, isso não basta – uma vez que o que Freud reintroduz é o sentido, “o que está em questão é a subjetividade do sujeito, nos seus desejos, na sua relação com o meio, com os outros, com a própria vida”. Sendo assim, poder-se-ia supor uma ligação de Freud com um pensamento arcaico ou até místico, pois vislumbrar uma descoberta de leis de um funcionamento psíquico em um tratamento às doenças que, pela opinião corrente, ainda não passavam de obra demoníaca, de “falta do que fazer”, ou mesmo fingimento, como convencionalmente eram considerados os fenômenos histéricos até mesmo pela medicina científica da época, interessar-se por mentiras, esquecimentos ou crises diversas sem comprovação anatômica, por sonhos, por desejos, chistes ou mitologia, como veremos posteriormente, tudo isso coloca Freud frente à evidente possibilidade de se perder no campo das especulações, no campo imaginário, no qual, segundo Lacan, ele não se expande justamente por causa dos achados através da experiência clínica. De forma diferente do ideário cientificista de sua época, os limites impostos ao tentar ouvir o que o próprio sujeito articula em torno de si conduzem Freud a considerar a si próprio como causa para que o avanço no campo da análise das neuroses aconteça (Lacan 1953-1954/ 1986, p. 9 e 10).

As elaborações a partir da experiência clínica na tentativa de articular as leis de um aparelho cuja perturbação causa sofrimento, ainda que não sejam detectáveis pelo cientificismo de sua época, colocam Freud – de acordo com Lacan em “os quatro conceitos fundamentais da psicanálise” – frente a uma “hiância” própria à “função da causa”, um problema que muito embaraça os filósofos, pois “cada vez que falamos de causa, há sempre algo anticonceitual, de indefinido”. Frente à função de causa, há sempre algo próximo da opinião, da falta de um juízo último, determinado e preciso. Lacan diz ainda que, por quais vias for referida a causa, “existe causa para o que manca”, na determinação entre a causa, seja ela qual for, e seus efeitos “há sempre claudicação” (Lacan 1964/2008,

p. 29). A função da causa, do que claudica, do que manca, tropeça, esta função, portanto, antes de ser tomada de forma mais apropriada nesta pesquisa, já não deixa de remeter às verdades primárias trazidas pela psicanálise, ou seja, para que de tal função algo seja extraído, formulado, e desde muito cedo Freud percebe isto, ele deveria se colocar a si próprio como causa, nos atos falhos em geral, lapsos, esquecimentos, sintomas ou sonhos, nos acontecimentos da vida cotidiana. Em tudo isso que resiste em ser taxinômico, prognosticado, explicado ou entendido de acordo com a linguagem cientista de sua época, ele estava em causa desde que se colocasse a ouvir o sujeito que lhe endereçava seu mal estar. Para que sejam vislumbrados ainda alguns dos níveis pelos quais acontecem as claudicações das elaborações do que viria ser o aparelho psíquico, boas pistas são fornecidas por Freud justamente ao que concerne à histeria. Detenhamo-nos a elas, então, para que não se perca o eixo da investigação aqui proposta.

A grande variedade, a associação e a mutabilidade dos sintomas histéricos incidem no corpo, incidência a qual, sem necessariamente forçar uma metáfora que pudesse conduzir a um desvio do que se busca tratar aqui, pode se estender ao corpo social do doente, incidência, como mostra a experiência, real, que pode desorganizar a vida do ser humano, incidência que não acontece sem leis, sem lógica. Eis o que se pode ver Freud buscando nestes primeiros escritos – os princípios que regem o psiquismo humano em seu funcionamento e a causa de sua perturbação e do consequente sofrimento gerado.

Antes de dar seguimento ao voo panorâmico, passando pelos escritos da década dos 1890, serão dadas ainda algumas voltas nos anos oitenta para que identifiquemos, através de tais pistas, em alguns dos passos dados por Freud, os rumos pelos quais era levado por meio de sua experiência.

A fala histérica e as sementes conceituais da psicanálise

Ainda nos tempos de universidade, quando trabalhava no laboratório de fisiologia do médico e fisiologista Ernst Brücke (1819-1892), Freud conheceu o respeitado médico de família vienense e cientista Josef Breuer (1842-1924), de quem frequentou alguns cursos no instituto de fisiologia na universidade, travando uma amizade que seria capital para a troca do laboratório para o consultório médico. Em seu “Um estudo autobiográfico”, quase cinquenta anos após esse encontro, está escrito que os dois amigos desenvolvem o

hábito de compartilharem todos os interesses científicos, alegando que apenas ele próprio, Freud, teve a ganhar com isto e que o avanço da psicanálise lhe custara essa amizade (Freud 1925 [1924]/1996, p. 26). Dessa forma, ainda na primeira metade da década de 1880, quando os seus principais interesses ainda estavam concentrados na anatomia do sistema nervoso, o trabalho conjunto com Breuer abre uma nova perspectiva de pesquisa científica.

Nesta época – em que o tratamento da histeria se baseava praticamente nos métodos de Weir Mitchell (1829-1914), tais como tratamento de repouso, hidroterapia, eletroterapia, isolamento, massagens – Freud se impressiona por demais com um caso clínico, ocorrido entre os anos de 1880 e 1882, que Breuer havia “tratado de maneira peculiar, o qual lhe permitia penetrar profundamente na acusação e no significado dos sintomas histéricos” (Freud 1925 [1924]/1996, p. 26). Após o primeiro relato do caso no final de 1882, por várias vezes foi feita por Breuer a leitura de trechos da história clínica e Freud logo se convence “que isto contribuía mais no sentido de uma compreensão das neuroses do que qualquer compreensão prévia”. Assim, o estado de coisas descobertas neste tratamento “pareceu-me ser de natureza tão fundamental que não pude crer que pudesse deixar de estar presente em qualquer caso de histeria”, diz Freud, “mas a dúvida só poderia ser resolvida pela experiência” (p. 26, 27 e 28). Desta maneira, ele se empenhou intensamente na experiência clínica com pacientes histéricos, tendo como referência as descobertas trazidas pelo método segundo o qual Breuer havia tratado sua então paciente Bertha Pappenheim (1860-1936), caso clínico em que ficou conhecida por “Anna O.”.

Antes de arriscar um esboço dos fundamentos do método, que tanto impressionara a Freud, faz-se necessário notar que, com os achados no avanço de sua experiência clínica com a histeria, ele se muniu – durante os anos que se seguiram às apresentações do caso clínico tratado por Breuer – de um considerável material escrito a partir do qual tenta convencer o companheiro de trabalho de que os dois deveriam empreender uma publicação conjunta. Como demonstra em “Um estudo autobiográfico”, Breuer resiste veementemente a tal publicação. Entretanto, Freud não desiste e em 1893 publicam uma comunicação preliminar “Sobre os mecanismos psíquicos dos fenômenos histéricos” e em 1895, o livro “Estudos sobre a histeria” (Freud 1925 [1924]/1996). Quase trinta anos depois, em “Uma breve descrição da psicanálise”, colocando em relevo a importância do caso Anna O., Freud diz que:

Os achados de Breuer não foram comunicados ao público senão quinze anos mais tarde, após ele haver tomado por colaborador o presente autor (Freud). Esse caso de Breuer retém sua significação única para nossa compreensão das neuroses até o dia de hoje, de modo que não podemos evitar demorar-nos nele um pouco mais (Freud 1924 [1923] / 1996, p. 217).

Sendo assim, na primeira metade da década dos 1880, diante da observação capital de que a pesquisa anatômica cerebral convencional de laboratório poderia se tornar um sério empecilho a qualquer avanço das impressionantes noções formuladas por meio dos achados de Breuer através do tratamento de Anna O., Freud decide dedicar-se às “doenças nervosas” e, ainda com base em suas publicações histológicas e clínicas de acordo com o que aprendera em Viena até então, consegue uma bolsa de estudo em 1885, bolsa a qual lhe fornece as condições para ingressar como aluno, *élève*, na Salpêtrière, entrando, desta forma, em contato com o ensino de Martin Charcot, cujas experiências com a histeria, embora não visassem deliberadamente uma terapêutica, provavam “a autenticidade das manifestações histéricas e de sua obediência a leis”, *introite et hic dii sunnt* – frase citada por Freud, em correspondência datada de 4 de dezembro de 1896, antecessora em dois dias da famosa carta, denominada 52, da qual será necessário nos aproximarmos adiante, cartas enviadas ao mesmo destinatário, ao médico cirurgião otorrinolaringologista Wilhelm Fliess (1858-1928). Na primeira, há uma frase como um provável dístico para um capítulo de um livro sobre a histeria que parece nunca ter sido escrito de fato, aparecendo décadas depois em seu estudo autobiográfico. Esta frase, comumente citada como ‘*Introite, nam et hic dii sunt*’, foi usada como anúncio para a sua peça *Nathan der Weise* pelo poeta também considerado iluminista Gotthold Ephraim Lessing (1729-1781). ‘Entrai, pois aqui também há deuses’, como explica James Strachey (1887-1967), frase que “Aristóteles em *De partib animal*, I, 5, atribui a mesma, em sua forma grega, a Heráclito” (Freud 1925 [1924]/1996, p. 20).

“Entrai, pois aqui também há deuses”? Que diabos isso quer dizer? Como com deuses, ou ainda diabos, com alma ou com uma mesmo que indireta remissão ao jônio Heráclito, que ficou conhecido pela alcunha de *Skoteinós*, “obscuro”, como que com tais referências poderia vir a ser confirmada a autenticidade dos fenômenos histéricos?

Tais questões não passam de pequenas reverberações da experiência a que Freud se via imerso naquele momento. Pequenas reverberações que só funcionam graças ao que ainda chega do próprio Freud, como em seu estudo autobiográfico que bem compõe a nós a

complexa situação em que ele se encontrava quatro décadas antes quando entrava em contato com as últimas investigações charcoteanas acerca da histeria. Diz ele, “muitas demonstrações de Charcot começaram por provocar em mim e em outros visitantes um sentimento de assombro e uma inclinação para o ceticismo, que tentávamos justificar recorrendo a uma das teorias do dia” (p. 20). Às investidas dos “visitantes” – Freud faz referência aos alemães, aos estrangeiros em geral, faz referência a ele próprio e à escola alemã cujos grandes representantes o fisiologista e físico alemão Hermann Helmholtz (1821-1894) e Ernst Wilhelm Von Brücke (1819-1892), entre outros, que impuseram um mecanicismo organizacionista à neurologia e à psicologia, isolando-as de qualquer modelo filosófico que seja, como explica Elisabeth Roudinesco e Michel Plon (1998, p. 330) –, às interposições teóricas endereçadas ao espetáculo promovido no hospital da Salpêtrière, o “grande homem”, como Freud costumava se referir a Charcot, responde de forma marcante “*Ça n' empêche pas d'exister*”, ou seja, que tais fenômenos escapem à teoria “isso não os impede de existir”. Do espetáculo parisiense Freud retorna à sua escola com ideias um tanto polêmicas, tais como as de que os fenômenos histéricos obedecem a leis, frequentemente se manifestam em homens e podem ser provocados pela sugestão hipnótica, revelando-se como nos “acessos espontâneos, que eram muitas vezes provocados traumáticamente” (Freud 1925 [1924]/1996, p. 21).

No escrito de 1925, Freud ainda revela seu estupor face aos experimentos do médico Hippolyte Bernheim, com quem fora “aperfeiçoar sua técnica hipnótica” em Nancy no ano 1889. Tais experimentos, explica, causavam “a mais profunda impressão da possibilidade de que poderia haver poderosos processos mentais que, não obstante, permaneciam escondidos da consciência dos homens”. De acordo com o próprio Freud, para que sejam entendidos os seus interesses científicos é preciso notar que desde o começo ele fizera “uso da hipnose de *uma* outra maneira, independente da sugestão hipnótica”. Este começo, como indicado acima, pode ser datado do encontro com o trabalho de Breuer. Sendo assim, para que sejam delineados alguns traços que permitam o entendimento de alguns desses interesses aos quais Freud se refere, acredito ser importante dar-lhes seus contornos através de uma maior aproximação deste momento de seu percurso (Freud 1925 [1924]/1996, p. 24).

Desde o retorno dos estudos com Charcot em Paris e de sua instalação em Viena como médico, dedicando-se então ao “tratamento de pacientes nervosos” sob inspiração do

novo método que se impôs a Breuer por meio do tratamento de Anna O., somada à sua sempre corajosa insistência investigativa e ao seu incansável rigor teórico conceitual, Freud, pode-se dizer, segue a via terapêutica que o conduzirá a novas veredas através das quais soube enxergar que caminhava em um novo campo de pesquisa ainda sem delineamento. Em seu estudo autobiográfico, Freud conta que buscou levar ao conhecimento do “grande homem” as descobertas relativas a tal caso clínico, mas que este não demonstrou interesse, restando-lhe recorrer mais uma vez a Breuer para que tentassem ouvir mais e articular melhor os elementos do precioso tratamento realizado por este já há alguns anos. Sobre o caso explica que:

A paciente tinha sido uma jovem de educação e dons incomuns, que adoecera enquanto cuidava do pai, pelo qual era devotamente afeiçãoada. Quando Breuer se encarregou do caso, este apresentou um quadro variado de paralisias com contratura, inibições e estados de confusão mental. Uma observação fortuita revelou ao médico da paciente que ela podia ser aliviada desses estados nebulosos de consciência se fosse induzida a expressar em palavras a fantasia emotiva pela qual se achava dominada. A partir dessa descoberta, Breuer chegou a um novo método de tratamento (Freud 1925 [1924]/1996, p. 27).

Esta nova maneira de tratamento teria sido nomeada pela própria paciente como *talking cure*, tratamento pela fala. O método deste tratamento, chamado por Breuer e por Freud de método “catártico”, consistiria a partir da condução do paciente a falar sobre “o que lhe oprimia a mente”. A sugestão hipnótica entrava aqui, diferentemente da sugestão hipnótica direta para a remissão dos sintomas, como instrumento de auxílio para que o doente conseguisse falar sobre sua história, suas lembranças, sobre seus traumas que, em estado de vigília não conseguiam às vezes ao menos se lembrarem. No caso de Anna O., a sugestão hipnótica não se mostrou tão fundamental, pois a paciente apresentava certa desenvoltura em produzir material para a realização do trabalho cujo objetivo era a eliminação dos sintomas. Tal objetivo, a partir de certo momento, para ser alcançado, teria de seguir um outro veio delineado pela fala do próprio paciente.

Deve ter parecido estranho ao mundo científico da época um tratamento para afecções nervosas que tenha a fala do doente como filão. Dar ouvidos à fala do paciente – muitas vezes alucinada, carregada de um sofrimento insuportável – deveria parecer bastante obscuro aos olhos dos médicos cientistas de então. Dar ouvidos à fala, às vezes pouco articulada ou inibida em diversos níveis, como via pela qual seguir no tratamento

das doenças nervosas, deveria ressoar em suas orelhas de forma abrupta e talvez isso não pudesse deixar de remetê-los ao pensamento das tradições ocultistas, místicas, religiosas. Em verdade, supor um saber sobre as doenças nervosas que se articulasse através da fala do paciente levantava uma questão incômoda aos iluminados médicos, uma questão que lhes escapava à compreensão e os confrontava do alto de suas cátedras – a questão do saber produzido pelo próprio paciente a respeito do seu sintoma. Poder-se-ia dizer desta maneira que o conceituado médico Breuer, com o seu considerável currículo científico, teria suas razões em resistir às investidas de Freud para que publicassem as descobertas realizadas em seus trabalhos, certamente por se aperceber o quão longe esse tipo de experiência poderia levar.

De fato, a grande descoberta realizada no tratamento de Anna O. fora a de que, através da fala, ocorria um alívio nos sintomas da paciente. Esta descoberta conduz os autores dos “Estudos sobre a histeria” à construção da hipótese de que as experiências acompanhadas de uma grande dose de “afeto” nos pacientes histéricos, diferentemente do que deveria acontecer normalmente, ou seja, o afeto ser “descarregado” via atos reflexos ou diluídos pelas próprias associações conscientes com outros materiais psíquicos; o afeto nos pacientes histéricos, ainda que as lembranças das experiências às quais este afeto se encontra ligado fossem rechaçadas da consciência, continua tendo peso durante suas vidas, manifestando-se como sintomas.

O método catártico consistia, com o auxílio do instrumento da sugestão hipnótica, em fazer com que o paciente se lembrasse das experiências vividas, introduzindo estas lembranças na consciência, portanto, este afeto era descarregado, “ab-reagido”, e o paciente se via livre dos sintomas. Diferentemente de Anna O., que produzia um vasto material para o trabalho, exigindo praticamente que Breuer apenas ficasse quieto e a escutasse no que tinha a dizer, os pacientes em geral não conseguiam de maneira aparentemente tão simples adentrar no mundo de suas lembranças, de suas histórias, por conseguinte não demoraria muito para que Freud enfrentasse dificuldades com tal método, notadamente no que dizia respeito ao manejo técnico da hipnose. Como visto acima, essas dificuldades não se restringiam à prática clínica de Freud, pois em sua interface teórica – na tentativa de formular os achados da experiência – ele também era convocado em seu percurso a uma não menos exigente, complexa e ardilosa elaboração que o colocaria a trabalhar durante toda a sua vida.

Para que se pondere sobre a dupla exigência, diga-se assim, à qual Freud se achava submetido, creio ser forçoso desde já não somente remeter à importância do conhecimento teórico para o enfrentamento dos obstáculos clínicos do dia-a-dia, como também realçar a importância da supervisão clínica nestes enfrentamentos – práticas já estabelecidas na medicina certamente há bastante tempo – para que deste modo seja plausível pensar sobre o possível desdobramento dessa exigência ainda em uma terceira face necessária em psicanálise, com a qual Freud se deparará um pouco adiante com o avanço de sua experiência e que não poderá deixar de ser colocada em causa no seguimento do trabalho aqui disposto. Tornando-se assim tripla, essa exigência faz-se também estrutural na formação em psicanálise, tal como pode ser observada por meio da clássica formulação da “verdadeira prática da psicanálise”, feita por Freud cerca de trinta anos depois deste momento inicial de sua aventura em um breve artigo intitulado “Sobre o ensino da psicanálise nas universidades”, onde diz que tal prática, a psicanalítica, não pode prescindir: primeiro de um estudo teórico, não primeiro de acordo com uma ordem de importância hierárquica, pois esses três elementos formariam em conjunto a própria base da prática analítica, primeiro no sentido de um estudo que vai da literatura especializada, passando pelos encontros, entre os psicanalistas com o intuito de fazerem avançar as elaborações teóricas; segundo não se poderia prescindir em se tratando também da psicanálise de uma supervisão com um psicanalista reconhecido por sua prática; e por último, a imprescindível condição de que o praticante da psicanálise leve adiante uma “análise pessoal”, exigência impensável no caso do praticante de medicina (Freud 1919 [1918]/1996, p. 187).

Poder-se-ia afirmar, mediante o seguimento que aqui se perfaz, que absolutamente nestas duas últimas décadas do século XIX o que realizava Freud não poderia se tratar mesmo de psicanálise, pois nem ao menos uma das três condições estruturais da prática psicanalítica poderia ser respeitada, haja vista não existir nem literatura que elucidasse seus achados clínicos, nem ao menos existiam psicanalistas com os quais pudesse estudar ou ter supervisão e se psicanalisar. Isto ainda conduz ao questionamento radical sobre como Freud, sem estas condições básicas, chegaria um dia a realizar uma “prática verdadeira da psicanálise”. Por mais desconcertante que possam parecer, é claro que não se encetará aqui nenhuma contraposição à afirmação ou alguma resposta ao questionamento que nos garanta certa tranquilidade, o que, desta forma, além de se desperdiçar o embalo provocado

por eles, se incorreria no risco de um desvio danoso na orientação por meio da qual este trabalho avança, pois, como diz Lacan, “quanto à psicanálise, a questão é saber se ela existe. É isso que está em jogo” (Lacan 1968-1969/2008, p. 31). Assim sendo, para que outros passos sejam dados segundo esta orientação, faz-se importante não perder o fio que nos conduzia e talvez uma boa maneira para isso acontecer seja a inclusão da reflexão sobre as condições de formação em psicanálise em nosso caminho, afora a perspectiva de um cerramento prematuro.

O posicionamento dos “estudos” na pesquisa de Freud

“Os estudos sobre a histeria”, depois de mais de uma década de gestação nascem primordialmente da amizade entre Breuer e Freud, do amor – por que não diria? –, do compartilhamento do interesse científico, da viva impressão causada neste quanto ao peculiar tratamento conduzido pelo companheiro de trabalho. Os estudos nascem, sobretudo, da insistência de Freud em confrontar-se com as descobertas e com os obstáculos desencadeados por tal caso clínico. Este livro traz contribuições verdadeiramente importantes à compreensão da histeria, bem como oferece indicações dos desenvolvimentos teóricos e das inovações técnicas aos quais seria conduzido Freud por sua experiência. Por exemplo, a preciosa formulação da hipótese do rechaço de lembranças carregadas de afeto para uma região isolada da consciência e que ainda assim continuam exercendo influência na vida do doente – o que leva ao enunciado de que “os histéricos sofrem principalmente de reminiscências” (p. 43) – está prenhe de futuras elaborações tais como a do conceito de inconsciente. Aliás, seria uma das primeiras vezes em que termo “inconsciente”, *Unbewusste*, é utilizado por Freud de acordo com o que desenvolveria posteriormente (p. 79 e 106).

O termo rechaço, contido na hipótese acima, é encontrado nesta obra junto a outros termos significantes, tais como supressão e inibição, indicando “coisas aflitivas” que estão na base dos fenômenos histéricos. Os autores utilizam ainda o termo “recalcado”, *verdrängt*, o que remete à futura – mas já em andamento como será evidenciada a seguir – elaboração da teoria do “recalcamento”, *Verdrängung*, que seria considerada por Freud quase vinte anos depois em “A história do movimento psicanalítico”, como a pedra angular sobre a qual se sustenta a construção psicanalítica (Freud 1914/1996). Através desta

hipótese comumente ainda se chega à interpretação de uma teoria de “trauma psíquico”, descrito como causa desencadeadora e atuante nos sintomas neuróticos. Por outro viés, como confirmam os desenvolvimentos futuros e como demonstram os próprios esboços neste texto de uma teoria da “defesa” por parte do “eu” em relação ao trauma, e ao lado da teoria do trauma e da ab-reação, pode-se vislumbrar um esboço de uma teoria dinâmica dos processos psíquicos dependentes das necessidades e das pulsões fisiológicas do organismo engendradas por uma repetição que se dá à revelia do indivíduo, “e aqui nos deparamos pela primeira vez com o fato de que existe no organismo uma *tendência a manter constante a excitação intracerebral*” (Freud 1893 – 1895/1996, p. 218) – como indica James Strachey em nota, “este parece ser o primeiro enunciado explícito do “princípio de constância” de Freud”, que seria retomado vez por outra ao longo de sua obra e em 1920, de forma elaborada, em seu importante escrito “Além do princípio do prazer” (p. 218). A “excitabilidade anormal do aparelho”, o excesso de estímulo neste aparelho, como aludido nos estudos, “está relacionada com as sensações de dor”, engendrando uma noção de conflito relacionada aos desagradáveis aumentos de excitação, que no caso das neuroses possui uma incontestável etiologia sexual (p. 210 e 211).

Portanto, estes apontamentos indicam o gérmen de diversas elaborações às quais se ateria Freud ao longo de sua vida. Embora as noções de trauma, conflito e processos psíquicos dinâmicos sejam esboçadas de maneira original, chegando até ao enunciado de um princípio que rege o aparelho, o trabalho com os conceitos para fundamentá-los – “inconsciente”, “recalcado”, “defesa”, “excitação” e “pulsão” – demandaria um longo tempo e teria que enfrentar enormes obstáculos para adquirirem uma consistência pertinente aos achados clínicos. Como, por exemplo, o próprio princípio que tende a manter constante a excitação no aparelho levaria Freud a recorrer a uma “energética”, conceito pertinente à ciência física que traria toda sorte de dificuldade, pois, se por um lado remetia à ciência natural, por outro, em se tratando do psiquismo humano, poderia dar margens para a remissão das doutrinas esotéricas no campo terapêutico, parecendo ressoar com as experiências dos primórdios do tratamento das doenças nervosas, tais como o magnetismo e a teoria fluídica do médico austríaco Franz Anton Mesmer (1734-1815). Entretanto, Freud não deixa de tentar avançar em seus esboços através de rigorosas revisões, sempre num ímpeto indefesso de transmitir suas elaborações, e mesmo que não

deixe de incomodar o espírito cientificista da sua época, também não deixa, como indicou Lacan, de carregar sua marca.

Isto pode ser notado durante o tempo de construção dos “Estudos sobre a histeria”, mas não de forma clarividente, pois não foi uma gestação tranquila. A partir de sua interlocução com o respeitado médico e reconhecido cientista Breuer e de seu conseguinte estudo sob orientação do grande Charcot, já na década dos 1880, como já indicado, e embora não deixasse como pesquisador de lidar com a linguagem científica de sua época, Freud percebe que os fenômenos psíquicos e seu tratamento escapavam às análises nos padrões das ciências empíricas, ou seja, tratar tais fenômenos como objetos externos ao pesquisador cada vez mais faz signo de uma resistência em seguir o caminho que seu próprio tratamento ensejava em sugerir. O tratamento catártico surge como um novo método indicando as novas condições para essa abordagem. No entanto, a dificuldade e o incômodo de Freud com o principal instrumento de auxílio a este método, a sugestão hipnótica, ergueriam sérios obstáculos ao sucesso do tratamento e, desta maneira, vai a Nancy para tentar melhorar seus procedimentos técnicos. No caso *Miss Lucy R.*, disposto nos “Estudos”, Freud narra esta situação:

Quando, em 1889, visitei as clínicas de Nancy, ouvi o Dr. Liébeault, o *doyen* (decano) do hipnotismo, dizer: “Se ao menos tivéssemos meios de pôr todos os pacientes em estado de sonambulismo, a terapia hipnótica seria a mais poderosa de todas.” Na clínica de Bernheim chegava quase a parecer que esta arte realmente existia e que era possível aprendê-la com Bernheim. Mas logo que tentei praticá-la com meus próprios pacientes, descobri que pelo menos *meus* poderes estavam sujeitos a graves limitações e que, quando o sonambulismo não era provocado num paciente nas três primeiras tentativas, eu não tinha nenhum meio de induzi-lo. A porcentagem de casos acessíveis ao sonambulismo era muito menos, em minha experiência, do que a relatada por Bernheim.

Vi-me, por conseguinte, com a possibilidade de abandonar o método catártico na maioria dos casos que lhe seriam apropriados ou aventurar-me à experiência de empregar esse método sem o sonambulismo, quando a influência hipnótica fosse leve ou mesmo quando sua existência fosse duvidosa (Freud 1893 – 1895/1996, p. 135 e 136).

As visitas a Nancy, além da promoção dos comoventes e assombrosos espetáculos que incitavam mais ainda a suposição da existência de processos psíquicos que escapavam da consciência, podem ainda ser pensadas em seu caráter de supervisão clínica, haja vista sua própria justificativa como busca para o melhoramento da técnica. Como diz Freud em

seu trabalho autobiográfico, “pensando que seria instrutivo, persuadi uma de minhas pacientes a acompanhar-me até Nancy” (Freud 1925 [1924]/1996, p. 24). Esta paciente histérica, sob influência hipnótica, alcançara melhoras em sua condição, contudo sempre recaía e Freud atribuía tais recaídas “ao fato de que sua hipnose jamais alcançara a fase de sonambulismo com amnésia” (p. 25). As tentativas de Bernheim em provocar nesta paciente uma hipnose profunda que pudesse chegar a resultados melhores fracassaram. Desta maneira, como explicitado no trecho acima, ou Freud abandona o método catártico ou aventura-se em seu emprego, abstendo-se da sugestão hipnótica. Esta – é importante lembrar, segundo Freud, para que sejam entendidos seus interesses científicos – não era aplicada de acordo com os moldes da sugestão hipnótica direta para a supressão sintomática, senão “para fazer perguntas ao paciente sobre a origem de seus sintomas, que em estado de vigília ele podia descrever só muito imperfeitamente, ou de modo nenhum” (Freud 1925 [1924]/1996, p. 26).

O abandono da hipnose conduziria Freud à livre associação da fala, que seria mais tarde tomada como regra e abriria o caminho para o inconsciente freudiano. Não é à toa a insistência no caso Anna O.; poder-se-ia mesmo ser dito que, com essa mudança na técnica, Freud se aproximava mais ainda das importantes descobertas ocorridas por meio desse tratamento, levando suas elaborações bem mais adiante do que Breuer desejaria. Através da experiência, Freud notou que a regra da associação livre da fala acarretava consequências que incidiam diretamente no tratamento e sua condução, ou seja, que o médico não ficaria indene aos seus efeitos, alguma coisa determinante quanto à própria direção do tratamento acontece entre médico e paciente. Alguma coisa que possibilitaria mais tarde a Freud interpretar o “véu de obscuridade” que permanecera sobre a fase final do tratamento de Anna O. – surgem as sementes conceituais de “resistência” e “transferência” (Freud 1925 [1924]/1996, p. 27, 35 e 47). Freud conta por ele mesmo em seu estudo autobiográfico algumas consequências clínicas desencadeadas pelo analista que se dispõe a escutar as associações dos pacientes com a entrada em jogo das sementes conceituais de resistência e transferência.

A descoberta da resistência, contudo constitui o primeiro passo no sentido de superá-la. Assim, o trabalho de análise implica uma *arte de interpretação*, cujo manuseio bem sucedido pode exigir tato e prática, mas não é difícil de adquirir. Mas não é apenas na poupança de trabalho que o método de associação livre possui vantagem sobre o anterior.

Ele expõe o paciente à menor dose possível de compulsão, jamais permitindo que se perca contato com a situação corrente real, e garante em grande medida que nenhum fato da estrutura da neurose seja desprezado e que nada seja introduzido nela pelas expectativas do analista. Deixa-se ao paciente, em todos os pontos essenciais, que determine o curso da análise e o arranjo do material; qualquer manuseio sistemático de sintomas ou complexos específicos torna-se desse modo impossível. Em completo contraste com o que aconteceu com o hipnotismo e com o método de incitação, o material inter-relacionado aparece em diferentes tempos e em pontos diferentes no tratamento. Portanto, para um espectador – embora de fato não deva haver nenhum – um tratamento analítico pareceria inteiramente obscuro (Freud 1925 [1924]/1996, p. 46).

Desta maneira, não seria exato afirmar que a obscuridade que pairava sobre o encerramento do caso clínico tratado por Breuer e mantido em segredo durante tanto tempo se devia a uma condição estrutural – a de que Freud de fato estava fora desse tratamento? Responder afirmativamente tal questão tamponaria qualquer abertura para a reflexão sobre as condições de transmissão da experiência, reflexão à qual o trabalho aqui em seguimento se dedica, encerrando-o também desta feita de forma sumária. Além do mais, jogaria por terra os três elementos da estrutura de formação em psicanálise, tanto no que diz respeito aos estudos teóricos que teriam por referência o caso clínico, quanto à supervisão em que o analista tenta junto a outro apreender algum efeito de sua ação refletindo sobre a condução do tratamento. Responder a pergunta afirmativamente, portanto, situaria a psicanálise muito próxima de um delírio a dois, uma situação impenetrável em todos os sentidos, da qual não há ao menos restos a serem transmitidos. Antes, serviria ao propósito do trabalho aqui disposto responder essa questão junto com Freud, tal como fizera em uma homenagem póstuma a Josef Breuer, onde explica que este esbarrara “contra algo que jamais está ausente – a transferência do paciente para seu médico, e não aprendera a natureza impessoal do processo” (Freud 1925 [1924]/1926, p. 314). Voltando à descrição das consequências clínicas desencadeadas pelas inovações técnicas e teóricas tateadas através da experiência, em “Um estudo autobiográfico”, pode-se perceber a importância deste conceito que se tornaria fundamental ao tratamento psicanalítico.

Chego agora à descrição de um fator que acrescenta uma feição essencial ao meu quadro de análise, e que pode reivindicar, tanto técnica quanto teoricamente, ser considerado como de importância primacial. Em todo tratamento analítico surge, sem interferência do médico, uma intensa relação emocional entre o paciente e o analista, que não deve ser explicada

pela situação real. Pode ser de caráter positivo ou negativo, e pode variar entre os extremos de um amor apaixonado, inteiramente sensual, e a expressão infrene de desafio e ódio exacerbados. Essa *transferência* – para designá-la pelo seu nome abreviado – logo substitui na mente do paciente o desejo de ser curado, e enquanto for afeiçãoada e moderada, torna-se o agente da influência do médico e nem mais nem menos do que a mola mestra do trabalho em conjunto em análise (Freud 1925 [1924]/1996, p. 46 e 47).

Desta maneira, não se poderia culpar Breuer por não levar adiante as descobertas que realizava com o caso Anna O., pois, mesmo que a paciente despejasse torrentes de associações, ele não poderia dar nem ao menos o primeiro passo de uma análise. Segundo Freud, este passo seria o desvelamento da resistência – determinante no curso e no arranjo do material de uma análise. Faltava também a Breuer, para que avançasse no tratamento pela fala, o manejo da mola mestra desse trabalho em conjunto, o que lhe causaria sérios embarras. Sendo assim, seria-lhe impossível fazer uso da “arte da interpretação” em sua prática, pois para exercê-la junto às consequências da livre associação da fala, além de um trabalho com a resistência que surge em diferentes momentos do tratamento, exigindo tato, seria necessária uma elaboração com a transferência, indicada pela intensa e variável relação emocional disposta entre paciente e médico. Isto provoca uma dinâmica que exigiria bastante esforço para ser elucidado de maneira precisa. Entretanto, resumidamente, pode-se pensar que ao encadeamento colocado em jogo pela regra da associação, na medida em que se aproxima do recalcado, da lembrança da experiência traumática, do núcleo patogênico, surge a resistência, podendo levar o paciente a interromper suas associações acaso o analista não esteja apto também a enfrentá-la, reconhecendo, através da transferência, os meios para utilizar a interpretação de maneira a operar condições para que o sujeito decida tentar articular algo de seu sintoma. “Os estudos sobre a histeria”, mesmo por data de sua publicação, por assim dizer, formam ainda apenas um canteiro fecundo a partir do qual serão extraídos os elementos para o desenvolvimento da técnica da interpretação fundamentada na regra da associação livre, donde brotaria uma malha conceitual extensa, um canteiro ainda dependente de muito cultivo, a ser realizado de agora em diante por um longo tempo apenas por Freud.

Pode-se dizer que Freud por si já vinha cultivando este terreno, buscando delimitar o campo das doenças nervosas, se forem observadas algumas publicações como “As neuropsicoses de defesa” (1895[1894]), “Obsessões e fobias: seu mecanismo psíquico e

sua etiologia” (1895[1894]) e “Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada “neurose de angústia”” (1895[1894]), nas quais as sementes conceituais, as noções e hipóteses acima indicadas – resistência, transferência, inconsciente, recalçamento, defesa, trauma psíquico de origem sexual desencadeando um conflito na dinâmica dos processos psíquicos, perturbando a tendência desses processos que funcionam de acordo com o princípio de constância – já são cultivadas a partir de inferências da então adiantada experiência clínica. Entretanto, para seguir a reflexão proposta neste trabalho, vale ressaltar mais uma vez a hipótese destacada dos “Estudos sobre a histeria” de que através da fala poderia se alcançar uma modificação nos sintomas do paciente, pois, embora sejam encontradas pedras psicanalíticas que seriam lapidadas, esculpidas, polidas e alcançariam anos depois o seu mais intenso e ofuscante brilho, chegando mesmo a ferir o narcisismo humano, iluminando mais tarde sua mais tenebrosa tendência ao aniquilamento; embora a experiência clínica descrita nos “Estudos” já permita importantes esboços psicopatológicos no campo das doenças nervosas, ainda não se pode encontrar uma teoria totalmente articulada sobre o funcionamento do aparelho psíquico, o que se encontra são pedras, às vezes bastante duras e pesadas.

Logo após a publicação dos “Estudos sobre a histeria”, e talvez mesmo antes, Breuer se privaria de carregar tal fardo, que implicava em dar outros passos no sentido de desvelar as resistências, elaborar sobre a função sexual não somente como causa dos conflitos psíquicos, mas também estendida às próprias condições do tratamento pela fala – isto significava distanciar do ideário cientificista da época, abstendo de tomar as causas das doenças nervosas como absolutamente anatômico-fisiológicas, significava acreditar no saber do próprio doente sobre aquilo que possui de mais particular, o seu sintoma, o que objetivamente destituiria então o médico de um lugar que, de forma errônea, poderia ser suposto como confortável, impondo-lhe ainda sérias dificuldades e um exigente trabalho por vias incertas. Seguir nesta direção, quer dizer, em última instância, que, para avançar por esse terreno ainda inexplorado, o próprio médico-pesquisador haveria de se render ao saber do doente.

Durante o tempo de feitura dos “Estudos”, aconteceram diversos avanços no campo psicopatológico da histeria e das doenças nervosas, em geral graças às transformações técnicas engendradas pelas próprias inferências clínicas, o que trouxe consideráveis condições para a exploração teórica. No prefácio à segunda edição do livro

em 1908, prefácio este em que se encontram dois escritos, um assinado por Breuer e outro por Freud, diferentemente do de 1895 onde se encontra apenas um escrito assinado pelos dois autores, neste prefácio à segunda edição os dois autores anunciam em seus textos a decisão de reimpressão do livro sem alterações. Na parte escrita por Breuer há o reconhecimento que as opiniões e métodos apresentados na primeira edição passaram por “desenvolvimentos de longo alcance e profundidade” e que ele próprio desde então não mais lidara com o assunto, não tendo assim participação em tais desenvolvimentos. Freud, com seu também pequeno escrito no prefácio à segunda edição, indica que os desenvolvimentos e mudanças no decorrer dos anos foram tantos que seria complicado relacioná-los à exposição de 1895 sem que se corra o risco de destruí-la. “Tampouco”, escreve ele, “tenho qualquer motivo para desejar eliminar esta prova de meus conceitos iniciais. Ainda hoje não os considero como erros, mas como valiosas primeiras aproximações de um conhecimento que só poderia ser plenamente adquirido após longos e contínuos esforços” (Freud 1893 – 1895/1996, p. 35). Trinta anos após a primeira edição do trabalho sobre a histeria, voltando mais uma vez seus olhos aos seus primeiros achados, Freud diz se surpreender com eles “como sendo os primeiros delineamentos toscos daquilo que é provavelmente um assunto bem mais complicado. Mas no todo ainda me parecem válidos” (Freud 1925 [1924]/1996, p. 32).

Poder-se-ia perguntar com Freud, a partir da época tardia da segunda edição dos “Estudos sobre a histeria”, se realmente, após longos e contínuos esforços, seria possível adquirir plenamente um conhecimento sobre as descobertas feitas no período da primeira edição deste trabalho. Tal questionamento merecerá uma análise a seguir. Por hora, destaca-se o relevo encetado à fala dirigida ao médico como possibilidade de intervenção na economia dos sintomas, sendo a real modificação nesta economia comprovada através da experiência, o que sinaliza a direção pela qual Freud segue em busca de elaborar as condições desta operação.

Vale lembrar com Lacan que a operação, a dissecação, ou, mesmo qualquer incisão ou ponto de costura em psicanálise são realizados com palavras, com conceitos. Estes, segundo tentamos articular, nos tempos dos “Estudos” não passavam de sementes sob um solo que necessitaria de muito cultivo, o que colocaria em xeque a operação (Lacan 1953–1954/1985, p. 10 e 19). Entretanto, ainda com Lacan, acrescentando ao exame o enunciado de que “uma prática não precisa ser esclarecida para que opere”, faz-se permitido a

inferência de que o que orientará Freud em certa medida será a busca por esclarecimento a respeito do que se faz em um tratamento psicanalítico (Lacan 1964/2008). O valor destas indicações de Lacan consiste em, além de permitir conceber uma explicação sobre o rumo tomado por Freud, impor também um questionamento que se estenderia até nós sobre em qual medida o psicanalista saberia o que faz quando faz psicanálise, o que coloca em causa a transmissão, pois, mesmo em uma operação cuja premissa não admite um saber prévio quanto às particularidades do paciente, implicando que cada análise longe da aplicação de um método permanecerá em suspenso pelas entrevistas preliminares até que o paciente se posicione na investigação, confere assim um lugar para que o próprio paciente articule algo sobre os motivos que o levaram a um tratamento, uma operação que se realiza estruturalmente a partir de um reconhecimento de um não-saber por parte do psicanalista. Mesmo assim este deve saber alguma coisa sobre as outras condições que podem viabilizar a articulação sobre os sintomas do paciente por ele próprio de acordo com seu jeito singular – é em relação a este saber sobre as condições estruturantes de sua prática que o psicanalista se vê obrigado, não sem embaraços, a prestar contas sobre o se faz em uma psicanálise. Deste modo, como ensejo de desembaraçar alguns dos nós constituídos por estas reflexões, faz-se necessário não se perder o fio seguido até aqui.

Embora nos “Estudos” não seja encontrada uma teoria formulada concisamente sobre o funcionamento do psiquismo, no trabalho em geral, tanto nas comunicações preliminares quanto nas discussões dos casos clínicos, encontra-se uma considerável relevância à dimensão da fala em relação ao funcionamento do psiquismo, seja pelo que fornece quanto ao próprio caminho através do qual deve ser conduzido o tratamento, seja pelo que ela já incita a investigação no que diz respeito ao campo da linguagem, abrindo caminho para os próprios escritos analisados aqui. Uma passagem do texto em que os autores discorrem sobre as reações energéticas capazes de descarregar os afetos contidos nas lembranças pode auxiliar na indicação realizada quanto à importância do campo da linguagem:

Pelo termo “reação” compreendemos aqui toda a classe de reflexos voluntários e involuntários – das lágrimas aos atos de vingança – nos quais, como a experiência nos mostra, os afetos são descarregados. Quando essa reação ocorre em grau suficiente, grande parte do afeto desaparece como resultado. O uso da linguagem comprova esse fato de observações cotidianas com expressões como “desabafar pelo pranto” / “*sich ausweinen*”/ e

“desabafar através de um acesso de cólera” /“*sich austoben*”, literalmente “esvair-se em cólera”/. Quando a reação é reprimida o afeto permanece vinculado à lembrança. Uma ofensa revidada, mesmo que apenas por palavras, é recordada de modo bem diferente de outra que teve que ser aceita. A linguagem também reconhece essa distinção, em suas consequências mentais e físicas; de maneira bem característica, ela descreve uma ofensa sofrida em silêncio com “uma mortificação” /“*Kränkung*”, literalmente, um “fazer adoecer”/. – A reação da pessoa insultada em relação ao trauma só exerce um efeito inteiramente “catártico” se for uma reação *adequada* – como, por exemplo, a vingança. Mas a linguagem serve de substituta para a ação; com sua ajuda, um afeto pode ser “ab-reagido” quase com a mesma eficácia. Em outros casos, o próprio falar é o reflexo adequado: quando, por exemplo, essa fala corresponde a um lamento ou é a enunciação de um segredo torturante, por exemplo, uma confissão. Quando não há uma reação desse tipo, seja em ações ou palavras, ou, nos casos benignos, por meio de lágrimas, qualquer lembrança do fato preserva sua tonalidade afetiva (Freud 1893 – 1895/1996, p. 44).

Através deste trecho em citação pode-se perceber que a descarga de um afeto se liga ao uso da linguagem, “uma pessoa normal é capaz de provocar o desaparecimento do afeto concomitante por meio do processo de associação” (idem). No caso da histeria, ainda que não estejam à disposição do paciente, as lembranças impregnadas com uma enorme carga afetiva continuam agindo de forma intensa, determinando seus sintomas, persistindo por um longo tempo e não entrando normalmente nos processos de associação, que poderia desgastá-las. O método catártico por meio da hipnose buscava induzir tais associações, entretanto diversos obstáculos não tardaram a se erguerem na esteira de suas limitações. É válido destacar que talvez o maior empecilho deste método seja a incitação e o rumo das associações às quais era levado o paciente advir do médico, levando-o para longe do curso através do qual se poderia chegar às associações de materiais realmente relevantes em sua história, às particularidades que o representam, sem que muitas vezes se dê conta, particularidades cujos arranjos e efeitos ao longo de sua vida o singularizam. O método sugestivo, em suma, tornava-se um impedimento à agência do próprio discurso, que convocado a desdobrar-se livremente, chega a incidir na economia dos sintomas daquele que se disponha a tal regra. Desta maneira, pode se sentir o peso da mudança técnica que instituiria a regra fundamental da livre associação da fala, liberdade não vista sem ironia por Lacan em “de um discurso que não fosse semblante”, pois tal regra define uma ordenação através da qual a articulação do paciente sobre seu sofrimento torna-se

determinante quanto à direção do tratamento (Lacan 1971/2009, p. 58). Pode-se dizer, portanto, que a fala também abre à investigação freudiana o campo da linguagem, porque, de acordo com a experiência, os sintomas do mesmo modo se encontram ordenados, o que “consiste apenas no que se poderia denominar uma relação “simbólica” entre a causa precipitante e o fenômeno patológico – uma relação do tipo das que as pessoas saudáveis formam nos sonhos” (Freud 1893 – 1895/1996, p. 41).

Sendo assim, pode-se argumentar que uma aproximação dos tempos dos “Estudos sobre a histeria” definitivamente não iluminaria essa relação simbólica entre a causa e o fenômeno, pois neste trabalho não se encontra uma teoria bem articulada, antes, o que nele podemos vislumbrar são apenas esboços de noções que se tornariam fundamentais à psicanálise. Aliás, de acordo com Strachey, é somente em 1896 que o termo “psicanálise” aparece em suas publicações com os textos “A hereditariedade e a etiologia das neuroses” e “Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa”, ambos de 1896 (Freud 1893 – 1899/1996, p. 141). “No tocante à teoria formulada no livro”, diz Freud em seu trabalho autobiográfico:

fui em parte responsável, mas em uma medida que hoje não é mais possível determinar. Essa teoria foi de qualquer maneira despretensiosa e quase não ultrapassou a descrição direta das observações. Não procurou estabelecer a natureza da histeria mas apenas lançar luz sobre a origem de seus sintomas” (Freud 1925[1924]/1996, p. 28).

Pode-se perceber que, apesar do reconhecimento de Freud quanto à despretensão teórica dos “Estudos”, sua insistência em publicá-lo não deixa de remeter ao aparecimento de outras abordagens da histeria através do campo psicológico, como era o caso das teorias do médico francês Pierre Janet (1859 – 1947), as quais consideravam a histeria como uma doença psicológica de cunho hereditário – em sua autobiografia não é difícil encontrar passagens em que Freud deixa evidente sua convicção de que os achados dos “Estudos” poderiam “tornar a ciência mais rica” (p.27). No trecho citado anteriormente, junto ao já percorrido por nós, pode-se perguntar ainda se lançar luz sobre a origem dos sintomas históricos seria possível sem um aparato teórico de peso. Sendo assim, nomear este texto como “psicopatológico” ou creditar seu valor apenas às demarcações técnicas não resolveria os problemas suscitados pelo escrito, somente os retiraria de perspectiva impedindo que sejam elaborados, pois, pelo que parece do que foi articulado até aqui, o

próprio desenvolvimento da técnica pode estar intimamente ligado à incessante busca de Freud pelas condições de avanço conceitual.

Logo na abertura de “os escritos técnicos de Freud”, seminário do ano de 1953 – 1954, Lacan diz que os conceitos não surgem da experiência humana, “senão seriam bem feitos”, o que faz aparecer diante de nós não uma solução mais confortável à problemática esboçada por estes escritos de Freud. O que surge com esta proposição de Lacan deve ser tomado primeiramente como um alerta quanto à altura dos problemas levantados por qualquer um que se enverede pela via psicanalítica, pois, por esta via, dependendo do ângulo em que os problemas se ergam, estes nos fazem sombra, obrigando a tatear caso não se pretenda recuar em busca de luz; exigindo, assim, mais ainda, no mínimo prudência àquele que decide colocar-se em jogo em relação aos achados que se dispõem através da experiência psicanalítica, pois podem não ser encontrados os conceitos que instrumentalizariam um saber teórico seguro sobre a experiência cujas vias foram abertas justamente por este momento em que Freud, fazendo uso do escrito em referência à linguagem científica de sua época, não constitui textos cânones – através dos quais seria possível atestar seguramente o surgimento, a gênese ou a origem dos conceitos da teoria psicanalítica – senão testemunhos da tentativa de lidar com as dificuldades de extrair uma orientação articulável de uma experiência para a qual a linguagem falta, faz barreira, entreve – uma experiência que paradoxalmente se funda a partir da fala (p. 10).

Se os conceitos possuem, de acordo com Lacan, sua ordem de realidade original determinada pelo uso, por sua coletivização, se eles surgem das próprias palavras com instrumentos para delinear as coisas, a linguagem a qual Freud recebe pronta em sua formação neurológica, além de deflagrar sua insuficiência, se torna também um entrave à elaboração dos achados fornecidos pela nova experiência clínica que ele buscava delinear, porque, na terminologia consolidada pela tradição científica, não se encontravam referências que servissem para a sustentação e ordenação dos elementos colhidos através de sua experiência, o que podia levá-lo a distanciar-se deste referencial e “a se expandir no domínio especulativo, para onde sua natureza o levava”. Para não romper totalmente com este referencial, Freud se submete à disciplina dos fatos, entendendo-os, entretanto, a partir dos dizeres trazidos pelos pacientes, dizeres em relação aos quais ele é colocado em jogo como mostra a resistência e a transferência, dizeres com os quais lidava e buscava

descrever os efeitos dessa lida Assim, nesta tentativa de não rompimento com o cientificismo de sua época, o que se configura como missão não indicava facilidades em ser conduzida, pois, para uma apreciação ordenada dos fatos que permitisse avançar na análise das neuroses Freud, deveria introduzir a si próprio, instaurando uma tensão em relação ao ideário empírico-positivista da época. Desta maneira, como indica Lacan, “a raiz da dificuldade, é que só se podem introduzir símbolos, matemáticos ou outros, com linguagem corrente, porque é preciso explicar bem o que se vai fazer com eles” (Lacan 1953-1954/1986, p. 10). Portanto, voltar aos escritos de Freud nestes primeiros momentos consiste em uma tentativa de examinar como ele busca se orientar através do caminho aberto pela fala de seus pacientes.

O uso de termos tais como inconsciente, que já era de uso corrente, resistência, transferência, energia, termos com sentidos específicos em outras ciências, poderia causar um enorme embaraço, principalmente por tal terminologia conceitual tentar dar conta do funcionamento do psiquismo humano sem ter o organismo anatômico-fisiológico como único responsável por esse funcionamento. Desta maneira, em uma aproximação dos estudos, devendo-se contar os dois trabalhos mais detidamente até aqui, os “Estudos sobre a histeria” e “Um estudo autobiográfico”, o que se encontra é menos uma teoria completa sobre o psiquismo do que preciosas indicações de uma enorme exigência de trabalho com os achados da experiência àquele que se dispõe à prática psicanalítica. Quanto aos primeiros, os “Estudos sobre a histeria”, isto pode ser ilustrado pela proposição de um trauma psíquico como desencadeador dos sintomas. Tal proposição se alicerça em uma noção de trauma não mais categoricamente com bases fisiológicas, sendo considerada agora, a partir dos relatos clínicos, como consequência de uma experiência sexual traumática. Este ponto, que já se encontra sob mira nos esboços dos “Estudos” e que bem pode ser considerado o ponto sobre o qual Breuer preferia não voltar seu olhar, haja vista optar pela explicação da patogenia de um processo psíquico através da irrupção de “estados hipnoides”, o que no fundo resguardava a esperança de sustentação de uma teoria fisiológica, este ponto demandaria ainda um grande percurso para que adquirisse melhores referências para a elaboração dos achados e avanços da experiência clínica. Uma experiência sexual traumática acompanhada por uma enorme carga de excitação, uma sedução e consequente abuso de uma criança por um adulto como causa das neuroses

adquiriria, por meio de trabalhos conseguintes – “Observações adicionais sobre as psiconeuroses de defesa” e “A etiologia da histeria” de 1896 – a consistência de fato a partir do qual Freud busca primeiramente colocar em funcionamento suas teorias sobre as defesas, sobre o recalçamento, sobre a resistência e transferência. Entretanto, posteriormente esta experiência sexual traumática como fato, como presença através do dizer do paciente não implicará mais de forma necessária que tal experiência aflitiva na realidade tenha ocorrido na forma de um abuso da criança por um adulto. Vale a pena notar como Freud, em carta a Fliess datada de 21 de setembro de 1897, descreve os deslocamentos aos quais se via obrigado a realizar:

...Confiar-lhe-ei de imediato o grande segredo que lentamente comecei a compreender nos últimos meses. Não acredito mais em minha *neurótica* [teoria das neuroses]. Provavelmente, isso não é compreensível sem uma explicação; afinal, você mesmo considerou crível o que lhe pude dizer. De modo que começarei, historicamente, a partir da origem de meus motivos de descrença. Os contínuos desmontamentos em minhas tentativas de fazer minha análise² chegar a uma conclusão real, a debandada das pessoas que, durante algum tempo, eu parecia estar compreendendo com muita segurança, a ausência dos êxitos completos como eu havia contado, a possibilidades de explicar os êxitos parciais de outras maneiras, segundo critérios comuns – este foi o primeiro [grupo de motivos]. Depois veio a surpresa diante do fato de que, em todos os casos, o pai, não excluindo o meu,³ tinha de ser apontado como perverso – a constatação da inesperada frequência da histeria, na qual o mesmo fator determinante é invariavelmente estabelecido, embora, afinal, uma dimensão tão difundida da perversão em relação às crianças não seja muito provável. (A perversão teria que ser muito mais frequente que a histeria, de vez que a doença só aparece quando há uma acumulação de eventos e quando sobrevém um fato que enfraquece a defesa). Depois, em terceiro lugar, a descoberta comprovada de que, no inconsciente, não há indicação de

² “O manuscrito diz “*eine Analyse*” (uma única análise) e não “*meine Analyse*”. Ver Masson, *Correspondência Completa*, op. cit. (N. da Ver.).”

³ *Mein eigener nicht ausgeschlossen*, em tradução livre “o meu próprio não excluído”, o próprio pai de Freud no caso, esta expressão fora excluída da edição alemã *Aus Anfängen der Psychoanalyse*, de 1950, editada por Marie Bonaparte, Anna Freud e Ernst Kris por meio da Editora Imago Publishing Co – o que permite observar o quão polêmicas eram ainda cinquenta anos depois as teorias com as quais Freud trabalha nos primórdios na psicanálise.

realidade,⁴ de modo que não se consegue distinguir entre verdade e ficção que é catexizada com o afeto. (Assim, permaneceria aberta a possibilidade de que a fantasia sexual tivesse invariavelmente os pais como tema.) Em quarto lugar, a reflexão de que, na psicose mais profunda, a lembrança inconsciente não vem à tona, não sendo, pois, revelado o segredo das experiências da infância nem mesmo no delírio mais confuso. Se, dessa forma, verificamos que o inconsciente nunca supera a resistência do consciente, então também abandonamos nossa expectativa de que o inverso aconteça no tratamento, a ponto de o inconsciente ser totalmente domado pelo consciente (Freud 1950[1892 – 1899], p. 309 e 310).

De fato, como indica o início da carta, trata-se de um segredo o que Freud tem a dizer de maneira íntima ao amigo, um segredo que diz respeito a sua descrença quanto às teorias das neuroses desenvolvidas até então – Strachey indica que tal segredo só ganharia expressão pública alguns anos depois. Na carta são descritos os motivos pelos quais se encontrava descrente e, a partir de sua argumentação, não se pode deixar de ressaltar que Freud começa sua justificativa pelas dificuldades que enfrentava em sua experiência clínica, passando a uma sintética crítica à generalização da teoria da sedução, indicando que no inconsciente não há meios para a distinção entre realidade e ficção, recorrendo, por fim, a uma reflexão a partir das psicoses em que mesmo no delírio, no qual parece não existir defesa possível para o que irrompe, mesmo assim a lembrança da experiência traumática não é revelada. Ainda no trecho citado lê-se uma separação impossível de ser extirpada entre consciente e inconsciente, ou – fazendo uma amarração com a proposição de Lacan do real como o impossível – uma separação real entre consciente e inconsciente; o que encadeará consequências clínicas elementares, pois o inconsciente já não pode ser totalmente domado pelo consciente.

A fantasia e a torção da pesquisa

Freud termina a carta endereçada a Fliess, de 21 de setembro de 1897, dizendo que poderia estar deprimido com a torção imposta à sua teorização, mas reconhece a importância da crítica mesmo depois do dispendioso trabalho intelectual e o valor da

⁴ Freud trata sobre esse assunto na Parte I, Seção 15 do “Projeto para uma Psicologia Científica”, p. 377 e segs..

dúvida como, quem sabe, “um episódio prenunciador de um novo conhecimento” (Freud 1950[1892-1899], p. 311). Nos anos que se seguem ao desvelamento a Fliess deste segredo, Freud não deixou de trabalhar seriamente e a importância desta carta se dá por esboçar alguns rumos já apalpados por ele nos últimos meses. A própria realidade é colocada na berlinda com o início da consideração dos processos psíquicos a partir da função da fantasia, o inconsciente se mostra como uma máquina – para usar expressões provavelmente correntes naquele tempo – cuja produção escapa ao controle da consciência, fabricando fantasias sexuais, tendo os pais como tema. Essas fantasias sexuais atuam com força de experiências reais, entretanto são composições a partir de material simbólico e mesmo a partir de cenas e imagens que escapam à simbolização, composições que, ao serem estimuladas em experiências posteriores, mostram sua força e, assim como os sonhos, fazem-se presentes na normalidade, o que também já fora timidamente esboçado em “Os estudos sobre a histeria”.

A análise da fantasia inaugura não somente uma nova disposição clínica, mas também novas direções investigativas. Faz-se relevante ressaltar que na carta seguinte, datada de três de outubro, Freud menciona sua auto-análise, empreendimento que havia começado no início da década de noventa e que retoma neste momento de maneira rigorosa. Através dessa forçosa aproximação da patogenia psíquica da normalidade, Freud infere que, tanto para o encaminhamento das questões clínicas quanto teóricas relativas à causa das neuroses, ele teria que se analisar, no seu caso, se auto-analisar. Na carta de 15 de outubro chega a dizer que sua auto-análise seria a coisa mais importante para ele naquele momento, embora ainda sejam encontrados resquícios da tentativa de conformar a causa à realidade fática através de supostas confirmações para o que encontrava em sua análise, cuja via principal era aberta pela análise de seus próprios sonhos (Freud 1950[1892-1899], p. 314).

Neste momento, pode-se entrever a fantasia, em operação com as outras noções conceituais que já estavam em jogo há algum tempo como visto acima. No “Rascunho N” anexado a uma carta a Fliess em maio deste ano de 1897, Freud diz “aqui estão alguns fragmentos lançados à praia na última maré”, mas também expressa que em breve descobrirá “a origem da moralidade”. As notas que compõem este rascunho dizem que o mecanismo da fantasia histérica é o mesmo da ficção, da poesia, da criação literária; diz que a composição de *Wether* por Goethe era uma combinação entre o que o autor

experimentou e “algo que tinha ouvido” (p. 306 e 307). A fantasia se torna uma estrutura psíquica complexa determinada por uma combinação inconsciente, capaz de deslocar, distorcer as lembranças em atuação com a defesa e se ligando através da ação do recalçamento à construção do sintoma. Aos poucos a fantasia ganha terreno levando à forja o conceito de realidade psíquica até se interpor definitivamente entre o sujeito e o objeto como a composição a partir de cenas, de imagens e do material simbólico sujeito a estímulos advindos de experiências posteriores, interpondo-se de tal maneira que tanto impede o contato direto com o objeto quanto é a única maneira possível de contato com ele, colocando, enfim, em questão a impossibilidade da realidade objetiva. Desta forma, entre o investigador – psicanalista ou paciente – e a causa da neurose há fantasia. Utilizando-se das elaborações de Lacan a respeito da fantasia, pode-se dizer que Freud se apercebe que, para se ir à causa, teria que atravessar a fantasia.

Seria necessário ainda uma década para que Freud dedicasse publicações de trabalhos elaborados de forma aprofundada sobre a fantasia, tratando-a em sua relação com a criação literária, estreitando ainda mais sua relação com o sonho, com o devaneio – *Togtraum*, termo correspondente ao termo inglês *daydream*, sonho diurno – buscando situá-la em sua função na sintomatologia histérica a partir das desenvolvidas teorias sexuais infantis; neste momento de trabalho intenso que inclui os escritos “Delírios e sonhos na *Gradiva* de Jensen” (1907[1906]), “Escritos criativos e devaneio” (1908[1907]), “Fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade” (1908), “Romances familiares” (1909[1908]), “Leonardo Da Vinci e uma lembrança de sua infância” (1910), de acordo com o psicanalista Marco Antonio Coutinho Jorge, este momento constitui a elaboração necessária para que Freud consiga delinear a lógica do delírio na psicose com os textos de 1911, “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental” e “Notas Psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (Dementia paranóides)”, no qual realiza uma interpretação sobre o sistema delirante do doutor em Direito Daniel Paul Schreber por meio de suas memórias (Jorge 2005, p. 278). Posteriormente, com o avanço clínico, a fantasia continuaria a ser elaborada por Freud, sendo necessária e correlata às grandes transformações teóricas da década de 1920, como, por exemplo, nas “Conferências introdutórias sobre psicanálise”, mais especificamente na conferência XXIII “Os caminhos da formação dos sintomas”, na qual é explicado o gradual aprendizado “que, no mundo das neuroses, a realidade psíquica é a realidade decisiva”.

Nesta conferência Freud também formula a fantasia originária em que o sujeito, nos pontos de extremidade rudimentar de sua própria experiência, colhe elementos frutos da transmissão entre as gerações para compor sua fantasia (Freud 1916-1917 [1915-1917]/1996, p. 370 à 373). Outro importante escrito de 1917 que cultiva as elaborações das teorias de Freud é “‘Uma criança é espancada’ Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais”. Neste artigo é analisada, a partir de sua forma gramatical, uma fantasia específica à qual se abandonavam seus pacientes, uma fantasia a princípio geradora de prazer e que, reproduzida pelo paciente “no clímax da situação imaginária, há quase que invariavelmente uma satisfação masturbatória”; uma fantasia que de início é reproduzida voluntariamente pelo paciente passando a ocorrer contra sua vontade, “com as características de uma obsessão”; uma fantasia enunciada com hesitação pelo paciente, cujo relato lhe provoca culpa e vergonha. Freud ensina que esta fantasia escrita sob a forma ‘Uma criança é espancada’, forma em que aparece no tratamento, aliás, envolta de incertezas sobre o seu surgimento, sobre quem seria a criança espancada, quem a espanca, Freud ensina que esta fantasia sofre um desenvolvimento histórico que não é simples de ser tratado e que é função do analista, apesar das dificuldades, conduzir o paciente a se implicar com o produto desta fantasia através do desdobramento de seus elementos simbólicos. As fantasias de espancamento, às quais ordinariamente se referem os pacientes em análise, são representantes de resíduos inassimiláveis de uma experiência de elevada excitação sexual e, de acordo com Freud, até chegarem ao enunciado ‘Uma criança é espancada’ sofreram diversas transformações. Em uma fase mais primitiva, estas fantasias têm o pai como referência, e ainda envolvem algum irmão ou outra criança, podem ser escritas sob a forma ‘O meu pai está batendo na criança *que eu odeio*’. Uma transformação subsequente, considerada a mais importante, pois deflagra a dinâmica do psiquismo e talvez jamais tenha existido de fato, sendo “uma construção da análise”, pode ser escrita como ‘*Estou sendo espancada pelo meu pai*’ (1919/1996, p. 195, 199 e 201). Desta maneira, pode-se perceber que a fantasia obedece a uma gramática, o que permite que ela seja reduzida, escrita e analisada em suas transformações, transformações que possibilitam a localização de um sujeito em conflito nos seus modos de satisfação.

Espero que esta exposição acerca da fantasia, embora panorâmica, não tenha sido exaustiva, pois ela se faz necessária na medida em que ilustra a importância da elaboração de seu conceito por Freud em momentos diferentes do seu percurso, não para definir uma

evolução conceitual que demonstre sua plenitude teórica ao final de um incansável trabalho de décadas a fio, mas para retornar ao problema aqui proposto – sobre as condições de elaboração do saber disposto através da experiência psicanalítica e sua possível transmissão – entendendo que esta elaboração conceitual, além de demandar tempo para operar junto com outros conceitos que Freud elaborava através de experiência clínica, também é concomitante e fundamental para introdução do desejo no sentido freudiano, desejo cuja irredutível, íntima e estranha relação com o objeto permite a localização do sujeito. A construção em psicanálise, seja ela clínica ou teórica, somente acontece e se sustenta pelo que tem de mais singular, ou seja, a insistência de um desejo de saber para além da fantasia, da realidade que ela proporciona, condiciona com seus resíduos irredutíveis e fugidios, encontrados também nos sonhos, nos sintomas, na criação literária, resíduos que compõem qualquer estruturação discursiva, um desejo tomando a si próprio como causa da insistência em articular um saber colocado em jogo na fantasia, mas que se sustenta para além dela.

Não creio ser demais ainda colocar em relevo a insistência destacada no ensino de Lacan de que em psicanálise não se trata de desenvolvimento simplesmente progressivo, em relação àquele momento de aporia encontrado na carta em que Freud descreve de sua teoria das neuroses e que terá como consequência a elaboração da noção de fantasia. O progresso em psicanálise não pode ser pensado como uma evolução contínua e gradual. Isto se prova com facilidade se recorrermos aos últimos escritos de Freud, especificamente “Construções em análise” de 1937 em que discute questões técnicas pontuando os lugares e as funções do analista e do paciente no trabalho de análise, colocando em jogo sua então extensa trama conceitual. Trata-se de um escrito curto, mas vívido, rico e polêmico, como demonstra a psicanalista Maria Luiza Persicano, pois, com o avanço da pesquisa clínica psicanalítica, “o conceito de construção e seu uso têm sido revisto, redefinido, melhor dito, ressignificado” (Persicano 2005, p. 56). O conceito de construção faz parte da herança deixada por Freud, o que ainda hoje exige muito trabalho por parte do analista e será interpretado aqui como condição de singularidade do fazer psicanalítico, um fazer singular com a realidade psíquica, pois não se iguala a nenhum outro e nem a si próprio, pois é um trabalho preliminar a cada análise, um fazer que opera sobre o sujeito, viabilizando as condições para que este, em relação à transferência, suponha a possibilidade de articular, através da sua produção discursiva endereçada ao outro, um saber que lhe escapa sobre

aquilo que lhe é mais particular e que o coloca em sofrimento; um saber, em última instância, sobre o sintoma.

A epistemologia lacaniana em construção no campo psicanalítico

O material da construção em psicanálise

A construção em psicanálise opera sobre o material discursivo produzido pelo sujeito, sobre o qual o analista não deve supor saber nada senão que esse material diz respeito àquele que o produz, diz de sua história e da maneira como esse sujeito consegue se posicionar em relação a ela. Quanto às construções em psicanálise, a quem se analisa cabe produzir através de sua fala o próprio material desta construção. Ao psicanalista compete dar acolhimento e direção a este material – acolhimento realizado por uma escuta cunhada não em direção à realidade objetiva, factual, senão em uma direção que segue a partir da relação transferencial à implicação daquele que fala naquilo que diz e ao enfrentamento das resistências erguidas ao se aproximar, por meio da associação mais livre possível, dos resíduos que lhe escapam e formam sua fala, seus sintomas, sonhos e fantasias.

No escrito “Construções em análise”, Freud diz que a construção – ou reconstrução, haja vista que o material produzido se vincula estreitamente às experiências vividas – em análise não é o objetivo final do trabalho, mas sua condição inicial, intimamente ligada ao sintoma (Freud 1937a/1996, p. 278). Esse fazer se ordena pelo ato psicanalítico que “fica ao alcance de cada entrada em uma psicanálise”, de acordo com Lacan, “o ato (puro e simples) tem lugar por um dizer, e pelo qual modifica o sujeito” (Lacan 1967-1968/2003, p. 375). Desta forma, as construções em análise, ordenadas pelo discurso psicanalítico, constituem as condições para que este discurso opere sobre o sujeito, sobre sua verdade subjetiva segundo a reconstrução de sua história. Através do seu dizer, constituem as próprias condições para que haja análise, para que entre em jogo a interpretação através da transferência.

A interpretação como uma intervenção do analista sobre um material preciso, de maneira pontual, em relação à verdade singular do sujeito, não funciona segundo a sugestão e nem sob modelos prescritos. A interpretação em psicanálise somente adquire sentido dentro da própria construção que ela ordena, através da narrativa daquele que se analisa. Faz-se pertinente notar, então, em “Construções em análise”, que Freud, mais uma vez, compara a construção das narrativas daquele que se analisa à criação poética, atribuindo-lhes, assim como nos delírios, valor de *verdade histórica* e “método” (Freud 1937a/1996, p. 285). Sendo assim, existe método tanto na loucura, no delírio, quanto nas

fantasias, nas formações sintomáticas, como nos sonhos. As construções em análise consistem na tentativa de constituir, de acordo com a etimologia do termo método, um “caminho através do qual seguir”, um caminho que conduza à verdade singular do sujeito, a ser confirmada pelos efeitos do endereçamento desse material particular ao outro, que opera segundo esse material não no sentido de levar essa construção ao fechamento, à prova última de uma veracidade factual encerrando ali o sujeito, mas no sentido de possibilitar que este tenha condições de se responsabilizar por seu posicionamento dentro desta construção e para que, através da interpretação, entre em contato com algo indicando que na construção estão contidos fragmentos de uma verdade que diz de sua história, do seu jeito singular de se posicionar em relação a ela (p. 285 e 286).

Desta maneira, o recurso à fantasia e à construção auxilia não somente para que sejam entendidas melhor algumas questões técnicas em torno da experiência psicanalítica, mas serve também à reflexão em torno das questões teóricas suscitadas por essa experiência, pois, ao se voltarem os olhos para aquilo que Freud fazia com os seus escritos iniciais, pode-se dizer que, embora a psicanálise ainda não estivesse constituída nem como método nem com trama conceitual consistente, por meio deste escritos Freud já se lança nesta construção. Neles se encontram fragmentos de sua auto-análise, interpretações de seus próprios sonhos, sintomas e fantasias, neles também encontramos preciosos esboços teóricos que permitem entrever por meio das noções manipuladas a exigência de trabalho e tempo que demandariam para serem elaborados. A importância, no momento, em recorrer a um dos escritos finais de Freud reside no valor demonstrativo de que essa elaboração, quatro décadas depois, ainda não se encontra em um estado acabado, senão na dependência do sujeito a cada vez que este se vê interpelado quanto ao que lhe escapa, ainda que isso que lhe escapa esteja solidamente ligado às suas próprias condições de estruturação discursiva; a cada vez em que o sujeito é colocado em relação com a causa de seu desejo e é convocado a partir desse lugar a produzir um saber e se responsabilizar por essa produção.

Enquanto prática, a psicanálise exige a manutenção de um lugar para a produção discursiva do sujeito, seja no que diz respeito à clínica quanto à elaboração teórica conceitual e, dessa maneira, pode-se perceber, com os escritos iniciais, ainda mais colocados em relação a um de seus últimos escritos, Freud se implicando com a tentativa de criação deste lugar. Sendo assim, a transmissão da psicanálise depende de forma radical

da manutenção de um lugar para que o sujeito produza um saber que padeça da verdade que lhe escapa. De forma clara, também se pode ver em Lacan o comprometimento em seus “Escritos” com a tentativa de criação deste lugar através da formulação de um objeto ativo indicando um vazio naquilo que é o mais próprio de cada um, naquilo que causa seu desejo, naquilo que suporta a estrutura do sujeito, um comprometimento que se apresenta pela via de um endereçamento cujo estilo se sustenta pela própria tentativa de transmissão da lida com esse singular objeto que escapa ao sentido. Logo na abertura de sua coletânea dos “Escritos”, escreve: “Queremos, com o percurso de que estes textos são os marcos e com o estilo que seu endereçamento impõe, levar o leitor a uma consequência em que ele precise colocar algo de si” (Lacan 1966/1998, p. 11).

Desta maneira, com o percurso realizado até aqui, não seria muito difícil de perceber a exigência de que alguém que recorra a um psicanalista devido ao sofrimento pelo qual é acometido, acreditando poder ser auxiliado quanto a este sofrimento, ao se deparar com uma proposta de investigação desse sofrimento pela qual se faz necessário uma reconstrução de suas experiências através de sua fala, assim não é tão complicado perceber que para que a coisa ande seja necessária sua implicação. Entretanto, no que diz respeito à investigação teórica, talvez ainda não sejam tão perceptíveis as exigências que se impõem ao psicanalista nesta empreitada. Pode-se dizer, por meio dos textos analisados, que Freud se dava conta e cumpria tais exigências, como visto, colocando-se em causa na investigação para que essa avançasse, mas também se faz pertinente dizer que foi Lacan quem formulou a paradoxal estrutura de articulação da psicanálise pelo praticante, na qual “o objeto é ativo e o sujeito, subvertido” e a partir da qual o ato psicanalítico é ordenado inaugurando o método de uma teoria, “pelo fato de que ela não pode, com toda a correção, considerar-se irresponsável pelo que se configura de fatos por meio de uma prática” (Lacan 1967[1966]/2003, p. 332). Sendo assim, de forma paradoxal, não se pode eximir de responsabilidade o que se configura como dizer através da articulação por parte do psicanalista com relação a sua prática, ainda que o método teórico de investigação em psicanálise não se assemelhe aos modelos tradicionais e aos seus meios de transmissão, pois o sujeito é que se encontra interpelado por um objeto que ocupa a posição ativa em uma irremediavelmente singular disposição investigativa irreprodutível por estrutura, ainda que seja a partir deste objeto ativo constituinte de um vazio, de uma ausência, uma falta de

sentido, que o psicanalista em sua prática cotidiana endereça ao sujeito a questão sobre seu desejo, exigindo-lhe uma produção de saber e uma implicação nesta produção. Este objeto que inflige ao sujeito uma posição passiva apontando para a falência da linguagem, ainda que este objeto escape ao dizer, não deixa de ser a partir dele que o psicanalista deve demonstrar o que realiza com sua prática.

Em “Construções em análise”, Freud constrói uma analogia entre a prática do psicanalista e a do arqueólogo; escreve que os trabalhos realizados – construção e escavação – são bastante parecidos, “ambos possuem o direito indiscutido a reconstruir por meio da suplementação e da combinação dos restos que sobreviveram”, diz ele, “mas o objeto psíquico cuja história primitiva o analista está buscando recuperar, é diferente”, pois o “objeto arqueológico” em seus elementos essenciais dificilmente é encontrado preservado, enquanto os elementos essenciais do objeto psíquico, como articulado acima, não deixam de se fazer presentes em qualquer estruturação discursiva, ainda que velados ao sujeito em causa. Trabalhar com algo pulsante, “algo que ainda está vivo”, algo que se repete desde a mais tenra infância, algo “indicado pela transferência em conexão com essas repetições”, colocaria o trabalho do psicanalista em melhores condições se não fossem os objetos psíquicos “incomparavelmente mais complicados que os objetos materiais do escavador”. Freud termina sua comparação com aquilo que considera a principal diferença entre os dois trabalhos, a própria “reconstrução”, que no caso do arqueólogo seria o objetivo final. Alcançando-a cessariam os esforços deste, enquanto a reconstrução ou construção seria apenas o primeiro trabalho para o psicanalista (p. 277 e 278).

Recorrer ao escrito “Construções em análise”, em comparação aos escritos iniciais de Freud, serve não simplesmente para a ilustração de um desenvolvimento técnico e teórico cuja depuração em relação à fase germinal da psicanálise permitiria um delineamento de um contrastante entre o ápice evolucionário e o primitivo; recorrer a este trabalho de 1937 adquire seu valor justamente porque neste escrito de quatro décadas, após essas primeiras elaborações examinadas aqui, Freud ainda despende seus esforços para construir a Psicanálise – veja-se bem, com letra maiúscula, o que permite interpretar o quanto ainda pulsa no final de sua vida seu anseio em ver sua disciplina reconhecida cientificamente e, de maneira essencial, o quanto pulsa incessantemente a elaboração na tentativa de articulação do que se realiza a partir da experiência clínica.

Lacan e a construção em psicanálise

Faz-se interessante, ainda, a partir deste trabalho de 1937, explorar, em um sentido mais específico, a analogia construída entre a Psicanálise e a Arqueologia – esta que no início do século vinte já gozava de certo status de importância perante outras disciplinas tais como a Antropologia e a História – ambas trabalhavam a partir do que resta da ação do tempo e da natureza. Ainda com Freud, pode-se dizer que, da ação do tempo e da natureza, “possuímos um conhecimento insuficiente do que podemos esperar encontrar” e que a “combinação” destes restos pode ser “surpreendente e, a princípio, incompreensível”. Desta maneira, uma construção em meio aos escombros, às ruínas, uma singular composição que exige que os resultados sejam mantidos em suspenso. (Freud, 1937/1996, p. 284 e 278).

Isso pode ser demonstrado através da construção “arqueológico-psicanalítica” realizada por Lacan a partir de uma pequena e antiga formulação do filósofo confuciano chinês do século III antes de Cristo, Meng-Tzu, Mêncio segundo a forma latina (Lacan 1971/2009). A partir do trabalho de Lacan com os caracteres chineses que compõem tal formulação, me permito tentar escrevê-la da seguinte maneira: ‘Sob o céu se encontra a linguagem criando a natureza do ser falante, em consequência da causa com agir de mais-de-gozar somente’.

Não seria muito fora de senso aceitar razoavelmente a primeira parte dessa tentativa de escrito da formulação de Mêncio através do trabalho com Lacan, dizendo que, abaixo do céu, no mundo, o funcionamento da linguagem, a fala, cria a natureza do ser falante, haja vista a elaboração de toda a vida de Lacan por introduzir de fato a categoria da linguagem em psicanálise como fundamental para que esta formule algo que se sustente sobre a natureza humana, mais especificamente que esta natureza humana não é senão o que no mundo se encontra enquanto efeito de discurso. Entretanto, a linguagem criando a natureza do ser falante somente em função da causa como mais-de-gozar pode não parecer bastante apreensível. Nesta sessão de “O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante”, de um discurso que dissesse o verdadeiro sobre o verdadeiro, nesta sessão em que se coloca em trabalho a partir do escrito de Mêncio, Lacan ensina que o escrito acarreta mal entendidos, sendo justamente estes mal entendidos os responsáveis por sua força, pois deles se exige que se fale. Embora o escrito seja segundo, de acordo com Lacan

a fala abre o caminho para o escrito. Este deve repercutir, ressoar, reconduzir à fala. O escrito não é linguagem, do escrito, que se constrói justamente por referência a ela, dele se faz uso para interrogá-la. Através da ambiguidade dos caracteres chineses, Lacan atesta a força da língua chinesa escrita e diz que “é exatamente na medida em que a referência quanto a tudo o que é linguagem é sempre indireta que a linguagem adquire sua importância” (p. 54). Não se deve partir da exigência antecipada de um sentido apreensível, muito menos se deve desvalorizar um enunciado por incorrer no absurdo, “se partimos do princípio de que uma coisa que não tem sentido não pode ser essencial no desenvolvimento de um discurso, perdemos o fio da meada” (p. 55). Portanto, mesmo que um enunciado pareça sem sentido, sem pé ou cabeça, sem um e o outro, ainda assim, para que se avance no discurso psicanalítico não se deve menosprezá-lo, não obstante não se deve buscar dar-lhe sentido. A regra analítica, “fale, fale, combine coisas, basta você tagarelar, eis aí a caixa de onde saem todos os dons da linguagem, uma caixa de Pandora”, eis aí de onde se instaura a esperança de uma nova maneira de laço entre os falantes, um novo discurso cuja função é definida não por ser livre, diz Lacan, senão ligada por condições do consultório psicanalítico (Lacan 1971/2009, p. 54, 55, 58 e 60).

O discurso analítico se ordena pela busca da verdade sobre o sintoma sustentada por uma relação dissimétrica entre o paciente e o psicanalista – o primeiro supõe um saber no segundo, um saber sobre aquilo que lhe escapa a respeito de si próprio, fazendo a si próprio estranho, alheio, lhe fazendo enigma, sendo-lhe impossível nomear, mas que se impõe-lhe de maneira incontrolável; o segundo sustém este enigma referindo-se ao sujeito de maneira que este se coloque em jogo quanto ao seu dizer, assumindo a responsabilidade pela construção de um saber sobre sua relação com esse objeto indizível, relação interposta pela linguagem que estrutura a fantasia entre o sujeito e este objeto que instaura um vazio. Se Freud indica que uma psicanálise começa pelo sintoma, Lacan formula que é a partir do objeto que se furta e causa o desejo do sujeito que ela se sustentará no atravessamento da fantasia sob orientação do sintoma, que é aquilo que o sujeito tem de mais particular.

Pode-se dizer que este objeto que aparecerá no seminário “a transferência” como objeto do desejo, será articulado no seminário sobre “a angústia” como causa do desejo, objeto que Lacan nomeia como objeto *a* e o formulará, nos anos que se antecedem ao seminário “de um discurso que não fosse semblante”, com a função de “mais-de-gozar”; pode-se dizer que este objeto é o resultado da elaboração sobre a Coisa freudiana. Esta, no

seminário “a ética da psicanálise”, é destacada por Lacan do texto do “Projeto para uma psicologia científica”, escrito por Freud pouco tempo depois da publicação dos “Estudos sobre a histeria”, mas publicado apenas quase cinquenta anos depois, mais de uma década após sua morte. Far-se-á necessário retomar o “Projeto” um pouco adiante. Por ora, a partir dele, é válido dizer que a Coisa, *das Ding*, é o objeto de satisfação plena. Devido ao desamparo em que vem ao mundo, a vida humana depende para se sustentar de um outro experiente, que geralmente já investe no pequeno bebê uma aposta que terá consequências desde antes de seu nascimento, desejando-lhe ou não, invariavelmente lhe prepara um lugar. Quando tudo sai bem, após um nascimento em que se espera choro, grito do pequeno confirmando sua chegada e deflagrando a potência da aposta; após o nascimento para um mundo de sensações para as quais seu sistema nervoso ainda por se desenvolver não consegue assimilar, o bebê é lavado, e, quando sai tudo bem, conduzido à mãe, a alguém que, por meio do que Freud chama de ação específica, lhe propiciará, após um excesso de estímulos impossíveis de serem evitados – certamente, aversivos, uma satisfação inigualável às dos objetos com os quais terá de se arranjar se tudo correr bem em sua imersão na natureza humana, objetos a partir dos quais se satisfará sempre em falta – a condição do desejo – ou em excesso – pela imposição da pulsão apontando para o gozo que, de acordo com Lacan, é sempre o caminho para a morte (1971/2009). A Coisa freudiana, portanto, não poderia deixar de ser mítica, pois embora possa ser dita diversas maneiras, articulada entre outros conceitos, seu fundamento consiste justamente a partir do inassimilável, do impossível de se dizer, do real segundo Lacan.

A Coisa freudiana, “pescada” por Lacan no escrito de Freud, o auxiliara a formular uma teoria da falta de objeto já anunciada no seminário do ano de 1956 – 1957, “a relação de objeto”, como fundamental ao trabalho conceitual em psicanálise. Não há um desenvolvimento possível para o sujeito no sentido de adaptação ao objeto, pela imersão no mundo humano através desta relação com o Outro – que se trata muito mais do funcionamento da linguagem do que do outro como semelhante – a relação entre sujeito e objeto será sempre desarmônica, conflituosa, pois os objetos engendrados abaixo do céu, no mundo, pelo funcionamento da linguagem, implicam uma perda irreparável de satisfação. Lacan, em “O seminário, livro 16: de um Outro ao outro”, diz:

Pelo início do funcionamento de organismo, constata-se que o objeto pode assumir a imagem de entidades evanescentes cuja lista já forneci, que vão do seio à evacuação e da

voz ao olhar. Essas são outras tantas outras fabricações do discurso da renúncia ao gozo. O que impulsiona esta fabricação é isto: em torno delas pode se produzir o mais-de-gozar (Lacan 1968-1969/2008, p. 22).

Nos anos avançados de seu ensino, por volta do décimo sexto ao décimo oitavo ano do seminário público, Lacan se lança na elaboração do objeto *a* em função de mais-de-gozar, *plus-de-jouir*, expressão criada por referência à “mais-valia” articulada pelo filósofo socialista Karl Marx (1818-1883), insistindo sempre que não se trata de uma noção fácil de ser manipulada. No entanto, ela permite, a partir do trabalho de Lacan com a formulação de Mêncio, dizer que somente em consequência da função da causa como mais-de-gozar é que se pode articular alguma coisa consistente sobre a natureza humana; somente a possibilidade de fazer uso dos elementos dispostos pelo Outro como modo de satisfação, como meio de gozo, desencadeia a entrada na linguagem e cria as condições para a localização do sujeito. Do objeto mítico causa da vivência plena de satisfação restam apenas resíduos que, embora acarretem sua marca real, fora da linguagem, não proporcionam uma satisfação adequada, provocando a exigência de uma outra satisfação, a partir da qual a linguagem se encadeará.

‘Sob o céu se encontra a linguagem criando a natureza do ser falante, em consequência da causa com agir de mais-de-gozar somente’.

Desta maneira, a causa como mais-de-gozar cria um lugar à natureza humana através do funcionamento da linguagem no campo da fala. É neste circuito arranjando pelo Outro que pode ser localizado o sujeito em sua relação com estes objetos que, embora fabricados pela linguagem no rastro da Coisa, quanto à satisfação estarão sempre em falta ou excesso, sejam postos na moldura pela fantasia ou em ação nos sonhos, lapsos e sintomas.

Assim se volta ao filão do percurso aqui traçado, após um giro efetuado por uma tentativa de escrito, da qual se pôde extrair não o ensinamento de uma certeza qualquer, uma tradução literal ou universitária, senão uma exigência de demonstração, de se investir fala, seriedade, discurso, de desdobrá-la em algumas de suas consequências, uma exigência de tempo, que, em função da pressa nossa de cada dia, provoca uma precipitação: ‘O discurso psicanalítico é consequência da causa com agir de causa do desejo somente’.

Eis sob o céu, desde Freud, no mundo, um novo discurso que se desdobra não em consequência de um ganho de gozo, mas em função da causa com agir de causa do desejo. O discurso psicanalítico se endereçando ao sujeito no campo da verdade, no Outro, no lugar onde esse sujeito é determinado pelo discurso, endereçando a partir da indizível causa do desejo, esse discurso impõe ao sujeito um questionamento que o conduz a produzir um saber sobre a verdade que lhe é barrada. O escrito, como ensina Lacan, é uma boa maneira para se interrogar a linguagem, pois não sendo linguagem, somente se constrói em referência a ela, “somente a partir do escrito é que se constitui a lógica (Lacan 1971/2009, p. 60). Uma tentativa de escrito significa uma tentativa de dizer algo com precisão independente do sacrifício do sentido. É interessante notar, nestes seminários em que realiza a elaboração dessa outra função do objeto *a* como mais-de-gozar, Lacan insistir em sua preferência por um discurso sem fala. Já no primeiro dos seminários referidos aqui, “de um Outro ao outro”, escreve, logo em sua abertura, no quadro negro: “A essência da teoria psicanalítica é um discurso sem fala” (Lacan 1968-1969/2008). Neste seminário Lacan aproxima suas extensa produção conceitual – esta já incluía numerosos “matemas” dispostos em esquemas e grafos que, há muito sob inspiração dos “mitemas” de Claude Lévi-Strauss (1908-2009), eram inscritos em seu ensino com a intenção de demonstrar o que acontece na experiência psicanalítica – neste seminário do ano de 1968-1969, esta avançada trama conceitual, fruto da elaboração de Lacan sobre a Coisa freudiana, é aproximada de noções matemáticas, rendendo fórmulas e equações exigentes de um investimento maciço de fala, exigentes, ainda, de uma estruturação.

Reduzir a elaboração ao trabalho com letras, fórmulas, equações e grafos, reduzir ao que não depende do sentido para se desenvolver de forma lógica com o maior rigor, reduzir ao escrito garantiria uma transmissão integral da experiência psicanalítica? Por Lacan se servir do discurso matemático não significa pensar que tal discurso deva fazer parte da constituição de um ideário psicanalítico, pois tal inferência por si mesma poderia vibrar como dissonante, pois nada mais estranho à experiência psicanalítica que um mundo das ideias, um ideal, donde se retirariam as garantias para um desenvolvimento seguro, livre da malha de ambiguidade do sentido. A “matematização do discurso psicanalítico” deu o que falar e o psicanalista não deixa de fazer uso dos matemas para se referir na e à sua experiência.

O que interessa diretamente ao percurso aqui realizado está disposto no seminário “de um discurso que não fosse semblante” e nos outros dois que o precedem, onde Lacan ensina que a fala abre caminho para o escrito, que este é uma tentativa de formular o que a fala estrutura, ainda que à custa do sacrifício do sentido, o que pode criar a exigência de que ele, o escrito, seja investido seriamente de fala para que seja entendido, implicando para além dos inconvenientes próprios no que diz respeito ao “começar”, para além desses inconvenientes, o prosseguimento do discurso psicanalítico, cuja dificuldade essencial, capta Lacan, é devida ao acúmulo de resistência à medida que ele prossegue (Lacan 1971/1996, p. 57; 1968-1969(2008), p 46). Isso cria um encadeamento dificultoso ao se inscrever a partir de um movimento intervalar, fala – escrito – fala...

Em outra ocasião, esta pequena série pode ser enriquecida de vetores, parábolas, sinais, para situá-la em relação aos conceitos psicanalíticos, o que exigiria um esforço discursivo enorme para que ganhasse alguma consistência, ou fosse descartada; o que interessa aqui com esta proposição é especificamente a possibilidade de ilustrar tempos distintos. Se incorrêssemos em uma cronologia a partir desta série, poder-se-ia dizer, com São João, que “no princípio era o Verbo” como o funcionamento da linguagem, a fala do Outro criando um lugar para que o ser falante seja lançado. Entretanto, continuando com São João que, quanto ao Verbo, diz, “tudo foi feito por êle, e sem êle nada foi feito”, poder-se-ia perguntar se esse “nada”, feito sem “êle”, não era no princípio. Entretanto, com essa proposição esquemática, fala – escrito – fala..., nada é dado a saber sobre o que vem em primeiro, nada disso interessa. Sua serventia condiz com o ensinamento de Lacan com Mêncio de que “o escrito não é primeiro e, sim, segundo em relação a toda função de linguagem”, no caso de nossa formulação esquemática. Segundo, em relação à fala, sem ele não há intervalo nela, intervalo que se faz marcar seja pela falta de sentido que instaura, seja pelo despedaçamento desse sentido através da riqueza da ambiguidade. Sem o escrito, não há possibilidade alguma de voltar a questionar os efeitos do funcionamento da linguagem (João 1991, p 1384; Lacan 1971/2009, p. 59 e 60). Portanto, essa pequena sequência serve para se pensar a função do escrito no discurso psicanalítico como intervalo na fala em que o sentido é colocado na berlinda, instituindo o silêncio e a necessidade de leitura dos próprios elementos estruturantes da fala que lhe abriu o caminho. Um movimento retroativo se faz necessário para que possa avançar como discurso que se encadeie de forma a repercutir como um questionamento quanto ao desejo a partir dos

efeitos de linguagem que determinam o sujeito. “No discurso analítico”, diz Lacan, “trata-se de dar plena presença à função do sujeito, invertendo o movimento de redução que habita o discurso lógico, para nos centrarmos perpetuamente no que falha” (Lacan 1968-1969/2009, p. 47).

Essa elaboração serve para delimitar alguns ótimos marcadores operacionais que indicam a orientação seguida pelo trabalho aqui disposto. Orientação a qual deve ser nomeada lacaniana, nome que se justifica por ter sido Lacan quem melhor emprestou a voz à coisa freudiana para que falasse por si mesma; quem sustentou durante vinte e seis anos um seminário público, um ensinamento que parte justamente da insistência na importância do retorno a Freud em psicanálise num tempo em que esta parecia inclinar-se à sugestão, definindo sua operatividade por meio do campo do imaginário. Refiro-me aqui à Psicologia do Eu, nesse tempo em que a técnica e a formação do psicanalista tendiam a uma formatação burocratizante. Nesse tempo, Lacan se esforça para demonstrar que a coisa não é domesticável, está fora do sentido e, mesmo impossível de ser simbolizada, é por meio do simbólico que se deve tentar abordá-la (Lacan 1966(1953)/1998).

De maneira primacial, em um primeiro tempo, o sentido em psicanálise é um retorno, seja por parte daquele que se analisa ao se inclinar sobre sua própria história, seja por parte do analista em sua elaboração da teoria ao retornar aos textos de Freud, aos escritos através dos quais ele buscou formular aquilo que encontrava em sua experiência. Trata-se de um retorno à riqueza desses escritos, às guinadas estruturais, às ambiguidades geradas pelas traduções, no sentido de ir além da contextualização das necessidades de introduções conceituais, chegando às dificuldades próprias por Freud enfrentadas – dificuldades estruturais do campo de investigação que ele busca delinear através de seus escritos.

Não é à toa que em 1953, no que é considerado o primeiro ano do seminário, Lacan comece por “os escritos técnicos de Freud”. Já na abertura do seminário nos diz que as noções que constituem o pensamento de Freud possuem vida própria e não são passíveis de serem subjugadas pelos grilhões de palavras gastas, pois este pensamento é o mais aberto à revisão, à crítica. O procedimento de Lacan, para abordar o real da experiência cujas trilhas foram abertas por Freud, institui-se por uma releitura de textos, a partir da qual seus conceitos possam ser colocados à prova. No escrito “Função e campo da palavra e da linguagem”, Lacan indica que, para além de toda a satisfação gerada ao se debruçar com

admiração sobre os textos freudianos, não se pode deixar de notar o caráter sofredor na maneira como Freud “nos transmite o que se poderia chamar as vias da verdade do seu pensamento”, para que o estilo da elaboração com estes escritos opere “sempre em função da questão *o que fazemos quando fazemos análise?*” (Lacan 1953-1954/1986, p. 18 e 19).

Pode-se dizer que Lacan foi quem primeiro reivindicou de forma explícita a introdução do campo da linguagem como fundamental em psicanálise para se delinear o fazer psicanalítico e, de maneira incessante, durante todo o seu percurso não deixou de fazê-lo. Ainda em 1953, em “Função e campo da palavra e da linguagem”, Lacan considera que a psicanálise já nesta época se encontrava deteriorada. Suas noções como disciplina se encontravam esgotadas, gastas, e a única maneira de lhe garantir sua sobrevivência como experiência não seria tomando a tradição terminológica legada por Freud como constituinte de verdades estabelecidas ou, ainda muito menos, abandonando tal tradição, mas levando as noções elaboradas através dela à crítica com a tarefa de destacar “o sentido que elas resgatam tanto de um retorno à sua história quanto de uma reflexão sobre seus fundamentos subjetivos” (Lacan 1966[1953]/1998, p. 239, 240 e 240).

Neste texto, Lacan indica que tal realização não pode ser feita sem dificuldades ou riscos, pois encadear uma reflexão sobre os fundamentos subjetivos, mantendo-se no nível da experiência sem recorrer a receitas já prontas em um campo no qual as noções articuladas são de extrema complexidade, coloca aquele que, a partir daí, expõe seus julgamentos em uma situação perigosa. Para que fosse restituído à técnica o seu rigor e à teoria sua força, a experiência psicanalítica deveria ser reconduzida aos seus fundamentos, ou seja, à fala e à linguagem. No texto ainda encontramos enunciada a importância da referência à linguística para a elaboração da experiência, o que desencadearia, de acordo com Lacan, condições epistemológicas mais consistentes para os fundamentos da técnica e da teoria.

Isto se faz importante ao se tentar precisar alguns posicionamentos da psicanálise em relação às ciências. A arqueologia aludida aqui, por exemplo, atualmente busca fundamentar seu status científico através de procedimentos dependentes da biologia, da física e da química. São vários os processos de datação dos objetos, além do famoso carbono – 14, encontra-se também a termoluminescência, a luminescência opticamente estimulada e a ressonância paramagnética nuclear. Entretanto, no que concerne à orientação do trabalho aqui disposto, pela qual importa-nos retornar sobre aquilo que

herdamos para nos aperceber do caminho que seguimos, neste sentido seria instrutivo para a reflexão sobre o posicionamento em relação às ciências o precioso ensaio “Linguística e Arqueologia” do professor Pedro Paulo Abreu Funari (1999), onde realiza uma retrospectiva histórica da arqueologia demonstrando como seus modelos interpretativos receberam e continuam recebendo da linguística as condições para construir-se como ciência. Pode-se dizer que há alguma semelhança entre esta proposta geral deste ensaio e a orientação que constitui a base da elaboração realizada por Lacan em torno da experiência psicanalítica. Entretanto, no que se refere à linguística – da qual Lacan se aproxima em um primeiro momento para definir sua posição, “esta”, aliás, dirá ele no seminário “de um Outro ao outro”, “é idêntica em vários pontos ao que se inscreve sob o nome de epistemologia” (p. 47) – se faz importante notar que Freud a antecipa. Escreve Lacan em “Função e campo da palavra e da linguagem” sobre a indicação extraída da caminhada de Freud e a linguística que viria a se configurar como ciência:

A lingüística pode servir-nos de guia neste ponto, já que é esse o papel que ela desempenha na vanguarda da antropologia contemporânea, e não poderíamos ficar-lhes indiferentes.

A forma de matematização em que se inscreve a descoberta do *fonema*, como função dos pares de oposição compostos pelos menores elementos discriminativos captáveis da semântica, levando aos próprios fundamentos nos quais a doutrina final de Freud aponta, numa conotação vocálica da presença e da ausência, as origens subjetivas da função simbólica (p. 286).

Assim, colocando em questão o ensino da psicanálise de sua época a partir da operação de releitura de Freud, auxiliado por instrumentos colhidos em sua aproximação da linguística, Lacan propõe a linguagem como fundamento da psicanálise. Ele insiste que, ao fazer isto, não significa introduzir novidade alguma senão colocar à prova os próprios fundamentos com os quais Freud elaborou toda a sua obra. Aquilo que primeiramente fora nomeado por Anna O. como “cura pela fala”, depois de mais de meio século requer o estabelecimento da linguagem em seus fundamentos, o que interessa diretamente à reflexão aqui desenvolvida, pois permite de forma retroativa não eliminar as lacunas da elaboração realizada, mas dar contorno às brechas, passar por elas, com o intuito de seguir adiante no seguimento indicado por esta orientação aqui nomeada lacaniana, ou seja, pelas vias do simbólico direcionado pelo que lhe escapa, pelo real ao qual Freud se depara em sua experiência, ilustrado pelo que nomeia como “umbigo dos sonhos” - resíduo irreduzível ao

qual se depara pela interpretação dos sonhos. Adentremo-nos, pois, por estas brechas para aferir o que deste caminho pode ser articulado em relação ao propósito aqui almejado.

A dimensão da linguagem e a elaboração psicanalítica

Antes mesmo de vir ao mundo, o ser humano está envolto pela ordem simbólica constituída pela linguagem. O próprio “momento em que o desejo se humaniza é também aquele em que a criança nasce para a linguagem” (Lacan 1966[1953]/1998, p. 320). Desde Freud, apesar de falar sobre o desejo não consistir em uma missão das mais fáceis, somente se pode falar em desejo humano a partir do nascimento da criança para a linguagem, uma complexa estrutura inassimilável que prepara um lugar para a criança que nela poderá se inserir e se implicar a partir de estruturas elementares oposicionais, pai-mãe, homem-mulher, dentro-fora, dia- noite, terra-céu, que organizam este campo.

A inserção em tal campo implica a renúncia por parte da criança da satisfação pelo suposto objeto ao qual é impulsionada e que já não reencontra, se é que em algum momento o encontrara de fato. Em “Além do princípio do prazer”, Freud interpreta esta renúncia através da observação de uma criança de um ano e meio que repetia incessantemente, na ausência da mãe, um jogo que consistia em fazer desaparecer e aparecer objetos. Este jogo, ele escreve, “se relacionava à grande realização cultural da criança, a renúncia instintual (isto é, a renúncia à satisfação instintual) que efetua ao deixar a mãe ir embora sem protestar” (p. 26). Aqui se faz importante apontar que a utilização da expressão “instinto” é devida à tradução. O termo usado por Freud, *trieb*, é melhor traduzido por pulsão, porque não coincide com o instinto como articulação, saber necessário que a vida lança mão para se manter, pois a pulsão, sendo acéfala, nem sempre está relacionada à manutenção da vida. Qualificada como um conceito fundamental da psicanálise, a pulsão demandou de Freud décadas de elaboração e se refere ao impulso cuja fonte somática exerce uma força constante que exige satisfação, mobilizando o psiquismo em busca do objeto que a satisfaria. Este objeto, estando em relação ao inconsciente, é por demais variável, sendo impossível de precisá-lo (Freud 1915/1996). Na década de 1930, em as “Novas conferências introdutórias sobre psicanálise”, Freud enuncia que “a teoria dos instintos é, por assim dizer, nossa mitologia. Os instintos são entidades míticas, magníficos em sua imprecisão”, acrescentando que, em psicanálise, mesmo sob o risco de

taxação de incorrer no inefável, não se pode desprezar o trabalho com as pulsões, ainda que nunca se esteja seguro de abordá-las de forma clara (Freud 1933[1932]/1996, p. 98).

A brincadeira observada por Freud, portanto, ilustra a inserção da criança na ordem simbólica ao colocar em jogo sua satisfação pulsional a partir dos elementos que estruturam o campo da linguagem. Sendo assim, através de uma repetição produzida no processo de simbolização, a criança substitui o objeto perdido por um símbolo e sua implicação neste campo pode ser verificada justamente pela fala. Isto é demonstrado no caso da criança observada por Freud que, ao brincar com um carretel amarrado por um barbante, arremessava-o para longe de sua visão e enunciava ‘o-o-ó’, o que os adultos interpretaram como significando a palavra alemã *fort*, “ir embora”. Quando puxava de novo o carretel para próximo de si, a criança alegremente emitia um *da*, “ali” (Freud 1920/1996, p. 26). Desta maneira, através do jogo repetitivo de ausência e presença do objeto, no jogo de simbolização com os elementos mínimos da linguagem que não criam sentidos por si sós, e a partir das interpretações do outro imerso na cultura, a criança vai se inserindo no laço social à custa do enquadramento da satisfação no funcionamento da linguagem e consequente interdição do objeto, ao qual, de agora em diante, pela ação da repetição, só haverá substitutos.

Lacan, em sua referência à linguística, definirá esses elementos mínimos, que por si mesmos não fazem sentido, como “significantes”. O significante é interpretável, traduzível, legível, apenas sob a condição de ligação a outros significantes, estes que podem se substituírem entre si encadeiam-se segundo uma estrutura. Em 1960, numa conferência, gênero de convenção que segundo Lacan fugia-lhe ao estilo, ele oferece uma claríssima definição de significante e suas dimensões sincrônica e diacrônica em relação ao que fornece a experiência psicanalítica.

O que se traduz tecnicamente é o que chamamos de significante. É um elemento que apresenta duas dimensões, estar ligado sincronicamente a uma bateria de outros que podem substituí-lo, e, por outro lado, estar disponível para um uso diacrônico, isto é, para a constituição de uma cadeia significante.

Com efeito, há no inconsciente coisas significantes que se repetem, correndo constantemente à revelia do sujeito (Lacan 1960/2005, p. 19).

Será longo o trabalho sob a exigência de situar a linguagem como fundamento da psicanálise e muitos são os trabalhos que se dedicam à escruta das aproximações,

influências, apropriações e subversões realizadas por Lacan a partir das noções conceituais da linguística. A fundação da linguística moderna com o trabalho de Ferdinand de Saussure (1857-1913) desencadeia consequências que repercutiram nas elaborações teórico-metodológicas de diversas ciências, principalmente a partir dos avanços realizados em sua conceitualização pelo linguista Roman Jakobson (1896-1982), avanços que conduzem o antropólogo Claude Lévi-Strauss (1908-2009) a desenvolver instrumentos conceituais para a análise antropológica inspirados na linguística estrutural. Este modelo, que tomava como objeto a língua e seus elementos constituintes de leis gerais de um sistema de funcionamento, consistia para disciplinas de campos distintos a possibilidade metodológica de tratarem com rigor científico seus objetos extremamente criticados pela tradição clássica, como é o caso das disciplinas que adotam a humanidade como objeto de análise. Pode-se dizer que tanto Arqueologia como Antropologia, Sociologia e Psicologia se nutriram dos modelos trazidos pela Linguística. É, com efeito, acertado afirmar que a Psicanálise também se alimentou das elaborações produzidas no campo da Linguística, entretanto, retornando à orientação, a psicanálise paradoxalmente antecipa a Linguística e avança para além dela com Freud, pois, aproximando os mecanismos psíquicos do funcionamento da linguagem, o que se introduz é uma ligação inextricável entre o ser falante e uma ordem simbólica autônoma, um Outro discurso articulado segundo as leis do significante, leis semelhantes às leis enunciadas a partir do trabalho de Saussure e de Jakobson como “metáfora” (seleção, paradigma) e “metonímia” (combinação, sintagma), leis, de acordo com a elaboração lacaniana com estes autores, identificadas com as que regem o funcionamento do mecanismo psíquico já articuladas por Freud em 1900 em “A interpretação dos sonhos” como “condensação” e “deslocamento”, respectivamente. É sobre essa via que firmará o sentido do retorno a Freud, à coisa freudiana, podendo-se dizer que – em referência ao escrito de Lacan derivado de uma conferência que pronunciou em Viena por data dos trabalhos realizados em torno do centenário do nascimento de Freud – o sentido do retorno a Freud em psicanálise se situa no nível de um convite para se enveredar através das vias do simbólico deixando-se orientar pelo real, no rastro da Coisa fora do sentido; um convite dirigido a qualquer um ou mesmo a todos, um convite cuja essência consiste em deixar a cargo do convidado tanto a decisão de adentrar por essa via, tal como a de dar os passos exigentes para o seu prosseguimento ou a de abandoná-la (Lacan 1966 [1953]/1998, p. 406).

A lei humana é a lei da linguagem. Ela ordena as relações entre as pessoas, ela cria o mundo. É o que a psicanálise vem dizer, antes da linguística, mas não em primeiro se nos referenciarmos, por exemplo, mais uma vez a Heráclito, para quem discórdia-concórdia, guerra-paz... dialeticamente se entrelaçam na natureza sob o ritmo do *logos* – do qual enuncia tal como o oráculo, “tendo ouvido é sábio homologar tudo é um”⁵ –, ou, se nos

⁵ “Não de mim mas do logos tendo ouvido é sábio homologar tudo é um”. A importância desta sentença consiste em fazer notar que seu autor se diferencia daquilo que articula, o logos. Ela é creditada a Heráclito, junto a outras cento e vinte cinco sentenças que constituem um pequeno livro encontrado sem assinatura no templo de Ártemis em Éfeso e intitulado depois por *Peri Phisios* – “Através da natureza”. A natureza é regida pelo movimento gerado pela tensão entre os opostos, e o logos seria a unidade a partir da qual esse movimento adquire ordenação. O logos seria o que é *comum* a todos e, paradoxalmente, ainda que o ser humano se encontre cada um de seu jeito em descompasso em relação a ele – quer o tenha ouvido ou não, se mostra como “inexperiente”, como que dormindo mesmo que acordado – somente seguindo-o é que se faz possível colher os sinais pelos quais poderá se incluir neste movimento. Pode-se dizer que o pensamento posto em jogo supostamente por Heráclito – cujo caráter enigmático não deixou de ressoar pelos séculos afora exigindo trabalho, principalmente dos filósofos – é fundamentalmente dialético. Neste sentido, vale conferir “A experiência com a palavra”, escrito pelo qual pude elaborar a passagem do discurso poético para o discurso que abriria as vias para as investigações científicas e para as especulações filosóficas. A passagem de um ao outro não significa uma evolução. O que se pode notar entre eles é um conflito, uma tensão, o primeiro veiculado pelas *Musas*, pelas “palavras cantadas”, ventríloquas dos *aedos*, os poetas cantores, pastores de ventre oco, cultores da memória e responsáveis pela transmissão de uma cultura, responsáveis pela elaboração de questões fundamentais como morte, tempo, origem. Este discurso calcado na música derivada da memória pela enunciação, fruto do exercício do *aedo* como possibilidade de elaborar os acontecimentos da vida humana, vai cedendo lugar às *theorizações*. A ambiguidade e a abundância de sentidos da linguagem oral vão cedendo lugar ao trabalho com enunciados, com hipóteses teóricas, que paulatinamente vão sendo escritas sob a exigência de clareza e confiança universal. Vale pôr em relevo a função da escrita, que não sem resistência, surge como possibilidade de elaborar uma nova maneira de se conceber e transmitir o conhecimento. “A confecção do discurso por meio da prosa vai dando condições de elaboração do *logos* – razão, conhecimento ou discurso lógico como naturalmente se traduz”. Heráclito aparece como um precursor do *logos* como lugar *comum* a partir do qual cada ser humano é lançado, podendo colher algumas indicações sobre a natureza. O próprio *Peri Phisios* coloca esse lugar em jogo tanto ao se abster da figura de um autor que o assine, como por sustentar um caráter enigmático aberto à interpretação, que não deixou de ressoar pelos séculos afora exigindo trabalho principalmente dos filósofos, pois “na prosa heraclitiana, a natureza ama se esconder; sempre em fluxo, não se encontra separada do humano ou simplesmente pode por ele ser contemplada. Antes ela é experimentada pela escuta do *logos*, que contém harmoniosamente os acontecimentos particulares e universais, feitos de tensões como a do arco e da

referenciarmos ainda ao trabalho de Lacan com o escrito de Mêncio, donde a natureza do ser falante é criada pela linguagem, no que se acrescenta de forma intrigante como tentativa de escrito, “em consequência da causa como ação de lucro, de mais-de-gozar, somente” – é o que dirá também a psicanálise. Com Lacan, no sentido de Freud, pode-se dizer ser por causa de uma satisfação que a estrutura se liga ao que é vivo e isso não é apreensível de maneira fácil. Esta ligação pode ser ilustrada no *Fort-da* como o produto da ausência da mãe que inscreve uma hiância à qual, em um primeiro momento, a criança se vê abandonada, pois na partida a Coisa carrega consigo o centro do mundo da criança abandonando-a com um vazio inassimilável, um vazio inscrito pela ausência de traço significativo algum, sentida como trauma, causa de um movimento, pois “não cessa de não se escrever”, retornando sempre ao mesmo lugar, se repetindo. Na falta do Outro, a criança será obrigada a se virar com a angústia em que foi abandonada e o jogo com esse pequeno objeto, o carretel, embalado pelos significantes, representados pelo ‘o-o-ó’ e pelo *da* enunciados, surge como uma possibilidade de mobilizar essa angústia. Entretanto isso está fadado ao fracasso, pois o que é realizado é uma repetição e não a coisa mesma. Desta forma, a criança não faz uso da linguagem para se comunicar. Notadamente ela não sabe o que diz. Ela se liga ao mundo organizado pela linguagem por causa de um mais-de-gozar a ser recuperado, na desordem em que se encontra ao apreender a presença de uma ausência de forma traumatizante, por meio do que lhe fornece o registro simbólico. A partir daí o movimento pelo qual se encadearão os elementos, os significantes, estará a serviço da busca de uma satisfação perdida. Se a criança renuncia a uma satisfação infinita – mítica, perdida, é por causa de uma outra satisfação que se baseia na linguagem, a satisfação da fala que se satisfaz no nível inconsciente. Eis o dito de Freud, a partir do qual as elaborações de Lacan vão ressoar como consequência. (Lacan 1969-1970/1992, p. 48; 1972-1973/1985, p. 71).

lira. Por meio de seus fragmentos escritos, notamos um Heráclito impaciente quanto aos que agem como surdos em relação àquilo que a natureza teria a revelar através do *logos*, que fala para além daquele que diz” (SilvaVargas, 2008, p. 174 e 175).

Da epistemologia lacaniana à orientação da pesquisa em psicanálise

É importante criar um espaço para se notar que Lacan faz uso da ‘linguagem linguística’ não com a intenção de fazer Linguística, senão para posicionar as elaborações da experiência psicanalítica em relação aos efeitos dos avanços teóricos pertinentes ao campo linguístico nos modos de construção do conhecimento. Ainda nas primeiras décadas de seu percurso, Lacan marca a diferença de seu trabalho em relação ao trabalho dos linguistas ao escrever o algoritmo S/s como fundador da moderna linguística. Escreve ele em “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”:

O signo assim redigido merece ser atribuído a Ferdinand de Saussure, embora não se reduza estritamente a essa forma em nenhum dos numerosos esquemas em que aparece na impressão das diversas aulas dos três cursos, dos anos de 1906-7, 1908-9 e 1910-11, que a devoção de um grupo de seus discípulos reuniu sob o título de *Curso de lingüística geral*: publicação primordial para transmitir um ensino digno desse nome, isto é, que só pode ser detido em seu próprio movimento (Lacan 1966[1957], p. 500).

Significante sobre significado, significante barra significado, S/s, como visto na citação, há um reconhecimento de que nenhum dos esquemas de Saussure não se reduza especificamente a essa escrita. Pode-se dizer ainda que a escrita deste algoritmo inaugura o processo que se constituiria o ensino de Lacan sobre a psicanálise. Nota-se também, por meio desta citação, a importância dos escritos dos alunos de Saussure para a transmissão dos cursos sobre linguística conduzidos entre 1906 e 1911, escritos reunidos sob o título de “Curso de linguística geral” como porta de entrada para algo que, de acordo com Lacan, tem o peso de um ensino, ou seja, algo apreensível somente em seu próprio movimento.

O movimento, um dos problemas mais tradicionais da filosofia, se encontra como elemento básico do pensamento de Heráclito, para quem a realidade está sempre em movimento, como pode ser visto por meio de suas metáforas: o fogo, o rio, a natureza em seu jogo de esconde-esconde; do *logos* tendo ouvido é sábio concordar “tudo é um”, um fluxo absoluto de geração e destruição sem essência senão a própria transformação. O dicionário de filosofia básica organizado por Hilton Japiassú e Danilo Marcondes afirma que tanto os filósofos quanto os físicos definem movimento associando espaço e tempo, e não no sentido simplesmente de *deslocamento*. “Toda *modificação*, tudo aquilo que faz

com que as coisas mudem, com que o mundo esteja em permanente devir”. Ainda segundo o dicionário, o movimento descrito pela física da relatividade “nada mais é do que a variação de posição de um corpo relativamente a um ponto chamado “referencial”” (Japiassú e Marcondes 2008, p. 195). A partir desta descrição, poder-se-ia dizer que as variações posicionais empreendidas pelos trabalhos de Lacan e Saussure se constituíram em relação a referenciais diferentes, gerando movimentos distintos, o que não quer dizer que em um não se sinta sismos do outro.

Grande parte das elaborações, tanto de Saussure quanto de Lacan, chegou até nós através de transcrições realizadas por outros, portas de entradas para o ensino, para a variação de posições pertinentes aos referenciais pelos quais cada um deles desenvolvia e sustentava seu discurso. Quem já realizou a transcrição de uma fala, seja de uma conferência, algo coloquial ou mesmo uma fala infantil, sabe que, por mais que a gravação a partir da qual se empenhe seja de boa qualidade. Colocar a fala na forma escrita não constitui uma tarefa tão fácil. A determinação da pontuação, por exemplo, fundamental para estabelecer o sentido, muitas vezes deve permanecer suspensa, deve-se retornar ou ir um pouco mais adiante para tentar situá-la. A fala mantém uma ambiguidade irredutível às leis da língua. Se o caminho for por uma transcrição literal, certamente na maioria dos casos o transcrito deverá ser elaborado para que possa se ler o que foi dito.

No nosso caso, como pesquisadores, temos a chance de retornarmos às falas, inclusive sobre nossa própria fala. Não é incomum ainda ter-se um tempo, após algumas comunicações em eventos científicos, para escrevermos a fala pela qual evocamos questões, embaraços, avanços, resultados, ou mesmo convidamos a assistência a um determinado trabalho – tempo de grande valia porque também não é incomum que, a partir destas exposições, surjam novas dimensões para serem ainda elaboradas. Se a fala foi conduzida em certa medida por uma espontaneidade, apoiada minimamente pela escrita, acaso se retorne à sua gravação para passá-la à escrita, muitas vezes somos obrigados a cortar o que mais singulariza a cada um de nós: os cacoetes, a insistência exaustiva em alguns termos ou expressões, as repetições de sentenças inteiras ou ainda de partículas gramaticais, os silêncios, os errinhos e o riso. Se a psicanálise prima por certa espontaneidade da fala, estes pontos, nos quais incidem os referidos cortes, não deixam de ter relevância, exigindo aos psicanalistas que não os desprezem, não os desconsiderem, ainda que no trabalho com a língua escrita.

A transcrição é um trabalho comum aos psicanalistas e de extrema importância na transmissão de seus conceitos. É usada como meio de estudo, porta de entrada para ensinamentos através dos quais psicanalistas sustentam uma fala sobre sua prática tentando construir uma teoria ou jogando-lhe as sementes no campo por onde avança em sua experiência. Essa prática de seminário, que viria a se tornar importante maneira de transmissão em psicanálise, Lacan a realiza de forma precursora com seu ensino público que se estendeu por quase três décadas (1953-1979). Sua inserção no canteiro em obras da psicanálise através de uma pesquisa em movimento, um movimento embalado pela fala, à qual temos acesso por meio das transcrições realizadas como meio de estudo por distintas instituições psicanalíticas. Pode-se perceber que a tarefa de transcrição de tal ensino não constitui um trabalho fácil. Que o diga o psicanalista Jacques-Allain Miller, herdeiro autoral de Lacan, que ainda hoje não pôs a cabo o trabalho de colocar em forma de escrito os seminários de Lacan. No primeiro livro, fruto da transcrição do seminário realizado em 1964, “os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”, se encontra uma nota ao final pela qual Miller se refere à complexa tarefa, dizendo “aqui se quis não ser levado em conta, e procurar, da obra falada de Jacques Lacan, a transcrição de fé, e valerá, no futuro, como o original, que não existe”. Acrescenta que a versão estenografada, “onde formiga o mal entendido, e onde nada vem suprir o gesto e a entonação”, embora fundamental para o trabalho não pode ser tomada como o original. Miller acrescenta ainda que “o mais escaboso é inventar uma pontuação, pois que cada escansão – vírgula, ponto, travessão, parágrafo – decide o sentido”. Por último, diz ele, este é o preço para se obter um texto legível e que assim seguirá no estabelecimento dos textos dos outros anos do ensino de Lacan. Neste sentido, como contra ponto imediato, fazem-se importantes as indicações encontradas no posfácio deste mesmo livro, posfácio datado de “1º de janeiro de 1973” e escrito por Lacan em seu estilo próprio segundo a fórmula “para não se ler” (Lacan 1964/2008, p. 269 e 271).

No posfácio há um reconhecimento ao autor do trabalho de transformar em livro uma fala sustentada no princípio diante de especialistas e que, ao longo dos anos, adquire outra dimensão pública, mais heterogênea; um reconhecimento, pois, a Miller, “Moleiro de nome”, por “*ter-me convencido, – por disto me testemunhar durante seu transcurso –, que o que se lê do que eu digo não menos se lê por ser eu que o diga. O acento a se colocar estando sobre o dizer, pois o eu bem pode ainda correr*” (p. 271). Neste fragmento escrito, que não deixa de nos remeter à poesia, há uma separação entre o “eu” e o “dizer”, e é isso,

já em jogo há muito tempo em sua experiência psicanalítica, que convence a Lacan delegar a outro, não qualquer outro, a função de transformar sua fala em livro, pois o que lê do que se diz, ainda que sob a pena de um outro, “*passa-através da escrita, ali permanecendo indene*” (idem, p. 271). Há um reconhecimento explícito entre a diferença dos livros feitos a partir de sua fala, de seu ensino, e o que Lacan escreve sob sua pena – os “Escritos”. Estes, diferentemente dos primeiros, não se configuram sob a égide da legibilidade, do sentido, da linearidade; não preparam um lugar para que o leitor acomode seu imaginário de forma tranquila, e justamente por não serem compreensíveis de forma fácil que conduzem aqueles que, por suas vias, enveredam a falar destes escritos, a se escutarem sobre o que escritos suscitaram em cada um, a tentar explicá-los. No entanto, pode-se dizer que uma mesma aposta dá sustentação às duas distintas maneiras de transmissão. Tanto o ensino oral transformado em livro como os “Escritos” partem do reconhecimento de uma separação radical entre aquele que acredita falar, ou o autor do texto escrito, e aquilo que é dito ou escrito.

Sendo assim, não nos importa qualquer imperativo de pureza, segundo o qual ler Lacan estritamente seria ler os escritos de sua autoria, ainda por cima em sua língua, pois na transmissão, como nos explica a psicanalista e tradutora de alguns seminários Dulce Duque-Estrada, “o tradutor é um coautor, que reescreve o texto, por mais submisso que esteja ao seu autor”. Ela ainda indica que, seja por meio de uma tradução ou por meio de uma transcrição, o que encontramos são versões com as quais o psicanalista deve saber fazer o possível, levando em conta o impossível (p. 6). Não é possível e nem determinante para a sua transmissão que todos aqueles que, de alguma maneira, se veem instigados pela psicanálise, para que consigam alguma elaboração mais rigorosa de sua experiência, sejam obrigados a lerem Freud em alemão e Lacan em francês. Aliás, no caso de “os seminários”, o que sempre teremos são transcrições da fala de Lacan, e nos seminários em língua portuguesa, portanto, o que temos são versões constituídas por traduções de transcrições da fala de Lacan.

O que importa em Freud e Lacan é o que se lê, não simplesmente no sentido de leitura como colheita, mas antes como lavragem, lavragem da terra se quisermos pensar; o que importa, leva, o que passa entre as gerações é este canteiro em obras, onde encontramos significantes que tocam a cada um de nós em nossa experiência cotidiana e nos levam a fazer laços de trabalho para que consigamos articulá-los de alguma maneira,

para que seja produzido um saber, um saber subjetivado que permita a cada um se fazer representar face aos outros significantes aos quais se encontra exposto em sua singular experiência.

O que importa é o que se passa, é o que se lê. Ousaria dizer que em Freud e Lacan pouco é dado a ler: Lacan pelo estilo, segundo a fórmula “para não se ler”, *intraduzida*, dirá o próprio, introduzida pelo escritor irlandês James Joyce (1882-1941), escrito que não oferece um sentido dado ao qual possamos nos apegar, nos indentificar, sonhar; escrito que antes exige que nos embalemos por movimento, exige que nos ocupemos dele, falemos sobre ele, o expliquemos. Joyce, com seu “*Finnegans Wake*”, diz deixar um canteiro sobre o qual os estudiosos, os críticos e tradutores poderão se debruçar por centenas de anos (Lacan 1975-1976/2007).

Pode-se alegar que o estilo límpido dos escritos de Freud não condiz com a fórmula “para não se ler”, haja vista todas as dificuldades, algumas percorridas por nós aqui, de aceitação das ideias que Freud apresenta. Ainda assim seu estilo não deixa de prezar por uma condução clara. É importante notar que em 1930 foi agraciado com o Prêmio Goethe de literatura, um dos mais importantes prêmios mundiais de literatura. Entretanto, se observarmos em “o avesso da psicanálise” com Lacan, será encontrada uma referência que auxiliará na elaboração aqui em jogo, “Freud mascara seu discurso”. Lacan indica que Freud dá voz a um discurso estranho, distante da coerência, um discurso que se articula à revelia do sujeito que o sustenta, um discurso que o sujeito não sabe quem o diz (Lacan 1969-1970/1992, p. 66).

Há uma separação entre aquele que diz e o dito; há uma separação entre aquele que se julga o autor e o que é escrito. Eis uma radicalidade difícil de sustentar. Há uma divisão subjetiva comprovada pela linguagem. Eis de onde parte Lacan em sentido a Freud. Para se ler Freud, não se deve partir de uma tentativa de construir a vida do homem Freud, o que estenderia à frente um largo tapete imaginário; antes, deve se o “ler ao pé da letra”, seja lá de que maneira ela nos chegue; seguir pelas vias do simbólico, por mais tortuosas que sejam, deve-se buscar articular os significantes, as palavras escolhidas por Freud para abordar sua experiência, experiência esta que ressoa em nossa experiência singular, partindo, dessa maneira, de uma implicação pessoal. Não se deve esquecer que esta articulação só pode ser feita em companhia.

Freud foi o primeiro a trilhar por este campo, a capiná-lo e lavrar sua terra. Tentou ao seu jeito dar-lhe delimitações, um campo do saber estranho. Não seria desarrazoado dizer que, através de seus escritos, ele desejasse deixar indicações precisas para que outros decidissem laborar ali, poderíamos ser contrargumentados que, em seus escritos, há muito a se ler e não pouco. Entretanto, ainda que os escritos freudianos tenham sido classificados como pertinentes a diversos gêneros, artigos, ensaios, livros, propondo análises que se estendem por distintas áreas, aproximando-se da estética e da arte em geral, mais detidamente da arte do escritor criativo, da antropologia e da psicologia, embora seja incontestável a riqueza da escrituração freudiana, o discurso sustentado por Freud é muito estranho. Um sujeito dividido pela ação da linguagem, uma articulação significativa que afeta o corpo do ser falante, o significante é meio de gozo, o significante vem no lugar da falta, enceta e tampona a morte. É o que se escuta em “o avesso da psicanálise”, perambulações pelo “campo lacaniano”, perambulações pelo campo psicanalítico diria. Foi neste campo também Lacan um desbravador e deixou suas marcas, às quais acreditamos serem úteis como orientação para o labor no campo psicanalítico (Lacan 1969-1970/1992).

Lacan inicia seu ensino na década de 1950 colocando em relevo a função da leitura, e o significante é o que se lê. Este não se encontra colado ao significado, “o significante se multiplica na natureza”, encadeando-se a partir de certo número de relações estáveis que aparelham o gozo no ser falante. Eis referências importantes da lavra de Lacan nos últimos anos da década de 1960. No final desta década, Lacan indica que há uma estrutura que se coloca em movimento a partir da falta, uma estrutura que se põe em movimento a mancar, que bem pode subsistir sem palavras e os matemas lacanianos são uma instrumentalização que tenta reduzir pela escrita essa estrutura, uma estrutura que funciona devido à falta de um objeto.

Nesta época, na tentativa de colocar em jogo a verdade da divisão do sujeito pela ação da linguagem através de uma formalização lógica do objeto do desejo, Lacan põe à prova seus matemas, esboços e gráficos em relação aos avanços no campo da lógica e da matemática. A álgebra lacaniana busca dar conta da experiência psicanalítica e é desenvolvida por Lacan ao longo do seu ensino. Ele mantinha uma afeição com relação à matemática, que o conduz na sustentação de uma aposta de que um sério trabalho com as letras e suas equações possibilitaria as condições para que o discurso psicanalítico fosse transmitido sem mal entendidos. Se esta aposta parece perdida desde o início, suas

consequências sulcaram no campo psicanalítico marcas talvez indelévels, que não podem deixar de ser lidas, por pouco a ler. Por pouco a colher que nos ofertem, não deixamos de trabalhar com elas, de nos reunir e discutir suas implicações, podendo-se dizer que, embora esse trabalho algébrico não constitua uma garantia de transmissão integral, também não deixa de ser fecundo à transmissão.

No campo psicanalítico o saber não é dado, não se aprende psicanálise escutando ou lendo uma conferência, diz Freud. Aprende-se na pele. Há de se pôr algo de si; há de se reenviar à fala, diz Lacan, pois ela abre o caminho para o escrito, este que pode prescindir das palavras e ainda assim ordenar um discurso, escrito este que, sem a fala, fica abandonado a toda sorte de mal entendidos e à ação do tempo. Lacan testemunha uma operacionalização das letras e Freud, homem de letras, desde o início apostou na força das palavras, nas condições de consultório, num palavrear pelo qual se faz presente a ação linguageira que atravessa o sujeito que diz uma palavra no lugar de outra, ou não a encontra para dizer; faz trocas de letras determinantes que muitas vezes podem lhe passar despercebidas, ou retornarem sempre, gerando-lhe embaraços, incômodo, satisfação. Esse palavrear, sob as condições do consultório, testemunha a possibilidade de construir um saber sobre essa satisfação, de ter efeitos sobre essa satisfação imposta, quer se queira ou não (Freud 1915-1917/1996; Lacan 1971/2009).

Pode-se dizer que o movimento psicanalítico se constitui por mais de um século como um canteiro em obras. Neste canteiro, inaugurado por Freud, encontramos as palavras, as letras, a tessitura pela qual ele buscou dar conta da experiência em que se enveredou. Nele também encontramos as marcas do singular trabalho de Lacan, marcas que servem de orientação, marcas que impuseram uma exigência de leitura, que abalaram as traduções estabelecidas, marcas a partir das quais muitos outros psicanalistas se enlaçam pelo trabalho e, fazendo uso delas, podem deixar suas próprias marcas.

Há uma tensão que permeia este campo e o próprio Lacan não se furtou em elaborá-la, uma tensão que se faz presente entre a singularidade constituinte de tal labor e a exigência de que ele só se realiza em companhia. Dessa singularidade depende qualquer avanço no referido campo a ponto de Lacan enunciar que o “psicanalista só se autoriza por si mesmo”. Anos depois, a este enunciado, que não deixou de causar polêmica no meio psicanalítico, ele acrescenta “e por alguns outros”, ao que parece não com o intuito de amenizar a polêmica porque com esses dois enunciados Lacan articula a formação do

analista, conforme elaborado acima, pois essa autorização por si mesmo seria o produto da análise pessoal viável em companhia de um analista – a autorização por alguns outros perfaz o caminho indicado pela supervisão e pelos estudos teóricos. Sendo assim, pode-se dizer que o labor no campo psicanalítico demanda aos psicanalistas laços de trabalho pelos quais cada um, à sua maneira, tenta dar conta, compartilhar suas experiências e fazer com as letras, palavras e escritos gerados a partir da exigente labuta que aí se delineia.

Sabe-se que Freud apostou suas fichas na transmissão da psicanálise na associação entre psicanalistas por meio de uma instituição. Em 1910, cria a *International Psychoanalytical Association* (IPA). Esta seria responsável pela criação das bases a partir das quais seriam garantidas a formação do psicanalista, os avanços teóricos e técnicos da psicanálise. Lacan estabelece uma crítica às bases normatizadoras da psicanálise desta instituição, bases padronizadoras da formação analítica que mais se assemelhavam à formação médica do que da constituição de um percurso pelo qual o analista, tomado em sua singularidade, pudesse, junto com outros analistas, colocar em jogo sua experiência e se responsabilizar pelo desenrolar de suas consequências. A releitura de Freud é um empreendimento que também diz respeito à tentativa de repensar a formação do analista, e o significante se torna um conceito operacional, pois, separado do significado, somente pode ser pensado em suas associações, sendo o responsável pelas significações pelas quais os sujeitos encontram as representações a partir das quais se coordenam. O percurso do psicanalista que tem sua experiência fundamentada na escuta da fala de um sujeito não pode ser orientada de outro modo senão pelo que fornece a ordem simbólica, seguindo por suas vias e, dessa maneira, não podendo abster-se de lidar com os problemas relacionados à própria linguagem.

É importante dizer que Lacan, posteriormente, buscou fundamentar a formação do psicanalista e a transmissão da psicanálise sobre as bases lógicas que lhe forneciam seu próprio ensino – esse movimento no “sentido de Freud”. Neste sentido, em 1964, funda a Escola Freudiana de Paris e a formação do analista é atestada pela emergência do desejo do psicanalista ao final de sua análise, desejo esse dependente de um percurso em psicanálise e que, portanto, não pode ser confundido com desejo de “ser” psicanalista.

Na “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”, encontra-se o delineamento das estruturas fundamentais dessa nova maneira de se tentar garantir a transmissão da psicanálise, uma tentativa pautada na singularidade, uma tentativa pela qual

cada um em sua relação solitária com a causa psicanalítica se reúne em torno do ensino, da prática e das condições de transmissão da psicanálise. Neste escrito, encontramos a descrição dos dispositivos criados por Lacan no intuito de garantir a singularidade na formação – o “cartel”, que tem como objetivo incitar a elaboração teórica, e o “passe”, dispositivo que coloca em jogo a questão do fim da análise com as condições de transmissão da experiência (Lacan 1967/2003).

A história da criação de instituições que buscam preservar as condições para a realização da psicanálise não deixa de ser marcada por cisões. Hoje se encontra uma grande diversidade de instituições sérias que tentam fornecer bases para a formação do analista. Entretanto, entre elas, inclusive, encontram-se cursos de formação à distância com exigência para o seu ingresso o 2º grau completo apenas. Além disso, expedem certificados de “psicanalista clínico”, o que demonstra uma contradição essencial quanto ao rigor que se exige nesta formação, aliás, contínua, subordinada à clínica de pacientes, à análise pessoal e ao estudo teórico que, em dois anos, não poderia passar de uma breve introdução à teoria psicanalítica. A psicanálise também está presente em universidades por meio de disciplinas e fundamentando teoricamente estágios em cursos de graduação. Também ela se faz presente em diversos cursos de pós-graduação. Estes, em sua maioria, colocam em evidência não terem como objetivo a formação do analista, senão possibilitar o desenvolvimento da pesquisa referente à psicanálise.

Desta forma, pode-se dizer que a formação de um psicanalista depende de uma implicação pessoal que passa pela transferência com o saber produzido a partir da experiência fundamentada no campo aberto por Freud, ou seja, independente da instituição à qual o analista se afilie, os avanços em sua experiência estão condicionados à sua própria análise, à clínica de pacientes e ao estudo teórico e à supervisão com outros analistas experientes. Isso sob a insígnia da transferência – do amor, da atualização do inconsciente através da qual buscará extrair uma lógica relativa à sua ação de acordo com o campo delineado pela psicanálise.

Sendo assim, não deixa de ser necessária a referência aos meios segundo os quais são buscados os elementos que forneçam as condições para a formação do psicanalista e para a transmissão da psicanálise, meios segundo os quais o psicanalista terá a possibilidade de se colocar em labor com os significantes dispostos neste canteiro de obras inaugurado por Freud. Como já se tentou indicar, para se permanecer neste movimento,

faz-se necessária uma orientação, nomeada aqui ‘lacaniana’. Desta forma, é importante referir ao trabalho de Miller, responsável legal pelo estabelecimento do texto escrito dos seminários, tarefa que se inicia ainda na década de 1960 e, depois de quase trinta anos após a morte de Lacan, ainda vem sendo realizada. Esta dispendiosa tarefa de transcrever uma fala sustentada por quase três décadas não poderia ser realizada sem levar em conta as condições de elaboração do saber da experiência psicanalítica e é neste sentido que, desde 1972, Miller sustenta uma série de cursos intitulados por ele próprio como “Orientação Lacaniana”. Neste curso em que, por vezes, o tema coincide com o assunto tratado no seminário em que está trabalhando e preparando para a publicação, Miller encontra uma maneira fecunda de elaborar à sua maneira as questões do campo psicanalítico. Neste caso, o que se vê é a transmissão em cena, da singularidade da fala endereçada de Lacan, ao estabelecimento do texto escrito desta fala, passando pela elaboração pública de Miller em torno da qual, das transcrições e traduções de tais cursos, ainda se reúnem diversos psicanalistas que se colocam em trabalho. É interessante notar que o próprio Miller ao se referir à nomeação de seus cursos, o faz em referência ao movimento. Diz ele que orientação supõe um avanço, um caminhar, um segmento que exige referências, um vetor susceptível de ser inscrito para que não se perca no caminho (Miller 2007).

Desta maneira, quando referimos aqui à orientação lacaniana, é com a tentativa de trazer à tona a questão do movimento e a busca de pontos referenciais susceptíveis de serem inscritos através dos quais possa ser sustentado o avanço da experiência psicanalítica. Nomear a orientação do trabalho aqui disposto por lacaniana, portanto, quer dizer prosseguir em sentido a Freud, em direção à coisa freudiana – significa deixar-se guiar pelo que escapa ao sentido, pelo real, ainda que as vias do simbólico constituam o caminho – não no sentido de reduzi-la, tamponá-la, de dar-lhe uma forma acabada, mas no sentido que indica a escansão, ou seja, dar conta da separação e determinação dos versos, ainda que se parta do escrito, levando em consideração o ritmo da fala. Sendo assim, a construção poética literária instrui quanto à orientação seguida na escritura deste trabalho, pois para se aperceber do uso que o poeta faz do escrito, o que tanto interessou a Freud e Lacan, não bastam diversas leituras, superficiais, atentas, nem somente uma análise metódica formal ou estilística, pois uma elaboração sobre o fazer do poeta depende de como sua criação toca aquele que entra em contato com ela. Assim, pode-se pensar a escansão como uma maneira pela qual se conduz a labuta com as letras, as palavras e com

a fraseologia de Freud e Lacan para que seja possível testemunhar as dificuldades que se acumulam ao se seguir por essa via marcada pela falha. Seguir uma orientação lacaniana, portanto, significa apostar que, no avanço de um discurso, se faz impossível cerrar um sentido uníssono e totalizante; significa que, seguindo adiante neste caminho, serão encontradas resistências e que estas apenas serão elaboradas e vencidas devido à implicação pessoal daquele que por esta via se dispõe, ainda que somente sob a condição de ser percorrido em companhia; significa, sobretudo, uma aposta na criação que não condiz com a repetição dogmática cristalizadora.

Ao longo do percurso de seu ensino, Lacan faz ouvir uma importante frase que pode auxiliar a reflexão sobre a orientação a partir da qual este trabalho busca dar os seus passos, “façam como eu, não me imitem”. Esta frase aponta direto para a criação, ou, utilizando uma linguagem comum aos nossos dias, para a produção no campo psicanalítico. Seguir no sentido Freud não quer dizer imitar a Freud ou a Lacan, seguir os seus passos, mas, antes, constitui um alerta quanto à singularidade em jogo neste caminhar, singularidade radical, qual seja, dar os próprios passos, fazer de sua própria lavra, sulcar ao seu próprio estilo, registrar de sua própria pena. Isso sem esquecer que, quanto às leis da linguagem, cabe a cada um de nós darmos conta do seu jeito para que falemos ou escrevamos. Embora a incisão destas leis afete cada um de forma inédita e única, somente nos situamos em relação a elas em referência ao Outro, a esse alojamento dos significantes e das palavras que circulam nos discursos. Não basta também imitar a si mesmo, pois ao falarmos ou escrevermos, somos ultrapassados em nossa intenção. Isso é muito pertinente a quem pratica a escrita e Freud o demonstra em carta a Fliess em 1897, se referindo à sua experiência a partir do princípio do cavaleiro do domingo.

Eis aqui alguns resíduos de minha investida. Eu não consigo compor os detalhes no processo de escrever. Esse processo segue completamente os ditames do inconsciente, segundo o bem conhecido princípio de Itzig, o cavaleiro de domingo: “Itzig, aonde você vai?” “E eu sei? Pergunte ao cavalo.” Eu nunca comecei um parágrafo sabendo de antemão aonde terminaria (Freud 1887-1904/1996, p. 320).

Freud faz pensar que não se pode dizer ao certo se o homem é quem guia o cavalo ou se o cavalo guia o homem. Já não se pode dizer que o sujeito articulado por uma fala ou em um escrito seja aquele que a pronunciou ou o escreveu sob sua pena. Cavalo e cavaleiro formam um conjunto, como se diz, e podem até mesmo se confundirem pelo caminho, o

que prova que os dois não fazem um. Há algo articulável mais além daquilo que se acredita falar ou escrever, o que nos coloca em um campo de incertezas e nos remete mais uma vez à orientação. Como se orientar se não se sabe muito bem aonde vai dar a caminhada?

Tomados os primeiros escritos de Freud como meio para uma análise não se parte, portanto, de textos cânones. Neles o que se encontra é uma persistente busca para se inscrever uma orientação em relação à sua experiência repleta de incertezas, uma busca utilizando a linguagem que Freud dispunha em sua época, a linguagem neurológica, a linguagem poética, em sua língua, sem esquecer a relação com as outras, ao fazer uso da linguagem como referência para a escuta de seus pacientes, para o escrito como maneira de se elaborar e transmitir sua experiência. Freud inaugura uma nova aposta em uma travessia conduzida pela fala, pelo escrito, pelas suas consequências, uma aposta na invenção de um saber em movimento que pode incidir na vida humana. Esta incidência por si justificaria esta aposta que ainda hoje é bancada por cada um que se envereda na experiência no campo psicanalítico. Uma aposta que, de uma experiência ainda que carregada por uma dose inalienável de singularidade e incerteza, pode-se inscrever uma orientação através da qual se faz possível a sustentação de um discurso capaz de dizer sobre o que se faz em psicanálise.

Sendo assim, entre uma dimensão inalienavelmente singular e uma dimensão necessariamente social, a psicanálise vai abrindo o campo que lhe é próprio. Para aferirmos ainda alguns pontos colocados em jogo nesta escrituração, retomaremos os escritos sobre a experiência, a partir da qual será possível que sejam dados mais alguns passos por este terreno.

A articulação freudiana ou o saber do inconsciente

Como visto nos escritos acima, há pouco mais de um século a psicanálise surgia como uma nova maneira de se operar sobre o sofrimento humano. Nascia em um parto não tão simples o tratamento pela fala, a clínica da escuta, uma situação composta por esse sujeito que ainda hoje se costuma chamar de paciente e que se envolve em tal situação justamente atravessado por uma urgência designada, também convencionalmente, como doença, e o analista, função inédita até então.

O paciente, o doente, este sujeito em sofrimento já cultivava uma milenar relação com a ciência médica e, por volta dos 1900, na época em que nascia a psicanálise, era o objeto que ainda desafiava em muito a ciência médica moderna. Nos primórdios da psicanálise, a ciência realizava grandiosos progressos nos diversos campos do conhecimento, dando sustentação à promessa de que voos ainda mais altos estavam prestes a ser alcançados.

Passados alguns anos, realmente voos inimagináveis haviam sido praticados. Nesse embalo, o homem ainda não havia chegado ao espaço, mas no início do século XX sobrevoava o globo e alterava seu mundo profundamente. No entanto, concomitante aos progressos científicos, vê-se eclodir duas guerras mundiais que levariam a humanidade a colocar em questão sua condição nesse embalo, instaurando questões difíceis de serem formuladas, mas motivadas pela cogitação sobre a própria sobrevivência da humanidade logo neste momento em que fez surgir, pelo avanço das pesquisas científicas, tantos objetos maravilhosos. Entretanto, em meio ao cenário de destruição, a medicina ainda experimentou uma considerável evolução, vendo-se imposta a suportar a colaboração cada vez mais decisiva de outras áreas do conhecimento, adquirindo, assim, cada vez mais a consistência de uma tecno-medicina feita para o avanço ⁶.

Neste contexto, ainda no ano de 1929, em “O mal-estar na civilização”, Freud elabora, como indica Lacan, através de “fórmulas impressionantes”, que os produtos da ciência não apaziguam o sofrimento humano⁷ (Lacan 1959-1960/2008 p. 15). Nesta obra, considerada por Lacan como “uma obra essencial, primeira na compreensão do pensamento freudiano e somação de sua experiência” (p. 16), Freud indaga sobre o porquê do homem, com todas essas coisas que fez surgir sobre a Terra através de sua ciência e

⁶ No final da primeira grande guerra, diante dos incontáveis mutilados a medicina oficializa a cirurgia plástica, já por ocasião da segunda guerra, aos mutilados, a ciência forneceria próteses mecânicas. Em termos gerais, a medicina se transformou tanto na área diagnóstica, devido à aparelhagem tecnológica, quanto no seu arsenal terapêutico – surgiam as “drogas miraculosas, surgia então a grande “aliada” da medicina, a indústria farmacêutica geradora de uma enorme fonte de riqueza.

⁷ Dentre essas fórmulas impressionantes, encontram-se as formulações sobre as três formas de sofrimento humano: o sofrimento advindo de seu corpo, condenado à decrepitude e ao aniquilamento; o sofrimento advindo do mundo externo e o sofrimento, considerado por Freud como a maior fonte de sofrimento humano, advindo da relação entre os homens.

tecnologia, não se sentir feliz em seu papel de semelhante a Deus. Leva-nos, assim, a perguntar se seria por ter se tornado justamente uma espécie de “Deus de prótese”, uma espécie cuja prótese lhe causa uma série de embaraços, já que dela não possui o total controle.

Retrocedendo um pouco mais na história da psicanálise, em seu nascimento na virada para o século XX, cabe destacar a relação entre este surgimento e a criação de um lugar de referência ao sujeito objetado pela ciência moderna, um lugar sustentado a partir do exercício de uma nova função, a de psicanalista. Sob o nome de *função*, diversas acepções são encontradas, tais como ação própria, prática, cargo, ofício, posição, papel, atribuição, utilidade, serventia, qualquer correspondência entre dois ou mais conjuntos, em matemática; função algébrica seria aquela que satisfaz uma equação algébrica e função transcendental qualquer função que não seja algébrica (Aurélio, 2001, p. 336). Se em um primeiro momento propõe-se o psicanalista como uma nova função, ter-se-ia que indagar sobre que tipo de função se trata. Seria um novo cargo, um novo ofício? Quais seriam as atribuições necessárias para sua realização? Qual seria sua serventia? Seria tal função algébrica ou transcendental?

Ao situar a emergência da psicanálise na virada do século XX, levando em consideração a formulação de Freud designando a psicanálise como profissão impossível, pode-se dizer que não se trataria, portanto, do surgimento de mais uma profissão para se somar às demais (Freud 1937/1996). Ivan Corrêa nos lembra que Lacan, em se tratando de referir-se ao trabalho em psicanálise, recorre constantemente ao termo *função*, sendo esta uma espécie de estrutura fixa com um lugar vazio, reservado para o argumento, sendo este necessário para construir uma expressão (Corrêa 2003, p. 67). Pode-se, desta maneira, tentar expressar o psicanalista como função que faz operar um saber sobre a “doença” do paciente suposto no próprio discurso deste.

Sigmund Freud, durante décadas de sua vida, dedicou-se à elaboração desta função cuja via real se dispôs a ele através do discurso dos sujeitos em sofrimento que a ele supuseram algum saber a respeito de tal sofrimento. Foi a partir desta situação que Freud pôde descobrir que não só os sintomas, mas também os sonhos, atos falhos, os esquecimentos expressos na fala do paciente, são compostos segundo uma rede associativa que lhe escapa. Freud nomeia isso inconsciente. Lacan mais tarde formularia que isso se estrutura como uma linguagem.

Embora o termo inconsciente já existisse por aquela ocasião, o inconsciente no sentido freudiano se difere radicalmente de qualquer acepção que tenha sido antes utilizada. Como ensina Lacan (1953-1954/1986), o inconsciente freudiano como descoberta introduz no domínio do sentido uma ordem de determinações somente isoláveis através da experiência, cujas vias foram abertas por Freud. Depreende-se disto que o inconsciente não pode ser reduzido ao dado objetivo, pois somente por ocasião da experiência psicanalítica o inconsciente se caracteriza como fatos discursivos a partir dos quais o sujeito vislumbrará a possibilidade de agir sobre eles, com a possibilidade de se engajar aos efeitos desta lei à qual está vinculado o seu sofrimento de maneira enigmática.

Desta maneira, a elaboração do inconsciente como uma linguagem, cujas leis desconhecidas são determinantes no sofrimento do sujeito, só se faz possível em referência à experiência na qual psicanalista e paciente se encontram e gastam seu tempo conversando, experiência fundamentalmente de linguagem, cujo sentido se delinearía na responsabilização de um sujeito através da fala por sua posição com relação ao seu mal-estar.

Como suficientemente esboçado, a conceituação do termo inconsciente não acontece de uma maneira tranquila, aliás, o que acontece com os conceitos em psicanálise em geral, haja vista que extraídos da experiência, podem parecer conceitos inefáveis, transcendentais, ou até mesmo, no que diz respeito a alguns deles, ultrapassados. Porém, as elaborações construídas através do campo demarcado pela experiência psicanalítica não se restringem à clínica propriamente dita, mesmo sob o risco de se distanciarem dela e conseqüentemente de seu sentido original. Desta forma, as elaborações a partir da experiência psicanalítica incidiram de forma efetiva em diversos campos do saber, mesmo sob o risco de se distanciarem do veio pelo qual se constituíram – um sujeito falante impelido a uma reflexão sobre sua ação diante do seu sofrimento.

Para seguir no sentido da experiência do inconsciente a partir de Freud, como tentamos articular, fazem-se necessários certos cuidados, pois a conceituação do termo inconsciente não acontece sem resistências, como diz Lacan:

Freud introduziu um determinismo próprio a essa estrutura. Daí a ambigüidade que se encontra em todo lugar na sua obra. Por exemplo, o sonho é desejo ou reconhecimento de desejo? Ou ainda, o ego é por um lado como um ovo vazio, diferenciado na sua superfície pelo contato com o mundo da percepção, mas é também, cada vez que o encontramos,

aquele que diz *não* ou *eu*, que diz *a gente*, que fala dos outros, que se exprime nos diferentes registros (Lacan, 1953-1954/1986, p. 11).

No pensamento freudiano cada “noção possui vida própria” e a elaboração do saber a partir da experiência do inconsciente desde Freud exige um movimento, uma orientação que não se reduz à manipulação de conceitos estabelecidos, mas de conceitos em estabelecimento, em andamento, dependentes ainda e sempre da experiência (Lacan, 1953-1954/1986, p. 9). Desta forma, uma grande dificuldade se interpõe à transmissão em psicanálise, como indica Lacan, pois se a psicanálise é uma lida através das palavras, uma elaboração por meio de conceitos atravessando uma experiência, conceitos com um determinismo próprio partindo de noções vivas, o que resta daí não poderia também se prender por sentenças fixas. Se por um lado as palavras que foram escolhidas por Freud, Lacan e por outros, palavras cuja tessitura deixa importantes marcas que indicam propriedades da estrutura da experiência do inconsciente, por outro lado há uma exigência, também estrutural, para o avanço desta experiência e de sua consequente elaboração, a de que cada um que decida seguir por tal via arrisque sua própria tessitura. Com estas palavras e com outras, isso é importante colocar em relevo, não deixam de gerar certo desconforto. A grande dificuldade da transmissão em psicanálise, nas palavras de Freud,

não se trata de uma dificuldade intelectual, de algo que torne a psicanálise difícil de ser entendida pelo ouvinte ou pelo leitor, mas de uma dificuldade afetiva – alguma coisa aliena os sentimentos daqueles que entram em contato com a psicanálise, de tal forma que os deixa menos inclinados a acreditar nela ou interessar-se por ela. Conforme se poderá observar, os dois tipos de dificuldades, afinal, equivalem-se. Onde falta simpatia, a compreensão não virá facilmente (Freud, 1917/1996 p. 147).

A história da psicanálise mostra que o trato com os conceitos psicanalíticos no sentido freudiano insere o sujeito em um determinismo que o destitui do poder de domínio sobre linguagem que o constitui, o que enreda uma série de dificuldades, pois não há outros meios de elaboração senão aqueles fornecidos pela própria linguagem. Como esboçado acima, desde os primórdios de sua prática psicanalítica, Freud incluiu a resistência do sujeito no processo de análise como um conjunto de forças que criam obstáculos ao tratamento. Esta lida com a linguagem, a partir do que fornece a experiência psicanalítica, se estende também ao processo de teorização, à tentativa de sustentar um discurso que, na medida em que progride, acumula resistências. Isso, por si só, indica que

caminhar neste sentido, indo adiante com a experiência psicanalítica, não é possível senão em meio às resistências. Portanto, devemos buscar identificá-las e saber quais as resistências que enfrentamos – resistências com as quais nos resta lidar justamente através das palavras (Lacan, 1953-1954/1986, p. 10 e 11).

Desta forma, seguir-se-á pela via da palavra experiência com o propósito de indicar alguns elementos que permitam o reconhecimento das resistências que permeiam a abordagem do campo psicanalítico.

A experiência de linguagem como condição de transmissão em psicanálise

A experiência como atravessamento

[...] numa exposição sobre a psicanálise é preciso não ter escrúpulos, expor-se, jogar-se às feras, se trair, comportar-se como o artista que compra tintas com o dinheiro das despesas domésticas e queima os móveis para aquecer o modelo.
Sigmund Freud em carta a Oskar Pfister (1909-1939/1966)

O termo *experiência* apresenta uma complexa variedade de acepções no vocabulário filosófico, podendo ser estudado a partir de numerosos pontos de vista (Lalande, 1996). Em um primeiro momento, tomaremos experiência como uma forma de saber, que, no sentido mais geral, como aponta o psicanalista Zeferino Rocha, resulta da aprendizagem da vida, que não acaba nunca, pois se vive aprendendo e se aprende vivendo (Rocha 2008).

O poeta trágico da Grécia antiga, Ésquilo (525-455 a.C.), foi quem elaborou na antiguidade de forma mais profunda o sentido de experiência como forma de saber, através da máxima *páthei máthos* (saber por sofrer), contida em “Agamêmnon”, uma das tragédias de sua trilogia “Orestéia”⁸, o saber da experiência só seria alcançado através do sofrimento, através do que se vive, se passa, expresso essencialmente na tragédia pela relação direta com o enigma da morte e pela dor decorrente de nossos limites (Ésquilo 2004, p.115).

De acordo com o professor Jorge Larrosa (2002), durante os séculos que antecederam a ciência moderna o saber humano era fundamentalmente compreendido segundo a máxima *páthei máthos*, um saber no e pelo padecer; um saber resultante do que nos acontece; um saber que se adquire ao longo da vida no modo como alguém vai respondendo ao que lhe acontece, um saber, enfim, que não trata da verdade do que são as coisas, mas que advém da elaboração de um saber de alguém com o sentido e com o sem-sentido do que lhe sucede ao longo de sua vida.

Larrosa, em seu trabalho etimológico com a palavra experiência, explica que, lutando pelas palavras, pelo significado, na tentativa de controle ou imposição de certas

⁸ A trilogia “Orestéia” é composta ainda por “Coéforas” e “Eumênides”.

palavras, na luta pelo silenciamento ou desativação de outras, nessas lutas, explica ele, algo além das palavras é jogado. Essa advertência do autor quanto ao que entra no jogo da utilização das palavras serviria por si só para justificar a passagem pelo seu texto, haja vista a semelhança com a constante indicação de Freud para que “não depreciemos o uso das palavras” (Freud, 1915-1917/1996, p. 19). No entanto, pode-se avançar ainda mais junto a Larrosa na dissecação da palavra experiência em sua intersecção com a problematização aqui proposta.

De acordo com Larrosa, a palavra experiência em português faz referência a “o que nos acontece”; em espanhol a “o que nos passa”; em francês “*ce que nous arrive*”; em italiano seria “*quello che nos succede*” ou “*quello che nos accade*”; em inglês, “*that what is happening to us*”; e em alemão “*was mir passiert*”. Decorrente disto, pode-se dizer que o sujeito da experiência é passado, passivo, “algo como um território de passagem, algo como uma superfície em que o acontecimento inscreve algumas marcas, risca de alguma maneira, produz afetos, deixa vestígios. (Larrosa, 2002, p. 24)”. O sujeito da experiência é um sujeito passivo, mas como diz Larrosa, passivo para além da oposição entre passivo e ativo, ou seja, um sujeito que sustenta a própria abertura ao que passa, um sujeito que se “ex-põe” ao risco.

Ainda nesta via de análise, apreende-se que a palavra experiência origina-se significando em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, algo que se prova. O radical *periri* também pode ser observado em *periculum*, perigo. A raiz indo-europeia *per* se relaciona com a ideia de travessia e em grego são vários os derivados que assinalam esta travessia - *pera*, mais além; *peras*, limite; *peirô*, atravessar; *peraô*, passar através, *perainô*, ir até o fim. Esse *per*, como visto acima, permanece como radical em várias palavras de nossa língua (perambulação, percurso, perda, perdição, peregrinação, período, peripécia, perpassar, perseguição, persistência), indicando justamente a dimensão de uma “arriscada travessia”. Cabe também destacar que a palavra experiência contém o *ex* de exterior, de exílio, de estranho (*extranho*), de estrangeiro (*extranjero*), e de ex-sistência⁹. Nas palavras de Larrosa:

⁹ Lacan utilizava a expressão *ex-sistência*, como indica Miller (2005), “cuja origem é conhecida: Heidegger opunha ‘in-sistência’ e ‘ek-sistência’”. Em Lacan, a palavra designa uma relação que consiste, para um termo *x*, elemento ou conjunto, *em colocar-se de fora* – fora de um termo *y*, elemento, conjunto, dimensão, registro

A experiência é a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente “*ex-iste*” de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente. Em alemão, experiência é *Erfahrung*, que contém o *fahren* de viajar. E do antigo alto-alemão *fara* também deriva *Gefahr*, perigo, e *gefährden*, pôr em perigo. Tanto nas línguas germânicas como nas latinas, a palavra experiência contém inseparavelmente a dimensão de travessia e perigo (Larrosa, 2002, p. 25).

Conforme Larrosa, o que caracteriza o saber da experiência se opõe essencialmente ao que entendemos atualmente como conhecimento. Ele afirma que o conhecimento, de acordo com as retóricas contemporâneas, é essencialmente ciência e tecnologia, algo universal, objetivo, impessoal e instrumental, “o conhecimento é basicamente mercadoria e, estritamente, dinheiro; tão neutro e intercambiável, tão sujeito à rentabilidade e à circulação acelerada como o dinheiro” (Larrosa, 2002, p. 27). Uma vez que a desconsideração da experiência como forma de saber se deu com o advento da ciência moderna iniciada com Bacon e formulada por Descartes, ao transformar a experiência em experimento, em um elemento, em uma etapa do método calcado na objetividade, nasce a ciência experimental, suprimindo a imprevisibilidade e propiciando o tão almejado controle do mundo. Dessa forma, como indica o autor, a partir da desconfiança na experiência e em sua transformação em experimento, a ilusão de segurança e de previsibilidade do caminho da ciência estaria instituída.

Faz-se importante notar que o escrito de Larrosa conduz uma interpretação a partir do pensamento do escritor Walter Benjamin (1892-1940) para alertar que experiência, como um saber elaborado a partir de algo que nos acontece, corre sério risco de extinção na contemporaneidade, visto que se instala um discurso cada vez mais poderoso que pensa a sociedade como um mecanismo de processamento de informação, cancelando as possibilidades de experiência.

etc. o *x* está então ligado a *y*. Ele supõe que *y* lhe seja simultaneamente heterogêneo, antinômico. É incompatível com ele não pode ser nele incluído ou é de uma outra ordem” (p. 148). Desta maneira, a palavra ex-sistência, diferentemente da consistência que poderia se alegar à “existência” de um sujeito, por exemplo, indicaria algo que, se colocando fora dele, o acompanharia, não lhe permitindo supor em si o centro do que lhe acontece. Retornaremos no desenvolvimento do texto a essa condição de ex-centricidade do sujeito em psicanálise.

Em “O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, Benjamin indica que a experiência que passa de “boca em boca”, a experiência da arte de narrar está em vias de extinção. Diz ele, “é como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências”. Benjamin demonstra que o “frágil e minúsculo corpo humano”, como as evoluções tecnológicas, já não é o vetor primacial da experiência, a experiência que passa de pessoa a pessoa, fundamento da narrativa, perde-se em meio a um ritmo acelerado pelo qual este corpo é levado sem condições de compartilhar e nem ao menos registrar o que lhe acontece (p. 198).

Nesta perspectiva, a ciência moderna estaria atuando no sentido de eliminar qualquer experiência em favor de uma seguridade e objetividade científica. Assim, a previsibilidade de um caminho, nas regularidades de um exercício de acumulação progressiva de verdades objetivas, estaria garantida pela transformação da experiência em experimento.

Larrosa propõe que, para se tratar da palavra experiência, faz-se necessário limpá-la de suas conotações empíricas, experimentais, metodológicas e metodologizantes, pois se o experimento é previsível, repetível, genérico, se sua lógica produz acordo, consenso ou homogeneidade, a experiência contém uma dimensão da incerteza que não pode ser reduzida, é singular, não pode ser repetida; sua lógica produz diferença, heterogeneidade e pluralidade.

Em consonância a isso, como lembra Nina Leite, para Lacan uma experiência “circunscreve-se no âmbito do que não se imagina, do não antecipável, de um real que irrompe, do novo” (Leite, 2007, p. 11). Pode-se dizer que o saber de uma experiência não pode ser previsto pelas malhas da imaginação por justamente ter em sua base um ato de abertura ao novo, à surpresa, ao acontecimento inesperado.

Sujeito e objeto da experiência

De acordo com o filósofo Henrique Cláudio de Lima Vaz, para se entender a noção de experiência como uma forma de saber, faz-se necessário considerar seus dois pólos estruturantes, sujeito e objeto, em mediação pela linguagem (Vaz 1986). A linguagem acarreta uma ambiguidade irreduzível entre o sujeito e objeto da experiência, pois, se as

palavras constituem a própria via de elaboração dos efeitos do encontro entre esses dois termos, elas também carregam consigo a marca da insuficiência na tentativa de tradução desses efeitos (Rocha, 2008). Uma vez que a tessitura de cada sujeito com as palavras o singulariza, como indica a psicanalista Simone Rickes, inserindo neste tear os fios da experiência, engendra-se a confecção de um saber único (Rickes, 2005). Por conseguinte, o próprio fazer com as palavras constitui as condições de transmissão da experiência.

O sujeito da experiência é atravessado pelo objeto, é um sujeito passivo para além da simples oposição entre passividade e atividade, pois, como já dito, este sujeito é quem sustenta a abertura para a passagem do objeto. Na experiência o sujeito não se encontra em uma posição de onipotência ou imunidade em relação ao objeto, pois o importante nem é a posição, mas justamente a exposição ao objeto e ao inesperado que pode advir dessa própria relação. O sujeito da experiência é passional – “o que não significa pensá-lo como incapaz de conhecimento, de compromisso ou ação” (Larrosa, 2002, p. 26) – pois sua força se expressa positivamente por um saber a partir de uma ação edificada de acordo com uma lógica da paixão que implica em assumir os padecimentos e os limites de sua elaboração, fundando, portanto, uma ordem epistemológica e uma ordem ética distintas daquelas instituídas pela utilização técnica do método da ciência objetiva.

Obtém-se disto que o singular saber construído na relação entre sujeito e objeto da experiência em sua mediação pela linguagem se apoia em uma dimensão de incerteza que não pode ser reduzida, sendo esta a própria condição para a sua elaboração. Por meio do trabalho etimológico com a palavra experiência, essa condição de imprevisibilidade ganha peso, demonstrando pela etimologia que, tanto nas línguas latinas quanto nas germânicas, tal palavra carrega inseparavelmente a dimensão de travessia e de perigo.

Sendo assim, a referência à experiência na elaboração aqui desenvolvida indica um mais além de qualquer forma de aquisição de informação¹⁰; implica na análise do padecimento do sujeito em relação ao objeto; incorre em uma lida com perigo ao qual o sujeito se expõe no decorrer de uma travessia incerta, investida senão por este próprio sujeito em uma elaboração marcada pela ambiguidade da própria linguagem.

¹⁰ Pode-se dizer que não nos falta informação, por exemplo, se recorrermos ao oráculo moderno, o “Google”, que não fala mas indica em 0,26 segundos mais 755 mil resultados se acaso recorrarmos a ele em uma busca por “psicanálise”.

Experiência de linguagem, experiência do inconsciente, ou experiência psicanalítica

Todo discurso sobre a experiência deve partir atualmente da constatação de que ela não é mais algo que ainda nos seja dado a fazer, pois, assim como foi privado de sua biografia, o homem contemporâneo foi expropriado de sua experiência: aliás, a incapacidade de fazer e transmitir experiências talvez seja um dos poucos dados certos de que disponha sobre si mesmo.

Giorgio Agamben (2005)

Esta breve explanação nos tópicos anteriores nos leva a perceber que a expressão “experiência psicanalítica” não se restringe ao perfeito manuseio de conceitos e técnicas permitidas a partir da aquisição de informações, uma vez que implica em uma obrigatoriedade de passagem irregular, imprevisível, de prova, lançando incessantemente indagações quanto às suas possibilidades de transmissão, visto que, como experiência, estaria em contradição à ordem discursiva moderna.

Essa perambulação com a noção de experiência como forma de saber coloca importantes questões de ordem epistemológica e de ordem ética com as quais esta elaboração busca lidar em seu desenvolvimento a partir da referência psicanalítica. Tais questões impostas pela relação do sujeito e do objeto da experiência na construção de um saber mediado pela linguagem – construção fundada na implicação do sujeito em sustentar a abertura ao inesperado do encontro com o objeto, um sujeito assumindo os riscos da elaboração que daí poderá ser construída –, questões que, estabelecidas a partir de uma contraposição à ordem discursiva moderna, evidenciam a importância e especificidade do problema ao se pretender elaborar sobre as condições de viabilidade da experiência do inconsciente no sentido freudiano. Dar-se-á, pois, corpo a algumas destas questões para que sejam aproximadas algumas noções que melhor indiquem o campo em que tal problema é perseguido por este escrito.

Se o saber elaborado pela experiência dá lugar ao conhecimento científico, pode-se supor que, ao se falar em experiência psicanalítica, estaria se falando de um saber elaborado de acordo com os moldes do saber anterior ao surgimento da ciência moderna?

Em um mundo no qual se instala cada vez mais um poderoso discurso em favor da seguridade e da objetividade científica e desvaloriza o saber da experiência, pode-se supor que a experiência psicanalítica corre risco de se extinguir? Com toda a evolução da ciência e da técnica, com seus aparelhos que permitem diagnósticos inimagináveis, com todo o avanço das pesquisas farmacológicas, das tecnologias de informação, qual seria o destino de uma experiência arriscada, íntima, exigente de tempo, incongruente com as soluções imediatistas? Quais condições que permitiriam situar o lugar do saber psicanalítico na civilização contemporânea? Seria possível a uma pesquisa realizada no espaço universitário ao menos bordejar alguma destas condições?

Este percurso com a palavra experiência nos assevera que a psicanálise fundamentada em uma experiência não está livre de riscos de se extinguir e demonstra, sobremaneira, que aquele que se dispõe a seguir por esta via não se encontra isento de perigos, pois se nela algo se aprende não é senão pela exposição, na própria pele. Ainda neste sentido, tentemos abordar a partir do que foi elaborado até aqui essa experiência e as condições necessárias à conceitualização do terreno pelo qual tal experiência avança.

Transmissão e virulência do inconsciente freudiano

A clínica é referência primordial para que se entenda a elaboração do saber da experiência psicanalítica. Freud, em sua investigação do padecimento da alma, percebeu, a partir de sua relação com seus pacientes, a produção de certos fenômenos que escapavam ao conhecimento médico de então. O filósofo Michel Foucault (1926-1984), em “O nascimento da clínica”, oferece uma análise das bases epistemológicas sobre as quais se desenvolveram as pesquisas pautadas no saber médico naquela ocasião. Por meio da seguinte passagem, pode se notar como o espaço da experiência clínica:

parece identificar-se com o domínio do olhar atento, da vigilância empírica aberta apenas à evidência dos conteúdos visíveis. O olho torna-se o depositário e a fonte de clareza; tem o poder de trazer à luz uma verdade que ele recebe à medida que lhe deu a luz; abrindo-se, abre a verdade de uma primeira abertura: flexão que marca, a partir do mundo da clareza clássica, a passagem do “Iluminismo” para o século XIX (Foucault, 1998, p. XI-XII).

Ao deslocar do olhar para a escuta a possibilidade de conhecimento acerca das patologias, ao dispensar atenção aos sonhos, aos chistes e aos equívocos com as palavras,

Freud demarca um novo terreno clínico, cujas consequências incidiriam de forma efetiva no campo epistemológico. Desta maneira, Freud formula e admite a hipótese, mesmo não tão clara, do inconsciente, uma estranha região do psiquismo ignorada pela consciência, deflagrando nela um furo, uma lacuna e a impossibilidade real de um saber total ao tentar se colocar em jogo na linguagem – há sempre algo a escapar pelo simples ato de falar.

Freud, na elaboração de um método de aproximação dessa estranha região, se dá conta que a sua relação com seus pacientes fornece o próprio suporte para tal aproximação. Convidando estas pessoas a associarem livremente suas falas, dispondo a escutá-las de forma flutuante e se abstendo de atribuir significação às repetidas manifestações do inconsciente, ele percebe que estas manifestações – evidenciadas nos sonhos dos pacientes ou em seus lapsos de linguagem, por exemplo – dizem respeito à história daquele que fala e podem ser lidas, apesar da falta de sentido à consciência. Desta maneira, Freud, que era neurologista, estabelece um novo lugar de acolhimento para a conflituosa natureza do ser humano, um novo meio de lidar com seu sofrimento, o tratamento pela fala, que se distancia das práticas médicas de sua época, gerando uma nova forma de investigação que diverge das construções ideais de pesquisa. Este novo saber desloca o sujeito de seu confortável lugar de controlador isento para uma complexa relação com o objeto acessível, através de uma linguagem cujos efeitos não domina em toda extensão.

Sendo assim, desde Freud as noções de indivíduo, pessoa ou homem como o centro da razão, como o seu detentor, seu portador incólume, estariam sob suspeita, pois a razão ilumina agora justamente o que escapa ao sujeito. A razão já não é a propriedade humana por excelência, pois o inconsciente, *isso*¹¹ fala através da fala do sujeito falante, divergindo de sua dita intenção e contrariando a ideia de razão cultuada no final do século XIX. *Isso* não só fala como algo se satisfaz nessa fala, mesmo à custa do sofrimento do sujeito falante. No dizer de Lacan (1967-1968/2006), *isso* falha, rateia, ri através do que

¹¹ Em “O eu e o isso”, texto de 1923, Freud introduz o que viria ser um importante conceito na teorização da psicanálise, o *isso*, no alemão *Es* – traduzido no Brasil por id. Neste ensaio Freud se utiliza do pronome da terceira pessoa do singular *Es* para designar junto com o eu (*Ich*) e o supereu (*Uberich*) três instâncias de sua segunda tópica procedentes da reformulação teórica devida à maturação de sua experiência clínica. O *isso* impõe “uma vivência passiva do indivíduo, confrontado com forças desconhecidas e impossíveis de controlar” (Roudinesco, 1998, p. 399). Em 1967, Lacan formula “isso fala”, sendo propriamente falando, “o núcleo do sujeito” (Lacan, 1967/2006).

dizemos; isso goza, situando no sujeito um terreno que desconhece, seu núcleo, “o eu não é senhor em sua própria casa”, eis a radicalidade proposta por Freud ao introduzir o inconsciente elaborado através de sua experiência (Freud, 1932-1933/1996).

O inconsciente sonha, rateia e ri, mas, como insiste Lacan, “não sonha, não rateia, falha, não ri a não ser de uma maneira perfeitamente articulada”, pois se isso fala, e mesmo falando de acordo com leis desconhecidas ao sujeito, que fogem de sua razão, fala em sua fala, dizendo-lhe respeito de forma estranhamente íntima ¹² (1967-1968/2006, p. 98).

Os ditos do inconsciente como descoberta de Freud fazem referência ao sujeito falante imerso numa articulação cujos efeitos lhe escapam em muito, efeitos que vão deixando suas marcas ao longo de sua história, constituindo-o assim de forma singular ao preço de fazê-lo sofrer da impossibilidade de conhecer-se a si mesmo. Partindo daí, como observa Lacan, desde a origem Freud sabe que a possibilidade de avanço em relação a esta descoberta realizada através do discurso de seus pacientes está na própria sustentação da singularidade de cada um desses casos; também “sabe que só fará progresso na análise das neuroses se se analisar” (Lacan 1953-1954/1986, p. 10).

Deste modo, a situação disposta através da experiência do inconsciente no sentido freudiano introduz um lugar engendrado por uma nova função a partir da qual um sujeito vislumbrará a chance de se engajar nos efeitos dessa estranha lógica que lhe escapa e que se encontra articulada em seus sonhos, atos e sintomas. Para a sustentação e elaboração do campo da experiência do inconsciente, Freud teria que analisar como *isso* fala a seu respeito; ou seja, Freud teria que se deitar¹³ sobre a articulação desconhecida e íntima cujos efeitos o constituem ao longo de sua singular história.

¹² Freud (1919/1996) trabalha o tema do “estranho familiar” em seu artigo de 1919, *Das Unheimlich*, fazendo referência ao inquietante sentimento de desorientação que “evoca a sensação de desamparo experimentada em alguns estados oníricos”, evocando “algo que deveria permanecer oculto mas veio à luz”. Lacan (1962-1963/2005) propõe que este sentimento aponta em um só tempo para o mais íntimo e estranho do sujeito, para sua “ex-timidade”; ensina ainda que na experiência psicanalítica este sentimento, diferentemente dos demais que estariam sob o signo do engano, determina a direção do tratamento.

¹³ O termo “deitar” certamente faz alusão ao divã, recurso utilizado por Freud não como uma regra inviolável, mas a serviço de uma melhor acomodação do psicanalista e do paciente à regra fundamental pela qual este último é convocado a falar o que vier à cabeça indiscriminadamente, uma acomodação que permitisse o trabalho primordialmente com o que se fala. A palavra “deitar” ainda é útil se observada a

Entretanto, a radicalidade da descoberta freudiana, o inconsciente, fala de algo articulado para além da consciência. Como diz o psicanalista Fábio Borges, isso faz estremecer o poder da palavra “auto”, dissolvendo “as formações de compromisso” estabelecidas em expressões tais como “auto-conhecimento”, “auto-nomia”, “auto-suficiência” e, sobretudo “auto-psicanálise” (Borges 1998, p. 15), estabelecendo assim uma impossibilidade lógica no caminho de Freud, haja vista não existirem psicanalistas antes dele – e se um analista se faz através de uma psicanálise, dessa situação a dois, como poder-se-ia pensar que Freud pôde se analisar? Diante desta impossibilidade, poder-se-ia pensar que Freud não sabia o que fazia, pois não havia ainda a função do analista que, operando a partir de uma suposição de saber em seu discurso, o colocasse através de sua fala dirigida a ele, ao analista, em vias de elaboração com este dizer íntimo e estranho que o constitui singularmente ao longo de sua vida. Desta forma, como poderia Freud avançar sobre sua descoberta, um inconsciente que fala de forma articulada nos sonhos, nos atos e sintomas, um inconsciente que fala sobre aquilo que o sujeito não quer saber, pois o desautoriza sobre seu ato? Como poderia Freud operar sobre isso que se articula através desse mistério que é falar e se comprometer com isso radicalmente sem um analista para escutá-lo?

Estas questões paradoxais não eram totalmente alheias a Freud, como já se viu na carta a Fliess quando declara “a própria auto-análise é impossível, caso contrário não haveria doença” (Freud 1950[1892 – 1899], p. 314). Em 1917, nas “Conferências Introdutórias sobre Psicanálise”, Freud trabalha com a questão de como alguém pode aprender a psicanálise? Freud assevera que a psicanálise não se aprende facilmente e que muitos não a aprendem de maneira correta, mas diz que:

Naturalmente, porém, existe um caminho que se pode seguir apesar de tudo. Aprende-se psicanálise na própria pele... Estudando a si próprio e isto é diferente de auto-observação e há limites definitivos ao progresso por esse caminho. O melhor é que se deixe analisar por um psicanalista experiente e que vivencie os efeitos da Psicanálise em seu próprio eu (Freud, 1915-1917/1996, p. 31).

etimologia de “leitura” que aponta justamente o ato de deitar, o que implicaria em psicanálise em um deitar, uma tentativa de leitura do sujeito a partir da estranha e íntima articulação que o constitui ao longo de sua vida.

Lacan ensina que o não psicanalisado de Freud como questão é precisamente o que de maneira paradoxal deve fazer avançar a elaboração da experiência cujas vias para sempre levarão o nome de Freud (Lacan 1965-1966/1998 p. 871). Avançar sobre esse paradoxo não implica em absoluto fazer certa concessão ou dar algum privilégio ao precursor da experiência psicanalítica, pois Freud não cessou, como articulado acima, de se colocar à prova em seus escritos, em suas tentativas de explicação quanto ao que lhe causava esta experiência discursiva. Portanto, permanece imperativo que a cada um que decida fazer caminhar a elaboração do saber, disposto a partir dessa experiência do inconsciente, deverá introduzir-se a si próprio no jogo com esta linguagem complexa e estranha, que dissolve qualquer possibilidade de “auto-pesquisa”.

Fazer com o que não se sabe, e como será visto, com o que não se quer saber de forma nenhuma, é esse fazer que se encontra vivo pelas letras de Freud, tanto em seus escritos clínicos e teóricos, quanto em suas correspondências. Na vasta correspondência a Fliess, pode-se evidenciar a dedicação, os impasses de Freud em sua lida com o inconsciente e o endereçamento ao outro das questões que enfrenta. Em carta de 1899, chega a declarar a Fliess “infelizmente, não posso prescindir de você como representante do outro-estrangeiro” (carta 75). Ainda de forma marcante pode-se notar as tentativas de elaboração por Freud dos efeitos do inconsciente em “A interpretação dos sonhos”, *Die Traumdeutung*, de 1900, que constitui, de acordo com Elisabeth Roudinesco e Michel Plon, “um livro excepcional, cujo autor é simultaneamente o sonhador, o intérprete, o teórico e o narrador” (Roudinesco e Plon 1998, p. 392).

“A Interpretação dos sonhos (1900)”, “A psicopatologia da vida cotidiana (1901)” e “Os chistes e sua relação com o inconsciente (1905)” são consideradas por Lacan livros fundamentais, indicações pelas quais se pode perceber a exposição a que Freud se entregou ao se dedicar à tentativa de lançar luz e teorizar sobre a lógica do funcionamento do inconsciente (Lacan 1967-1968/2006). Nestas obras, Freud se coloca em jogo, debruçando-se sobre este aparelho linguageiro que o constitui, tanto na interpretação e na elaboração dos sonhos, atos falhos e esquecimentos de seus pacientes, quanto de seus próprios. Lacan chama a atenção para “um fator comum, proveniente dos tropeços da fala, furos no discurso, jogos de palavras, trocadilhos e equívocos”, encontrado nestas três obras, um fator comum “que vem em apoio às primeiras interpretações sobre aquilo de que se trata na experiência psicanalítica, no campo por ela determinado” (Lacan 1967-1968/2006, p. 36).

O dito do inconsciente, escutado por Freud através do discurso de seus pacientes, dá lugar a uma experiência, a uma lida, a uma possibilidade de leitura desse inconsciente que não funciona de acordo com as leis do pensamento consciente, pois é regido por uma lógica regrada por uma espécie de homonímia ¹⁴, por uma concorrência e por uma superposição de símbolos, como diz Lacan, “tão complexa quanto o é uma frase poética que vale ao mesmo tempo por seu tom, sua estrutura, seus trocadilhos, seus ritmos, sua sonoridade” (Lacan 1963/2005, p. 24). Assim posto, a situação disposta através da experiência do inconsciente no sentido freudiano introduz um lugar a partir do qual o sujeito vislumbra a chance de operar sobre essa estranha lógica que lhe afeta e que se encontra articulada em seus sonhos, atos e sintomas.

Em “A interpretação dos sonhos”, Freud enuncia ser o sonho um rébus ¹⁵, um enigma que pode ser decifrado pelo sujeito que o sonhou através da experiência do inconsciente. Entretanto, anuncia também que há um limite para esta decifração, o que ele chamou de “umbigo dos sonhos”, um vazio, uma ausência, um buraco que resiste à simbolização e faz furo no discurso, cuja realidade essencial se manifesta através de sua repetição incessante, repetição, vale lembrar, isolada por Freud vinte anos mais tarde em “Mais além do princípio de prazer” (Freud, 1920/1996) ¹⁶.

Desta forma, a experiência psicanalítica constitui o lugar por excelência a partir do qual o sujeito lida com *isso* que fala nele, dele e mesmo apesar dele, de forma incessante, incompreensível e estranhamente íntima; um lugar a partir do qual o sujeito se deita sobre esse material que é linguagem, vislumbrando operar sobre seus efeitos que satisfazem algo, mesmo à custa de seu próprio sofrimento. A experiência psicanalítica, portanto, parte da descoberta de Freud de que a linguagem não é um mero instrumento do qual o homem faria simplesmente uso. A mente já não é a garantidora de uma segurança inabalável da

¹⁴ Homonímia é a relação entre palavras que, apesar de possuírem significados diferentes, possuem a mesma estrutura fonética e/ou gráfica.

¹⁵ Rébus é um enigma figurado que consiste em exprimir palavras ou frases por meio de figuras ou sinais.

¹⁶ Embora Freud tenha desenvolvido de forma ordenada as implicações teóricas da repetição em “Mais além do princípio do prazer”, desde o começo de sua elaboração a ideia de repetição se aproxima da de compulsão “para dar conta do processo inconsciente e, como tal, impossível de dominar que obriga o sujeito a reproduzir seqüências (atos, ideias, pensamentos ou sonhos) que em sua origem, foram geradoras de sofrimento, e que conservaram esse caráter doloroso” (Roudinesco. 1998).

espécie que, no topo do encaminhamento evolutivo, discerniria sobre as coisas. A mente mente, ou com Lacan, “sente-mente” (Lacan, 1967-1968/2006).

Desde Freud, a razão, o pensamento, a mente, todas essas noções que colocariam o ser humano em situação privilegiada na natureza, funcionam em relação a nós de uma maneira muito mais complexa do que aquela suposta pela tradição filosófica em que o pensamento seria um ato transparente e apreensível a si mesmo, trabalhando de forma autônoma como um órgão, cujo distúrbio, a disfunção, se deveria justamente pela intrusão, como diz Lacan, do que Descartes chama de corpo (Lacan 1967-1968/2006). É precisamente no sentido contrário que a descoberta freudiana nos faz avançar, pois é no nível de nossas relações com o pensamento e na elaboração dos efeitos destes pensamentos que nos atravessam e nos escapam que devemos buscar alguma explicação para nossa constituição.

Isso vai mais longe. Se isso pensa em um nível em que não se apreende a si próprio, é porque não quer ser apreendido de modo algum. Prefere incontestavelmente desprender-se de si mesmo ainda que seja pensado. Muito mais ainda, isso não recebe absolutamente de bom grado as observações que poderiam vir de fora incitar aquilo que pensa a se reaprender como pensamento. Eis a descoberta do inconsciente (Lacan, 1967-1968/2006, p. 113).

Portanto, ao se admitir a descoberta do inconsciente, não mais se é permitido tomar o pensamento como algo sublime, signo primoroso da evolução de uma espécie ou um ato transparente a si mesmo, pois o pensamento escapa ao sujeito e, para além dele, continua pensando. O campo do inconsciente, elaborado por Freud desde seus primeiros trabalhos, força a consideração do pensamento como algo que existe em um nível mais radical. Sendo assim, o que seria então o pensamento? Lacan, a partir de Freud, apresenta uma resposta a esta pergunta:

Está no nível do fato de que todo ser humano ao nascer banha-se em alguma coisa que chamamos de pensamento, mas da qual um exame mais profundo demonstra com evidência, e isto desde os primeiros trabalhos de Freud, que é completamente impossível apreender aquilo de que se trata a não ser se apoiando sobre o material, constituído pela linguagem em todo seu mistério (Lacan, 1967-1968/2006, p. 117).

O “mistério” ao qual Lacan faz referência diz respeito ao não esclarecimento quanto à origem da linguagem, o que não impede que algo seja dizível no que se refere às

suas condições – como é feita, aparelhada, estruturada, isto não se faz possível se não a tomarmos segundo as trilhas que a própria linguagem nos fornece.

Foi neste sentido, escutando o discurso de seus pacientes e os convidando a ziguezaguear livremente através da linguagem, que Freud encontrou os elementos que lhe permitiram iniciar a construção de um aparelho psíquico que impede a coincidência entre a representação e o real ¹⁷. O objeto e o aparelho psíquico, a partir do pensamento freudiano, se submetem à articulação da linguagem. Como consequência, o que se pode articular como saber estará sempre sob a mediação da linguagem. Assim, intencionar discorrer acerca da experiência de linguagem no sentido freudiano implica na tentativa de falar da singular e perigosa travessia através da via, do “território de passagem”, do caminho percorrido primeiramente por Freud, que trouxe como consequência um movimento para a demarcação do campo psicanalítico.

Uma outra verdade - o campo psicanalítico como campo de pesquisa

De acordo com Foucault, em “História da Loucura na Idade Clássica”, o campo delimitado pela experiência psicanalítica pode ser pensado em rompimento com o campo médico-psiquiátrico, cujas instituições e discursos se constituíram tendo como premissa a detenção do saber e da verdade sobre a loucura, transformada em doença mental (Foucault 1972/2000). Embora a experiência psicanalítica levasse à formulação, durante todo seu percurso, de proposições que contrapunham de maneira contundente o cientificismo de sua época – tais como o sonho é a realização de um desejo (Freud 1900/1996); o sintoma é uma forma de satisfação (Freud 1926/1996); o delírio não é a psicose, mas sim a tentativa de cura da psicose (Freud 1937/1996) – como ensina Lacan, a relação entre a psicanálise e a ciência deve ser pensada com cuidado (Lacan 1965-1966/1998).

¹⁷ O “real”, vale lembrar, introduzido por Lacan, não deve ser confundido com a noção corrente de realidade. Partindo do conceito freudiano de “realidade psíquica”, Lacan utiliza o termo real como o impossível de simbolizar, aquilo que resta do imaginário, desestabilizando o campo das significações e escapando ao sentido. Ao longo de seu ensino, Lacan elabora o real sempre em articulação ao simbólico e ao imaginário – e como escapa ao entendimento, à compreensão, ao saber, o real restará sempre como uma noção de difícil manipulação. O real, nos diz Lacan, “é o mistério do corpo falante, é o mistério do inconsciente” (Lacan 1972-1973/1985, p.178).

Como afirma Rocha, Freud constrói o conjunto teórico denominado metapsicologia a partir de um modelo epistêmico das ciências da natureza (*Naturwissenschaften*), que em seu tempo se opunha às ciências do espírito (*Geisteswissenschaften*) (Rocha 2008). O autor explica que na época de Freud o modelo das ciências exatas constituía o modelo de ciência por excelência, o modelo ao qual Freud aspirava que a psicanálise se encaixasse. Entretanto, Rocha esclarece que, na elaboração da teoria a partir de sua experiência, Freud foi abrindo um novo campo epistemológico. A modalidade de saber elaborada a partir da experiência psicanalítica, embora nasça intimamente ligada à ciência, não coincide com paradigma cientificista da época em que surgiu.

Lacan, em “A ciência e a verdade”, afirma que a marca que a psicanálise carrega da ciência não se trata de algo contingente, mas sim essencial. Afirma também que o inconsciente de Freud como descoberta e a psicanálise como prática seriam impensáveis antes do nascimento da ciência moderna. Lacan considera o passo dado por René Descartes com a formulação *Cogito, ergo sum*, “penso, logo sou”, como fundamental para a constituição do discurso científico moderno, e, conseqüentemente, fundamental também para que a psicanálise viesse a ter lugar no mundo. A partir de Descartes, Lacan formula que “o sujeito sobre quem operamos em psicanálise só pode ser o sujeito da ciência” – este resto da experiência da dúvida hiperbólica ¹⁸, este sujeito destituído de qualquer certeza anterior, um sujeito sem qualidades, destituído de atributos, livre das antigas lendas e ficções que o compunham (Lacan 1965-1966/1998, p. 871 e 873).

Na passagem da era medieval para a moderna, aliada à matematização da física por Galileu Galilei, floresce a ideia de razão, que servirá como um dos esteios para a configuração epistemológica da ciência moderna que, por hipótese, determina o modo de constituição do sujeito como distinto de toda individualidade empírica, como indica o filósofo Jean-Claude Milner, um sujeito sem qualidades sensíveis, um sujeito que não é

¹⁸ A dúvida seria o princípio do método “para bem conduzir a razão e procurar a verdade nas ciências”, articulado por René Descartes em “Discurso do Método” (1637), “Meditações Metafísicas” (1640), “Os Princípios da Filosofia” (1644). O método da dúvida consiste no exame de aspecto exagerado, hiperbólico, das bases em que se sustentam qualquer saber, determinando-o como falso se por qualquer razão ainda inspire dúvida. Tudo que se apresenta aos sentidos e ao pensamento pode ser colocado em dúvida. Entretanto, ainda duvidando, pensa, o que conduz à formulação do enunciado que escapa à dúvida: “penso, logo sou”.

nada exceto o nome sujeito (Milner,1996) . Este sujeito introduzido por Descartes através da operação da dúvida, este sujeito esvaziado do saber dos antigos mitos acredita agora que a razão lhe restituirá algum saber sobre sua verdade.

A despeito dos enormes progressos científicos, teóricos e tecnológicos realizados do século XVII até o final do século XIX, a verdade do sujeito, no discurso da ciência, ainda era sempre relegada a um futuro vindouro em vista da evolução galopante da ciência. No entanto, a verdade irrompe pela boca de Freud, ou, ainda, pela boca de seus pacientes, tal como propõe a prosopopeia ¹⁹ lacaniana: ““Eu, a verdade, falo”” (Lacan, 1956-1966/1998, p.410). Foi em referência ao sujeito²⁰, oferecendo suporte a um lugar para ele com o seu ato de escuta, através dessa experiência de linguagem, que Freud pôde escutar a verdade por meio dos discursos de seus pacientes.

A situação psicanalítica permite enunciar que a verdade fala em meio aos relatos dos sonhos, das fantasias, dos sintomas, e fala de um sujeito fundado pelo ato de pensar, irrompendo nisto que se poderia chamar de “seus pensamentos”, descentrando-os, fazendo furo em suas cadeias associativas, surgindo como um enigma composto singularmente segundo os modos de satisfação desse sujeito constituído na e pela linguagem.

Pode-se assim dizer que a verdade, em psicanálise, não trata de uma verdade natural à qual se chega por meio de procedimentos racionais que determinarão o seu caráter universal, pois a verdade para a psicanálise é o sujeito constituído de uma maneira singular através da linguagem. Portanto, o acesso ao inconsciente só é possível se a linguagem for tomada pelo sujeito como via. Neste sentido, Lacan diz que “o inconsciente é um conceito forjado sobre o rastro daquilo que opera para constituir o sujeito”; diz ainda que “os psicanalistas fazem parte deste conceito, posto que constituem seu destinatário” (Lacan 1966[1960]/1998, p. 848 e 844).

Apesar de seus pacientes o procurarem por meio da aposta na figura do médico – representante do saber científico tradicional, supostamente quem poderia lançar luz sobre

¹⁹ Figura que dá vida a coisas inanimadas

²⁰Embora Freud não tenha engajado especificamente o termo sujeito em suas elaborações, Lacan (1967/2006) diz “que em Freud só se fala disso” (p 97.). “Mas fala-se sob uma forma imperativa, brutal. É uma espécie de operação de escavadeira, que traz à tona tudo referente ao sujeito que, desde milênios de tradição filosófica, tenta-se justamente camuflar.” (p. 97, 98.)

seus sofrimentos –, Freud ao invés de lhes esclarecer de pronto seus males os convida a se colocarem em trabalho, a associarem livremente seus pensamentos por meio da fala, supondo, a partir dessa regra fundamental, que a verdade de seus sintomas pode surgir através de seus próprios discursos, invariavelmente quando menos se espera. Quanto a isso, Roudinesco escreve, “com efeito, Freud foi o iniciador de uma inversão do olhar médico que consistiu em levar em conta, no discurso da ciência, as teorias elaboradas pelos próprios doentes a respeito de seus sintomas, seu mal-estar” (Roudinesco e Plon 1998, p. 604)

A psicanálise se referencia a um sujeito efeito da linguagem, criando para este um lugar a partir do qual e por meio da própria linguagem poderá lidar com esta verdade que fala de forma enigmática em referência à sua própria história. De acordo com a psicanalista Lícia Mara Penna (2003):

Freud avançou na pesquisa de uma verdade que também lhe concernia, mas dando à relação com os seus pacientes um caráter inédito, preocupando-se sempre com o que era da ordem do particular. A realização de uma análise é sempre um caso particular, ainda que esta particularidade se preste à construção de um paradigma. Se a forma de articulação da verdade pode ser encontrada em cada um, é porque ela se apresenta, para cada um, em sua especificidade íntima, com o caráter de desejo imperioso, *Wunsch*, termo tão caro a Freud (p. 44).

Para melhor analisar essa marca essencial que a psicanálise traz da ciência, a noção de desejo pode auxiliar em uma aproximação, bem como em uma diferenciação, tal como Lacan acentua. Em “O seminário, livro 7: a ética da psicanálise”, Lacan ensina que o desejo, o de Freud, é introduzido como um novo objeto de reflexão ética que nos faz avançar não sobre o domínio do ideal ou do irreal – como o fazem a moral tradicional, mas em direção ao real, rumo a aprofundar, tal como nunca antes feito, no universo da falta. Falta da qual é impossível dissociar a morbidez “e o elo da falta com a morbidez não deixou de marcar com seu selo toda uma reflexão moral de nossa época” (Lacan 1959-1960/2008, p. 10).

É justamente sob este aspecto mórbido que a falta é abordada “no mais alto grau”, através da experiência psicanalítica no que ela implica a lida com “a atração da falta” (idem). “O reviramento que comporta nossa experiência”, continua Lacan, “situa no centro uma medida incomensurável, uma medida infinita que se chama desejo” (p. 378).

Reviramento que abre os trilhos que permitem situar o desejo como esse novo objeto para a reflexão ética, esse objeto que se articula de maneira íntima, porém de forma estranha e assustadora com a falta. Ao ocupar esse lugar central na reflexão ética, o desejo pode auxiliar no delineamento do sentido da experiência psicanalítica, pois:

o desejo nada mais é do que aquilo que comporta o tema do inconsciente, a articulação própria que faz com que nos enraizemos em um destino particular, o qual exige com insistência que a dívida seja paga, e ele torna a voltar, retorna e nos traz sempre de volta para uma certa trilha, para a trilha do que é propriamente nosso afazer (p. 383).

Por meio desta elaboração, pode-se afirmar que o trabalho aqui intentado persegue a trilha a qual se propôs de início, ou seja, se inserir, ainda que pelo traçado da via da singularidade, no afazer em jogo no campo aberto por Freud; construir-se de forma que se aproxime da reflexão ética a partir dos significantes, das palavras, da trama conceitual exigente, do embalo, do movimento, da experiência psicanalítica. Por que não considerar o desejo no âmbito da reflexão sobre a ação, ages em conformidade com o seu desejo? Eis a questão a que chega o seminário sobre a ética, seminário o qual Lacan, nos anos que sucedem seu ensino, enuncia que desejaria escrevê-lo ele mesmo. O desejo não é coisa simples, já foi dito. Ele comporta a dimensão da falta, é o que é dito, por isso também convoca à criação, não simplesmente uma criação, não uma criação *ex nihilo*, do nada, mas a partir do significante, de suas associações e de seus movimentos.

Pode-se dizer que a pesquisa em psicanálise se delineia em conformidade com um desejo, no que isso implica uma falta, que deve levar a um questionamento a ser conduzido pela via dos significantes introduzidos pelo Outro. Pode-se dizer que a escritura do trabalho aqui disposto pode ser definida como a tentativa de permanecer nesta via. A questão sobre a elaboração do saber na experiência psicanalítica e suas condições de transmissão em princípio já evidenciou seu peso, pois, além do trato com o conceito em psicanálise não permitir que o tomemos em separado do contexto e da trama conceitual aos quais se insere, o tema da transmissão é vivo, é vivo na clínica, nas instituições psicanalíticas e universitárias, sendo tratado por trabalhos de qualidade que o abordam por diversas vias, trabalhos estes que, embora fundamentais à pesquisa, não significam necessariamente que a facilitem.

Para abrir alguma via pela qual seguir, uma via de elaboração que aborde a transmissão sem perder sua vivacidade na experiência cotidiana, ou seja, de maneira a não proceder simplesmente em busca de alguma resposta para o que é um questionamento intenso e próprio à experiência e sim no sentido de mantê-lo, de sustentá-lo através de um discurso escrito, abrir esta via não parecia algo fácil. O avanço em relação à elaboração de uma questão própria à experiência no que isso acarreta de indizível, por mais que diga respeito àquele que a ela se disponha, depende essencialmente da companhia de outros.

Desta forma, o escrito referido acima na nota de número quatro, “Experiência com a palavra”, foi composto, pode-se dizer, em direção à questão das condições de transmissão de uma experiência. Este capítulo do livro “Interfaces em psicanálise e escrita” surge e encontra um lugar de elaboração no Grupo de Trabalho Escrita e Psicanálise²¹ sob o nome de “Freud com Hesíodo”. “Palavras cantadas”, Musas, que, de acordo com Sócrates no “Crátilo” de Platão, deriva da palavra dórica *môsthai*, “desejar” – a música, o exercício vivo do poeta cantor, cultor da memória, “veículo de construção do mundo e suporte de uma experiência multissecular”, poderiam fazer-se ouvir através da invenção de Freud como abrigo singular onde as palavras, cantadas, faladas, escritas, podem ser percorridas, “percorrendo-as se impõem e se repetem, distorcem, afetam, escondem e revelam o homem”. Através das palavras, o homem constrói seu mundo, singulariza-se e transmite algo de sua experiência ao longo do tempo (Platão 2001, p. 75; Silva Vargas 2008, p. 169 e 184).

Poder-se-ia dizer que o que se transmite através da experiência psicanalítica são palavras. É o desejo o que se transmite de fato? Neste sentido, surge a escrituração de outro trabalho como canteiro de lavra a partir do qual se busca extrair consequências da experiência da escrita nas condições de transmissão em psicanálise, “Transmitir o Q?”. Este escrito se constitui como uma versão de um trabalho apresentado no II Colóquio

²¹ O Grupo de Trabalho Escrita e Psicanálise, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia e ao Núcleo de Estudos em Psicanálise da Universidade Federal de Santa Catarina, desenvolveu, nos anos de 2006 a 2008, sob a coordenação dos professores Dr. Fernando Aguiar Brito de Sousa e Dr. Sérgio Scotti, atividades de estudo, pesquisa e extensão, reunindo pesquisadores e interessados pela escrita e pela psicanálise. O livro “Interfaces em psicanálise e escrita” é o resultado deste trabalho e reúne textos apresentados originalmente em conferências e seminários organizados pelo Grupo de Trabalho.

Internacional Escrita e Psicanálise²² e busca injetar a fala na escrita para se aproximar “do tipo de amarração que se executa em se tratando de psicanálise, já que é a partir de uma amarração que se constitui a mais simples rede”; tal como a rede de pesca grafada em uma pedra e que encontramos na imagem do colóquio – desta de fato estamos separados da possibilidade de precisarmos o que representava para aquele que a talhou na pedra, porém nela nos atamos como “por uma espécie de contemplação da ação do tempo” (Silva Vargas 2010, p. 272). O próprio colóquio se fez acontecer pela tessitura de diversos pesquisadores que compõem a Rede de Pesquisa Escritas da Experiência²³ e a escrituração de “Transmitir o Q?” orienta-se como possibilidade de participar dessa amarração, buscando injetar a fala na escrita, nas letras de Freud, nas letras dispostas no seu “Projeto para uma Psicologia científica”, buscando conduzir pelo escrito à fala, e quem sabe de novo ao escrito, colocar-se no movimento, tema caro ao Projeto, movimento que literalmente embalou a Freud que começou a escrevê-lo ainda na volta de uma viagem empolgante como se pode ler no texto.

Desta maneira, a elaboração do saber da experiência psicanalítica está condicionada não apenas pela formulação dos conceitos, mas também por aquilo pelo qual cada um se ata ao seu destino, pelo desejo que contrapõe a cada um o não sabido e pode levar à constituição de espaços a partir dos quais se acham possibilidades de criação com isso. Assim levado, o escrito, como experiência em referência à linguagem, não se propõe à constituição de um lugar aquietador ou esclarecedor, senão de um território de passagem que, deixando algumas inscrições das experiências que o marcaram em seu estabelecimento, coloca em cena a possibilidade de cultivo.

Portanto, a visada do escrito aqui disposto orientado, por muitos outros em direção à elaboração da experiência psicanalítica, não admite a condução por uma avenida iluminada repleta de respostas em cada esquina, pois parte da exigência que o

²² O II Colóquio Internacional Escrita e Psicanálise aconteceu em agosto de 2008 na Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis, reunindo diversos pesquisadores de diferentes áreas para exporem suas construções sobre o tema referente ao colóquio. Como fruto deste trabalho, resultou o livro “Escrita e Psicanálise II”, a partir do qual se encontram as versões das apresentações realizadas.

²³ A Rede de Pesquisa Escritas da Experiência, inscrita no CNPq, reúne diversos pesquisadores de universidades brasileiras e francesas que se dedicam a tecer, por meio da escrita, uma experiência em conjunto, coordenada pelas professoras Dra. Ana Costa e Dra. Dóris Rinaldi, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

questionamento sobre a transmissão se mantenha vivo, indagando quem por ele decida passar. Assim, tentando não sair do trilho e ainda dar continuidade ao caminho proposto, sigamos com as elaborações do seminário sobre a ética que toma como um dos textos base para seu desenvolvimento o Projeto de Freud.

O “Projeto” e o desejo de Freud

O “Projeto para uma Psicologia Científica” ocupa um lugar singular entre os trabalhos de Freud, escrito no mesmo ano em que vê a publicação à custa de muito empenho dos “Estudos sobre a histeria”. Quanto ao “Projeto”, pode-se dizer que o empenho despendido em sua escrituração não se converteu em desejo de que fosse publicado. Conforme indicado anteriormente, isso somente aconteceria após sua morte. Esta publicação na década de 1950, junto com parte da correspondência de Freud, não deixou de causar um grande reboiço no meio analítico, abrindo o veio para uma grande quantidade de trabalhos em torno das questões que trazia à tona. Lacan, logo no segundo ano do seu ensino, toma tal escrito como uma das referências pelas quais desenvolveria o seminário do ano de 1954-1955, livro 2, “o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise”, explicando que “este texto é inseparável da história do pensamento de Freud” e que o trabalho com esta tentativa de esboçar um aparelho psíquico coloca em relevo importantes pontos que conduziram à teorização da máquina de desejar encontrada na “Interpretação dos sonhos” (Lacan 1954-1955/1985, p. 130).

Nos trilhos de sua elaboração acerca das possíveis condições de uma ética da psicanálise, Lacan se serve do “Projeto”, *Entwurf*, e afirma ser “extremamente revelador de uma espécie de embasamento da reflexão freudiana. Seu evidente parentesco com todas as formulações de sua experiência, que em seguida foi levado a produzir, torna-o verdadeiramente precioso”. Para além da aparência “de um ideal de reducionismo mecanista que aparece no *Entwurf*”, o que se encontra neste texto é uma densa elaboração da dimensão em que a ação humana se desenrola, dimensão efetivamente ética, dimensão na qual o conflito é situado, desde o início, no primeiro plano (Lacan 1959-1960/2008, p. 48 e 49). Desta maneira, o “Projeto” ultrapassa uma pobre contribuição à fisiologia, pois:

trata de uma coisa bem diferente de uma construção de hipóteses – é a primeira contenda de Freud com o próprio *pathos* da realidade com a qual ele lida em seus pacientes. É isto –

perto dos quarenta anos ele descobre a dimensão própria, a vida significativa, dessa realidade” (p. 50).

Sendo assim, a elaboração contida no “Projeto para uma Psicologia Científica”, como o próprio nome indica, pode auxiliar na abordagem das questões levantadas até aqui no que diz respeito à marca essencial da ciência na psicanálise, pois carrega uma contundente contribuição quanto ao desejo, sua articulação com a falta e a realidade configurada a partir desta articulação.

Desta maneira, tomar o “Projeto” de Freud na escritura de um texto que pretende manter viva a questão da transmissão mostra-se pertinente, pois mesmo que o “Projeto”, como indica Lacan, trate de algo bem diferente de uma construção de hipóteses, tal escrito é um importante fio do desenvolvimento dos conceitos em Freud, uma vez que nos coloca no rastro “de uma elaboração que reflete um pensamento ético” (Lacan 1959-1960/1988, p.51). Por essa via, por este fio, retornemos novamente ao desejo.

A noção de desejo, *Wunsch*, é introduzida por Freud distinta de qualquer necessidade biológica, o desejo surge ligado a uma origem mítica, é resultante do primeiro contato do sujeito com o mundo através do semelhante. No “Projeto” Freud nos diz que o “organismo humano” chega ao mundo de forma prematura, em um “estado de desamparo”, *Hilflosigkeit*, que é “a fonte primordial de todos os motivos morais”. Não sendo capaz de realizar por si só a ação que lhe sustentaria a própria vida, faz-se necessária a intervenção de um “ser humano experiente” para a realização desta ação, a que Freud denomina de “ação específica” e que, segundo ele, “tem as consequências mais radicais no desenvolvimento das funções do indivíduo” (Freud, 1950 [1895]/ 1996, p. 370).

Esta “ação específica”, efetuada pela ajuda alheia, implica uma “vivência de satisfação” repentina que deixa uma forte impressão acerca do objeto, constituindo um traço de memória. O desejo é assim definido por Freud como a moção, *Regung*, que segue em direção ao objeto da “vivência de satisfação” primeira, engendrada a partir do contato do sujeito com a realidade através do que Freud chama de complexo do *Nebenmensch*, complexo do “homem próximo” ou, simplesmente, complexo do próximo, do semelhante. É por intermédio desse próximo, como sujeito falante, indica ainda Lacan, “que tudo que se refere aos processos de pensamento pode tomar forma na subjetividade do sujeito” (Lacan, 1959-1960/1988, p. 53).

Porém, desse contato originário – portanto mítico, com o objeto inominável, fora do significado, da “vivência de satisfação” – resta apenas um traço de memória, uma inscrição primitiva, designada por Freud no “Projeto” pela letra *a*. Apenas esse resíduo da vivência de satisfação primordial torna impossível, de agora em diante, a satisfação plena das “exigências da vida” e a partir daí, de acordo com Freud, falta pouco para se inventar a linguagem (Freud, 1895 [1950]/ 1996, p. 349). Sendo assim, precisamente a impossibilidade desta inscrição apaziguar a tensão gerada no organismo pelas exigências da vida, põe em jogo para a criança seu grito, aquilo que lhe foi trazido e aquele que o trouxe, estabelecendo assim as condições para a fixação de uma experiência de satisfação que evoca a constituição de uma via, de uma cadeia, de um trilhamento, *Bahnung*, que se configura a partir das coordenadas de prazer deixadas pelo objeto mítico, o que possibilita, desta maneira, a articulação de uma série de substituições possíveis ao objeto mítico, jamais reencontrado, se é que de fato um dia tenha sido encontrado.

A lembrança da representação ligada ao desejo não deixa de ser catexizada e os objetos percebidos e buscados como substitutos do objeto perdido serão sempre reconhecidos ou não. Se suas características coincidirem com a imagem do objeto, terá início um processo de descarga motora; caso contrário, surgirá o interesse e a atividade do pensamento, como modo de reencontrar o objeto, ainda que seja por meio de uma ação psíquica. Para Freud, essa experiência originária (e mítica), determina a constituição do sujeito e o leva a buscar o reencontro do que foi perdido, segundo uma lógica da identidade (identidade de percepção e/ou identidade de pensamento) (Penna 2003, p. 51).

Esta formulação de Penna permite uma aproximação do que se poderia chamar de o legado desse momento originário, a saber, a divisão constitutiva do sujeito. A partir desse momento mítico, as exigências da vida jamais serão satisfeitas de forma plena, pois os objetos desnaturalizados pela ação da linguagem, introduzida pelo semelhante, são constituídos por representações às quais faltará sempre um atributo que restaure a satisfação originária.

O importante é que tudo o que ocorre aqui apresenta o paradoxo de estar no próprio lugar onde reina o princípio da articulação pela *Bahnung*, o lugar também onde se produz todo o fenômeno alucinatório da percepção, da falsa realidade à qual o organismo humano é, em suma, predestinado. É nesse mesmo lugar que se forma, e de uma maneira inconsciente, os processos orientados e dominados pela realidade, uma vez que se trata de o sujeito reencontrar o caminho da satisfação (Lacan, 1959-1960/2008, p. 53).

“Certamente a satisfação de um voto deve trazer prazer mas” – comenta Lacan o que escreve Freud em “A interpretação dos sonhos” como um fator muito importante a nos guiar – “o sonhador, isso é bem conhecido, não tem uma relação simples e unívoca com seu voto. Ele o rejeita, o censura, não o quer” (Lacan 1959-1960/2008, p. 25). Porém, o desejo é essa tensão indestrutível a que se refere Freud nas últimas linhas de “A interpretação dos sonhos”, – o objeto primordial desta tensão o encontramos formulado por Freud no “Projeto”; seria *das Ding*, a Coisa. O desejo, portanto, seria uma tensão incessante que visa este objeto da vivência de satisfação primordial impossível de ser reencontrado, pois deixa apenas um traço, um resto, um fragmento de memória inassimilável ao juízo, ao pensamento.

O desejo se constitui, assim, pela fixação de uma “experiência de satisfação” articulando-se no rastro das coordenadas de prazer deixadas por essa coisa, “critério segundo o qual vai utilizar para se relacionar com a realidade” (Penna, p. 50). A própria realidade se constitui, portanto, para o sujeito, nesse movimento de busca do objeto perdido, e é essa realidade, a realidade psíquica – composta pelo rearranjo de restos perceptivos e fragmentos de memória, realidade de linguagem introduzida pelo ser humano experiente – que permite Lacan dizer que “todo pensamento, por sua natureza, se exerce por vias inconscientes” (Lacan, 1959-1960/2008, p. 44). A esse respeito Penna comenta:

A atividade desejante do sujeito faz com que todos os mecanismos psíquicos sejam rodeios, desvios, tentativas de reencontrar o objeto que, na origem, era o único capaz de apaziguar o estado de desamparo, a *Hilflosigkeit*. Diante da impossibilidade que aí se apresenta, todas as representações, associações, fantasmas e devaneios seriam tentativas de dar corpo a *das Ding*. Assim, *das Ding* – objeto a, na álgebra lacaniana – seria o sentido originário, a verdade, cuja perda irremediável comandaria, então no inconsciente, os jogos significantes, produzindo fantasmas e sintomas que, seriam tentativas de dar conta, pela via do saber, desse ponto da verdade’ (p. 52).

Logo, pode-se dizer que a experiência psicanalítica engendra a possibilidade do sujeito lidar com esses rodeios, desvios, com essa rede associativa que se articula à sua revelia em torno de um objeto para sempre perdido e de acordo precisamente com as coordenadas de prazer deixadas por esse objeto que é pura falta. Essa experiência seria a oportunidade radical de o sujeito se deparar, no percurso dessas produções de linguagem que o constituem e que não cessam de se encontrar em sua fala, em seus sonhos e

sintomas, com aquilo que justamente lhe escapa ao juízo, ao pensamento, à simbolização. A experiência psicanalítica seria assim a via pela qual o sujeito lida radicalmente com a falta que nenhum saber recobre por completo, com a fala da verdade que lhe revela a singular maneira pela qual é dividido em sua constituição pela ação da linguagem em seus modos de satisfação.

A coisa freudiana escapa ao juízo, ao pensamento, é impossível de ser recoberta completamente pela articulação simbólica. Todavia, *isso* irrompe justamente como uma linguagem. Eis o inconsciente no sentido de Freud: essa coisa fala de si mesma, e a prosopopeia ressoa, mais, ainda ²⁴. “Eu, a verdade, falo”, eis a materialidade da verdade que Lacan profere em sua homenagem ao centenário de Freud²⁵ (Lacan 1959-1960/2008). Em “A ciência e a verdade”, Lacan retoma este discurso dizendo:

Emprestar minha voz ao sustento dessas palavras intoleráveis, “Eu, a verdade, falo...”, ultrapassa a alegoria. Isso quer dizer, muito simplesmente, tudo o que há por dizer da verdade, da única, ou seja, que não existe metalinguagem (afirmação feita para situar todo lógico-positivismo), que nenhuma linguagem pode dizer o verdadeiro sobre o verdadeiro, uma vez que a verdade se funda pelo fato de que fala, e não dispõe de outro meio para fazê-lo. É por isso mesmo que o inconsciente que a diz, o verdadeiro sobre o verdadeiro, é estruturado como uma linguagem, e é por isso que eu, quando ensino isso, digo o verdadeiro sobre Freud, que soube deixar, sob o nome do inconsciente, que a verdade falasse (Lacan 1966[1965]/1998, p. 882).

Lacan ensina que dizer o verdadeiro sobre Freud não significa lhe outorgar a verdade senão a de que o dizer verdadeiro sobre o verdadeiro falta, e é o próprio inconsciente estruturado como uma linguagem é que o diz. A verdade fala apoiando-se na Coisa originalmente fora-do-significado, impossível de ser representada. Lacan afirma “o verdadeiro sobre Freud, que soube deixar, sob o nome do inconsciente, que a verdade falasse”, e a coisa – “essa palavra não é bonita” – fala, ri, rateia, goza, que absurdo! (p. 881

²⁴ Cabe destacar esse “mais, ainda”, título em português do seminário 20 de Lacan, cujo título em francês, *Encore*, é assonante a *En corps*, “no corpo”. Se o inconsciente é como uma linguagem, se *isso* fala, fala através de um corpo.

²⁵ A conferência “A coisa freudiana” foi apresentada por Lacan pela primeira vez em Viena, em 1955, publicada in *L'Évolution Psychiatrique*, 1956, nº1, e em os “Escritos”, em 1966, com o título: “A coisa freudiana ou o sentido do retorno a Freud”.

e 882). Lacan também elabora ser isto um golpe no homem que julgava ser o único a realizar tais peripécias (1967-1968/2006). A coisa fala, “o fora-do-significado”, fala, irrompe em sua materialidade aversiva, horrível, absurda, desconcertante: “não há metalinguagem”, “nenhuma linguagem pode dizer o verdadeiro sobre o verdadeiro”, “o real é o impossível”, “o eu não é senhor em sua própria casa”, “o sonho é a realização de um desejo”, “gozas quando sofres” (Lacan 1959-1960/2008, p. 71).

Não há saber articulável que recubra a verdade por inteiro; sempre haverá algo faltando na articulação simbólica no que concerne à verdade. Ela não se presta passivamente à observação, não sendo possível quantificá-la, reproduzi-la ou encerrá-la em alguma metalinguagem, pois a verdade fala apoiando-se em uma coisa angustiante fora-do-significado, apontando justamente para o sujeito reduzido ao pensamento que se articula através da fixação de uma experiência de satisfação. Sujeito que se encontra, pela ação da linguagem, dividido no que se refere ao desejo e no que concerne à realidade.

Portanto, o sujeito da ciência, necessário ao advento da psicanálise, não deve ser confundido com uma espécie de indivíduo dotado de um instrumento, o pensamento, ao qual se identificaria para se situar no ápice da cadeia evolutiva, uma vez que este sujeito trata-se de um efeito que não é determinado por alguma qualidade ou pela consciência, senão pelo puro ato de pensar. Trata-se assim de um sujeito efeito da linguagem e constituído precisamente a partir de um ponto de saber impossível através do qual o inconsciente trabalha.

Desta maneira, a elaboração do saber da experiência do inconsciente diverge de qualquer perspectiva de um saber cristalizado, fazendo do campo psicanalítico, como explica o psicanalista Ram Mandil, o “produto de uma invenção continuada, como resultado de um reexame dos seus conceitos e fundamentos, inclusive do que se instaura na cultura” (Mandil 1998/99, p. 46).

Tudo que se opera no campo da ação analítica é anterior à constituição de um saber, o que não impede que, operando neste campo, tenhamos constituído um saber, e que se mostrou inclusive excepcionalmente eficaz, como é natural, já que toda ciência surge de um manejo da linguagem que é anterior à sua constituição, e que é neste manejo da linguagem é que desenvolve a ação analítica (Lacan, 1954-1955/1985, p. 30).

A ação analítica se desenvolve, pois, através do reconhecimento da dimensão do impossível em jogo nesse manejo da linguagem. O discurso analítico impõe o fato que a linguagem não é só comunicação (Lacan, 1972-1973/ 1985, p. 190).

A partir do momento em que falamos, a distância entre o Real e sua simbolização torna-se irreduzível. A partir do momento em que habitamos o universo simbólico (*logos*), as palavras instauram uma distância irreduzível com as coisas, com a plenitude do vivo-concreto-originário. Pela ação da linguagem, o *corpo vivo* distancia de si mesmo (castração simbólica) e se transforma em *corpo pulsional*, *corpo falante* (Milán-Ramos, 2007, p. 23).

A teorização da experiência do inconsciente no sentido de Freud não parte, portanto, de um saber que oferece uma articulação tranquila entre as noções de sujeito, objeto e linguagem. O linguista José Guillermo Milán Ramos formula de maneira valiosa que “a psicanálise rejeita o brilho do sucesso das definições, porque reconhece na linguagem uma dimensão essencial de fracasso do conceito” (Milán-Ramos, 2007, p. 49). Entretanto, é pela própria palavra que toma curso tal experiência, pelas palavras em direção ao real, tal como formulado por Lacan como o impossível de ser simbolizado – uma experiência que faz referência a um sujeito cuja verdade só pode ser dita a medias (Lacan 1953-1954/1986).

Os discurso e realidade como liame

Desenvolver uma reflexão sobre as condições de viabilidade da experiência psicanalítica adquire sentido justamente por esta experiência ainda ocupar um lugar na cidade, nesta que permite a circulação de diferentes discursos que engendram práticas também cada vez mais diversas e muitas delas em torno do sofrimento humano. Nesta cidade, lugar de circulação de variadas práticas e discursos, a psicanálise ainda sustenta sua especificidade – uma escuta em ato, contida numa aposta na palavra, visando o sujeito em sua singular maneira de morar na linguagem –, produz efeitos de liame social, ou, pela definição de Lacan, efeitos de discurso. Portanto, a elaboração decorrente da prática e teorização do inconsciente ainda se constitui como uma referência entre as ações que se aplicam ao mal estar perturbador em que se encontra a civilização contemporânea, produzindo efeitos capazes de serem articulados nas relações sociais.

A linguagem ocupa lugar estratégico tanto para se pensar a concepção da psicanálise, quanto para a própria sustentação do seu campo de investigação. Todavia, como visto anteriormente, a elaboração da experiência do inconsciente nos força admitir a impossibilidade de domínio absoluto da linguagem. Portanto, como pensar uma articulação do saber a partir do campo psicanalítico, uma vez que se funda sobre algo que não se tem domínio completo, a linguagem? A própria noção de campo de pesquisa em psicanálise não pode ser estabelecida anteriormente à investigação propriamente dita, pois se inicia sempre pelo reenvio ao problema do começo, desenvolvendo-se justamente em torno da impossibilidade que envolve a questão sobre a origem e da falta que aí se instaura. A investigação psicanalítica se sustenta a partir da singular construção de um saber que não é dado *a priori* e não se articula, senão pela disposição na experiência, condição própria para demarcação do próprio campo de investigação.

A construção do campo de investigação em psicanálise pressupõe uma inevitável e incessante exposição subjetiva com relação ao objeto, colocando assim em xeque a possibilidade de cristalização do saber elaborado a partir de tal campo e impossibilitando a sustentação de uma suposição de transmissão integral deste saber. Milán-Ramos diz que Lacan “leva a sério essa impossibilidade de efetuar uma transmissão integral do saber elaborado em psicanálise via construção de uma metalinguagem”, indicando que a construção desse campo condiz com uma lida subjetiva com o que não se domina totalmente, uma lida que pode ser angustiante, pois se trata de um construir da ordem do “não quero saber de nada disso” ²⁶, acarretando consequentemente uma implicação ética que parte do questionamento do desejo (Milán-Ramos 2007, p. 54; Lacan, 1972-1973/1985, p. 9).

O campo psicanalítico é uma construção contínua, cuja delineação se configura através do reconhecimento da dimensão essencial do fracasso do conceito e seu enfrentamento. Ao admitir os enunciados “não há metalinguagem” ²⁷, “o dizer verdadeiro

²⁶ Essa fórmula de Lacan diz respeito à própria divisão, ao descentramento do sujeito que habita na linguagem, do qual o “eu” nada quer saber.

²⁷ Lembrando-se da própria condição de impossibilidade contida neste enunciado “não há metalinguagem”, como explica Milán-Ramos (2007): “esse lugar da impossibilidade é incontornável: basta perceber, por exemplo, que se eu digo, se eu afirmo: ‘não há metalinguagem’, meu próprio dizer – na medida em que

sobre o verdadeiro falta”, “não se pode dizer toda a verdade” se descarta a ideia de construção de uma pesquisa científica enquanto verdade. Nas palavras de Milán-Ramos essa construção se dá “precisamente colocando o conceito em movimento, reavivando suas condições de possibilidade; investir nossa fé em que por trás da cristalização dos conceitos late o movimento da estrutura-teoria: que fique por conta dela conduzir a escrita, a invenção, a descoberta” (Milán-Ramos 2007, p. 42).

Sendo assim, a elaboração do saber construído através da experiência do inconsciente e a demarcação do campo psicanalítico como campo de pesquisa fundamentado neste saber dependem da própria revisão continuada de seus conceitos, do fazer com suas insuficiências diante da impossibilidade imposta pela linguagem, da *persistência*, o que implica a inscrição de um ato, logo de um sujeito, que pode emergir justamente onde fracassa o conceito, onde falha a palavra, impelido a uma reflexão sobre a ação frente aquilo que falta (Lacan, 1959-1960/1986).

Assim posto, a construção do campo de pesquisa em psicanálise implica em uma reflexão que não poderia dar-se senão através do campo da linguagem, uma reflexão conduzida pelo esforço de criar condições para que onde *isso* fala/roteia, falha/ri, goza, advenha o sujeito²⁸ no ato da leitura/escrita, sujeito do desejo (Freud), sujeito da linguagem

projeta uma ilusão de perspectiva sobre a linguagem – desliza-se na direção de uma posição de metalinguagem” (p. 28).

²⁸ Aqui faz-se referência ao enunciado de Freud, *Wo Es war, soll Ich werden*, que poderia ser traduzido com Lacan, “onde isso (*Es*) era, eu (*Ich, je*), sujeito deve estar (Freud, 1932-1933/1974; Lacan, 1959-1960/1988). Lacan joga ainda com a homofonia de *ES* – isso em alemão – com a letra “S”, “S é a letra S, mas é também o sujeito, o sujeito analítico, não o sujeito em sua totalidade” (Lacan 1954-1955/1985, p. 307). A língua francesa permite Lacan operar com dois “eus” que causam grandes dificuldades aos que lhe acompanham, o *moi*, grafado geralmente por eu, este que supõe uma totalidade e o *je*, [Eu] o sujeito do inconsciente. Como lembra Dóris Rinaldi (1997), Lacan, em O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise, vincula este enunciado de Freud, *Wo Es war, soll Ich werden*, à questão ética, situando de forma radical a fecunda função do desejo no direcionamento da ação humana, “afastando-se do caráter prescritivo, em termos de valores e ideais de conduta, que caracteriza a reflexão moralista, seja no campo filosófico, seja no próprio campo psicanalítico” e dando ensejo ao questionamento radical dos ideais.

(Lacan), sujeito disposto em *perlaboração* ²⁹ com o seu “não quero saber nada disso” (Lacan, 1972-1973/1985).

Tal diz-posição³⁰ só se faz possível por meio de uma ex-posição ³¹ que não acontece sem certo desconforto, sem certo mal-estar, sem resistência. O termo *perlaboração*, *Durcharbeiten*, é empregado por Freud para indicar o trabalho realizado com as resistências e com a repetição em psicanálise. O termo é trabalhado em um artigo de 1914, intitulado *Erinnern, Wiederholen und Durcharbeiten*, traduzido por “Recordar, repetir e elaborar”. Neste escrito, diz Freud:

Esta elaboração das resistências pode, na prática, revelar-se uma tarefa árdua para o sujeito da análise e uma prova de paciência para o analista. Todavia, trata-se da parte do trabalho que efetua as maiores mudanças no paciente e que distingue o tratamento analítico de qualquer tipo de tratamento por sugestão (Freud, 1914/ 1974, p. 145).

Desta maneira, *perlaborar* com os elementos conceituais “linguagem”, “sujeito”, “objeto”, “experiência” e, conseqüentemente, “transmissão”, no campo lavrado primeiramente por Freud, significa pôr-se em jogo no trabalho com o inconsciente, capinar, abrir picada, perambular por um terreno, lavrá-lo e cultivá-lo, o que não se dá sem resistências, uma tarefa árdua que exige paciência, exige companhia.

Nesse artigo de 1914, em que Freud distingue mais uma vez a psicanálise de qualquer tratamento pela sugestão, a expressão *Durcharbeiten* (elaboração, *perlaboração*) oferece ainda uma nova maneira de entender o tempo em um trabalho de análise. Elaborar sobre o material decorrente da aplicação da regra da associação livre, na qual o paciente é convidado a falar livremente os pensamentos que lhe vierem à cabeça, não se trata de maneira alguma de um trabalho de “intelectualização” acerca desse material, e, se acontece ao paciente que se sujeita à associação livre recordar, a elaboração com essas recordações não consiste numa busca por compreensão do passado que afetaria o presente. O que

²⁹ “Perlaborar” e “perlaboração” são neologismos comuns nos textos psicanalíticos que indicam a tentativa de traduzir o termo *Durcharbeiten* – geralmente traduzido por elaboração, e na língua inglesa “por *working-through* (literalmente, trabalhar através)” (Roudinesco, 1994/1998, p. 174).

³⁰ Diz-posição serve aqui para lembrar que tudo aí se articula pelo dizer, pelo dizer de uma posição, pelo dizer com relação à posição que se assume a partir do que se diz.

³¹ A separação do termo serve para chamar atenção a esse *ex* de “extranho”, de “extrangeiro”, de exterior, a essa posição que é a do analista como estranho ao qual o sujeito se expõe.

importa é a atualização da fala do paciente em jogo na própria relação com o analista, na qual se averigua uma repetição que lhe foge ao controle. Assim colocamos em relevo a noção de *Nachträglichkeit* – aproximada da expressão latina *a posteriori* e traduzida para o português por “só depois”, e no francês por “*après coup*” –, destacada nos escritos de Freud por Lacan, que nos permite pensar a função temporal a partir da experiência do inconsciente, na qual o sujeito pode dar novas significações no presente a acontecimentos que por razões diversas não puderam ser simbolizados no momento em que foram vividos.

Enveredar *nisso* – que bem poderia ser nomeado de floresta da linguagem por remeter ao desconhecido, ao que escapa do controle, ao imprevisto – adentrar nesse campo através da trilha aberta por Freud implica em assumir os próprios riscos dessa aventura, se dispor ao trabalho com o inconsciente freudiano através da exposição de seus efeitos. Implica, assim, em um enfrentamento das resistências, de toda sorte de dificuldades que se levantam nesse domínio em que algo escapa ao controle, algo que se repete. Dificuldades não alheias a Freud ou a qualquer outro que enverede por essa trilha e siga adiante.

O sentido invariável da experiência psicanalítica é o sujeito efeito do inconsciente como uma linguagem funcionando a partir do real inacessível a qualquer tipo de pensamento, barrando, impedindo justamente o sentido, o sentido pleno. Eis o sentido da experiência do inconsciente, cujo *percurso* deflagra um fragmento de verdade. Lacan diz que a “*verdade* não é uma palavra a ser manipulada fora da lógica proposicional, onde se lhe dá um valor reduzido à inscrição, ao manejo de um símbolo, que em geral é um V maiúsculo, sua inicial” – tal uso, diz ainda, “é particularmente desprovido de esperança”, sendo esta particularidade que faz esse manejo sadio (Lacan 1969-1970/1992, p. 52).

Conforme Lacan, fora de um campo de proposições, o termo *verdade* pode causar uma série de ambiguidades que se prestam aos excessos. No conjunto de forças que compõem o campo demarcado pela experiência do inconsciente, a *verdade* não permite “um acesso fácil”. Na prosopopeia lacaniana pela qual a verdade fala se encontra um belíssimo verso seu: “Sou para vós, portanto, o enigma daquela que se esquia tão logo aparece, homens que tanto consentis em me dissimular sobre os ouropéis de vossas conveniências” (Lacan 1955(1966)/1998, p.410). O campo proposicional exposto na *perelaboração* com o saber disposto através da experiência do inconsciente permite afirmar que o verdadeiro “é aquilo que é dito”, e a regra do jogo é que não se pode desdizer o que é dito, mesmo que este se contraponha de maneira desconcertante ao juízo – o que pode

desencadear uma série de problemas de ordem moral, construídos muitas vezes sobre preconceitos gritantes ou segundo uma tradição já gasta (Lacan 1969-1970/1992, p. 52 e 53).

A verdade no contexto psicanalítico fala da e na divisão do sujeito, tal como permite formular a proposição lacaniana – “eu, a verdade, falo”. A verdade se interpõe entre aquele que diz *eu* e sua fala, ou ainda, a verdade está entre o “eu” e “falo”³². O que nos remete de certa forma ao “penso, logo sou”, indicando a separação entre pensamento e ser, permitindo Lacan acentuar “onde penso não sou, onde sou não penso”. A verdade, no campo delineado pela experiência do inconsciente, ou ainda, um fragmento de verdade – o que condiz com a formulação de Lacan que a verdade só pode ser dita a meias – pode ser articulada ao sujeito segundo uma ficção (Lacan 1969-1970/1992). Exige-se um tempo para a estruturação de tal ficção – tomando estruturação, conforme desenvolve Lacan num momento avançado de seu ensino, como fazer uma série, uma seriação que não vai sem um período em meio a dificuldades e resistências, um percurso sob a direção do “sentido algum”³³, uma perambulação por meio das palavras, uma exposição ao outro (Lacan, 1968-1969/2008). Há um fragmento de verdade nos sonhos, nos delírios e em tudo que se manifesta de forma incessante e não se submete totalmente ao controle, e há um método para que o sujeito possa se responsabilizar por sua posição nisso que se articula para além do seu consentimento, para que se elabore *isso* disposto através da experiência psicanalítica.

³² Lacan faz do termo “falo” a partir de 1956 “o próprio significante do desejo” (Roudinesco, 1998, p. 221, o que acentuaria uma divisão tripartite: eu, verdade e falo).

³³ Lacan utilizando as riquezas de sua língua joga com o *sens*, com o sentido. “Como sujeito da frase, só há sentido. Daí essa dialética de onde partimos, que chamamos *pas-de-sens* (sentido algum), com toda a ambiguidade da palavra *pas*” (p. 53). “*Pas*: é advérbio de negação, como empregado aqui (“nada-de-sentido”, “sentido-algum” ou “não sentido”), mas também o substantivo “passo” – o que provoca a ambiguidade aludida por Lacan, posto que a expressão *pas-de-sens* também pode, dialeticamente, ser um “passo-de-sentido”” (p. 206). Lacan (1969-1970/1992) joga ainda com a partícula homófona *sans*, sem, chegando a um “*puis sans*”, “depois-sem”, assonante com *puissance*, potência, e que não deixa de remeter à *pulsion*, pulsão, aquilo que nos defronte à impossibilidade de um “sentido pleno”. A pulsão (Trieb) constitui a via pela qual a elaboração freudiana a partir de Lacan (1963-1964/1985) se desvincula de qualquer base biológica, em sua distinção de instinto é elevada à categoria de conceito fundamental, um movimento arritmico e incessante que cria um circuito em torno de um objeto, sempre faltoso.

No artigo “Sobre a psicanálise”, Freud afirma que “a psicanálise constitui uma combinação notável” entre um método de pesquisa e tratamento das neuroses e, sendo assim, assevera que a psicanálise não é simplesmente fruto de uma especulação senão o resultado de uma experiência (Freud 1911-1913/1996, p. 225). Em 1923, em um verbete de enciclopédia intitulado: “Psicanálise”, Freud designa a psicanálise de forma semelhante ao artigo de 1913 como o nome de um método, o nome de um caminho através do qual os processos psíquicos podem ser investigados e os “distúrbios neuróticos” tratados, acrescentando que o percurso de tal caminho fornece “uma coleção de informações psicológicas” que, no dizer de Freud, “se acumula numa nova disciplina científica” (Freud 1922-1923/1974, p. 287). Através destas definições, pode-se perceber que Freud sustenta que o saber elaborado a partir da experiência analítica se constitui por meio de uma combinação entre investigação e tratamento psíquico.

A notável combinação entre tratamento e investigação psíquica inventada por Freud engendra uma nova maneira de se pensar o psiquismo humano. O “aparelho da alma”, *Seelenapparat*, comumente traduzido por aparelho anímico, psíquico, ou ainda erroneamente por aparelho mental, introduzido por Freud no início de seu percurso na monografia sobre as afasias como “aparelho de linguagem”, *Spracheapparat*. Esta construção iniciada por Freud, embora distinta de qualquer outra até então, produz um saber específico, “um saber que não se sabe”, um saber que se deflagra no próprio movimento da linguagem, fornecendo elementos que permitem uma maneira nova de se ler a realidade e chegando até a sua radicalidade, na qual, a realidade, é a própria realidade da alma, a realidade psíquica, ou, ainda, a realidade da linguagem, forçando assim uma nova leitura da ciência, da política, da filosofia, da arte e da religião (Freud 1950 [1891]/1977; Lacan, 1972-1973, 1985, p. 129). A operação de leitura, a terapia pela fala, a experiência com a língua, com a escrita, a experiência fundamentalmente de linguagem posta em movimento a partir de Freud, instauram o que Lacan veio a formular como discurso psicanalítico, cujos efeitos afetam de maneira abrangente as práticas humanas (Lacan 1969-1970/1992).

Entretanto, de acordo com o que foi articulado até aqui, o discurso psicanalítico elaborado através da experiência do inconsciente não permite a constituição de uma *Weltanschauung*, uma “visão do mundo”, uma “cosmovisão”, pois se engendra justamente a partir de uma falta estruturante que desmonta qualquer ilusão de construção de uma

“visão de mundo” totalizante. Freud diz que uma *Weltanschauung* propiciada pela psicanálise se assemelharia à da ciência, pois ambas permanecem inacabadas e sempre prontas a reformular suas teorias (Freud 1933[1932]/1996). Lacan afirma ser simplesmente ridículo achar que o que se articula a partir da experiência psicanalítica possa dar lugar a qualquer *Weltanschauung*, levando-nos a pensar isso que da experiência se articula em termos de discurso. Desta forma, faz-se importante a menção à elaboração de Lacan em torno do discurso para melhor apreensão do que se articula a partir da experiência (Lacan 1972-1973/1985).

A ideia de discurso é encontrada ao longo da elaboração lacaniana. Entretanto, no seminário do ano de 1969-1970, livro 17, “o avesso da psicanálise”, Lacan inicia uma conceitualização de discurso que o permitiria formular, dois anos mais tarde, em “O seminário, livro 20: mais, ainda”, que discurso é liame social fundamentado na linguagem, “uma vez que se percebeu que o liame social só se instaura por ancorar-se na maneira pela qual a linguagem se situa e se imprime, se situa sobre aquilo que formiga, isto é, o ser falante” (Lacan 1972-1973/1985, p. 74).

De acordo com Lacan, discurso é aquilo que funda e define cada realidade, “não há realidade pré-discursiva” (Freud 1972-1973/1985, p. 45). Há um lugar no mundo humano para o sujeito bem anterior ao seu nascimento. Esse sujeito é falado, desejado, rejeitado ou não pelos pais. Há um campo de saber já articulado ao qual se conformará acaso tudo ocorra “bem”. Pode-se dizer que o nascimento simbólico do sujeito acontece no encontro com a realidade discursiva. Como visto acima, desse encontro resta apenas um traço de memória que instaura uma perda irremediável de satisfação, encontro com o ser humano experiente que mergulha o sujeito no campo da palavra, defrontando-o com o lugar do Outro.

Desde o início de seu percurso, Lacan busca diferenciar dois *outros*. No seminário “o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise”, referindo-se à descoberta de Freud, faz alusão aos poetas – que mesmo não sabendo o que dizem, dizem as coisas antes que os outros – citando a fórmula de Rimbaud, “[*Eu*] é um *outro*”, que antecipa tal descoberta (Lacan 1954-1955/1985, p. 14). Desde Freud, não se trata mais de não saber o que se diz, mas de não saber “quem o diz” (Lacan 1969-1979/1992). A origem da capacidade de dizer

“eu”, de acordo com filósofa Léa Silveira Sales, em referência ao “estádio do espelho”³⁴, está em “algo que reside no momento em que a criança é capturada por uma imagem essencialmente alheia, sua identidade própria nunca poderá deixar de ser algo que lhe vem de fora, do horizonte da alteridade” (Sales 2005, p.116). O “estádio do espelho” não deve ser confundido com um “estágio”, uma fase pela qual se passa, pois, de acordo com Lacan, tal estágio versa sobre um campo de forças ao qual o sujeito se articula através do processo de identificação que captura o ser humano, devido sua condição prematura, e o aliena em uma imagem que lhe é exterior e lhe apresenta uma simetria invertida, um tamanho diferente do seu e uma unidade que se contrapõe às sensações desordenadas de seu corpo (Lacan, 1949/1966). De acordo com Sales:

A identificação com a “Gestalt” especular, ou, de maneira mais geral, com a forma humana, não constitui somente o **eu**, pois, para Lacan, a construção do “**eu**”, do “outro” e da “realidade” constituem um único e mesmo processo cuja característica mais marcante é a de ser alienante, paranóico, indicando que a loucura é algo intrínseco ao ser humano, especialmente em suas funções essenciais de constituição de uma identidade própria, de vida em sociedade e de produção de conhecimento (2005, p. 122).

O eu não é uma forma constituída senão constituinte, conforme Lacan, “o eu é uma forma fundamental para a constituição dos objetos” (Lacan 1954-1955/1885, p. 307). “O eu, tal como o entendemos, o outro, o semelhante, estes imaginários todos, são objetos”, objetos aparelhados pela linguagem (idem). A condição do outro tomado como objeto torna a si mesmo possível objeto. “Quando fazemos uso da linguagem, nossa relação com o outro funciona o tempo todo nessa ambiguidade” (Lacan 1954-1955/1985). Os objetos só ganham consistência justamente em articulação ao Outro portador da fala no campo da linguagem. O sujeito se constitui no encontro com o Outro, como visto acima, um encontro que marca uma impossibilidade de significação, de satisfação. Um encontro marcante,

³⁴ A concepção do “estádio do espelho” é um importante marco da elaboração de Lacan a partir do qual pode-se ver seu trabalho com o que lhe fornecia sua própria língua (e, depois, outras) no sentido de diferenciar o [Eu] revelado pela experiência psicanalítica, o sujeito, grafado S, homófono do *ES*, o isso, o sujeito mais tarde nomeado ‘sujeito do inconsciente’, escrito \$, que se lê “ésse barrado”, distinto da ideia de um eu vinculado à ideia de autonomia. Pode-se ver neste momento nascente da escrituração lacaniana, nestes primeiros talhos, cortes, divisões, a tentativa de operar com *isso* fornecido pela experiência psicanalítica.

cronologicamente anterior ao estágio do espelho, cuja verdade do sujeito é sua constituição pela perda definitiva do objeto³⁵.

De acordo com a psicanalista Cláudia Maria Generoso, “a categoria de discurso permite dizer de uma certa estruturação da relação do sujeito em relação ao seu encontro no campo do Outro e os efeitos que tem sobre ele esse encontro, organizando a utilização da linguagem entre as pessoas” (Generoso 2003, p. 3). No entanto, discurso como liame social proposto por Lacan não se traduz como possibilidade que o social faça um. Como sublinha Coutinho Jorge, “cada discurso inclui nele mesmo *um único sujeito*”, eliminando a ideia de intersubjetividade, de relação entre sujeitos, assim como, escreve Lacan, “não há relação sexual” porque entre os sujeitos há o significante³⁶ (Coutinho Jorge 2002, p. 27; Lacan 1972-1973/1985).

A formulação de discurso enquanto liame social não seria uma resposta otimista às questões formuladas por Freud em “O mal estar na civilização”; seria antes um retorno a estas questões, seria ainda uma elaboração com as dificuldades e impossibilidades impostas por tais questões. Como indica Jorge, não há relação entre sujeito e objeto senão “*articulação entre sujeito e Outro*”, essa rede de saber que o precede “protótipo de todo liame social” (Coutinho Jorge 2002, p. 27). Nesse Outro como rede de saber à qual se referencia o sujeito, rede que organiza, estrutura, estabelece uma série de relações que delimitam um campo a partir do qual se ligam sujeitos em um empreitada comum, nesse Outro também há uma falta que irrompe em suas articulações, desconcertando as pretensões de harmonia total. A experiência psicanalítica como uma experiência de discurso constitui uma possibilidade de liame entre os falantes em uma lida com a falta que os determina de maneira singular.

³⁵ Costuma-se formular, a partir de Freud, a perda definitiva do objeto, como visto, um objeto mítico; Lacan nos leva a questionar se realmente um dia o teríamos encontrado para assim perdê-lo, o que conduz à formulação nos termos de falta (Freud, 1895-1950/1974; Lacan 1959-1960/2008).

³⁶ Lacan diz que o discurso de Freud fala de sexo para dizer que a coisa aí não vai, falha. “Desde que o ser humano é falante acabou-se essa coisa perfeita, harmoniosa, da copulação, aliás impossível de situar em qualquer lugar da natureza. A natureza apresenta espécies infinitas, que em sua maioria, aliás, não comportam nenhuma copulação, o que mostra a que ponto pesa pouco nas intenções da natureza que isso constitua um todo, uma esfera” (Lacan 1969-1970/1992, p. 31).

A elaboração de uma teoria dos discursos parte justamente dessa impossibilidade contida na rede de saber à qual o sujeito se articula. Lacan (1969-1970/1992) recorre às três profissões impossíveis propostas por Freud (1937/1974), governar, educar e psicanalisar – e observa que, ainda que sejam profissões impossíveis, se governa, se educa e se psicanalisa, propondo desta maneira uma teoria dos discursos que faz corresponder às três profissões três discursos radicais: o discurso do mestre (governar), o discurso do universitário (educar) e o discurso do psicanalista (psicanalisar), elaborando ainda um quarto discurso radical, o discurso da histérica (fazer desejar). Dessas quatro formas discursivas fundamentais derivam as demais formas discursivas, sendo o advento do discurso analítico, de acordo com Lacan (1969-1970/1992), que permitiu a leitura de tais discursos radicais.

De acordo com Generoso, “essa discussão sobre os discursos faz referência a construir algo sobre uma falta, sobre aquilo onde “não há relação sexual””, falta “não-articulável” cujo resto circula pela linguagem (Generoso 2003, p. 4). Segundo Lacan, o discurso é aquilo que subsiste em certas relações fundamentais que podem se sustentar muito bem sem palavras, mas não sem a linguagem (Lacan 1969-1970-1992). Nossas condutas, nossos atos, se inscreveriam de acordo com estas relações instauradas mediante o instrumento da linguagem, relações que se estabelecem a partir e em torno da falta do objeto tal como nos permite designar a experiência psicanalítica.

Portanto, a estrutura, a seriação, se desenvolve a partir destas relações fundamentais entre os significantes que se instituem a partir da falta do objeto e que determinam nossa conduta. O significante é o elemento básico que não significa nada por si mesmo, a menos que, como indica Lacan, designe o nome de um discurso. “O significante é aquilo que representa um sujeito para outro significante” (Lacan 1969-1970/1992, p. 11). O significante funciona representando um sujeito junto a outro significante, o que também nos permite pensar que entre um sujeito e outro há sempre o significante. Desta forma, é no próprio encadeamento dos significantes que surge o sujeito como efeito desse movimento; é em referência a um significante que dois ou mais sujeitos fazem laços a partir dos quais podem achar outros significantes pelos quais se representar.

O escrito aqui tecido é uma tentativa de construção em torno dessa falta deixada pela Coisa constituinte do sujeito, perseguindo as condições de elaboração da experiência do inconsciente, tendo como ponto de referência o discurso psicanalítico. Portanto, para a

realização de tal propósito, não se pôde perder de vista a falta, a hiância, o furo impossível de simbolizar que põe qualquer discurso em movimento – para ilustração da perspectiva desta construção bem servem as palavras do poeta Manoel de Barros, “perder o nada é um empobrecimento”, ou ainda, “o que não sei desmancho em frases” (Barros 2004, p. 63).

E do passeio...

Diz-ser-estar

*Que sais-je?*³⁷

A orientação pela qual o escrito aqui disposto foi tecido nos leva a considerar que aquele que fala, escreve ou pesquisa, é ultrapassado por sua fala, escrito ou pesquisa e, embora provavelmente muito eu seja ainda levado a falar sobre esta tessitura, e, quem sabe, a escrever e a falar de novo, o que importa neste momento é a reflexão sobre a tentativa de criação de um território de passagem para o significante psicanálise, nome do discurso que se dirige ao sujeito determinado pela linguagem, convocando-o a produzir um saber sobre sua condição mais real, aquela que lhe coloca frente à falta que condiciona o seu desejo.

De acordo com este princípio, não bastaria, para refletir sobre o percurso realizado, buscar elementos simplesmente pautados nas impressões de quem o escreveu. Antes, neste sentido, poder-se-ia dizer, valeriam mais os elementos que o leitor que percorreu este território de passagem pudesse oferecer, pois o que importa, não é desnecessário repetir, é o que passa, é a própria passagem, a travessia para o leitor, são as tentativas de criação de espaço para a fala, pois esta abre o caminho para o escrito e *díssô*, de acordo com a elaboração da orientação perseguida, não posso absolutamente me isentar de responsabilidade, o que mantém irremediavelmente a consonância com as questões que nos abriram o caminho para enveredar pelo terreno cultivado por Freud.

Vale lembrar que o trabalho aqui disposto, embora fundamentado pela psicanálise, ganha corpo em um espaço universitário. Como vimos, a psicanálise fundamenta sua transmissão e formação independentes da universidade, mas nem a Freud nem a Lacan passaram despercebidas que as relações entre estes dois lugares não deixam de causarem sismos um no outro, acreditando que estas relações não poderiam deixar de ser profícuas.

³⁷ “O que eu sei?”. Lema socrático que Michel Eyquem de Montaigne (1533-1592) mandou cunhar em uma medalha junto com o seu nome, sua idade de 42 anos e a data de 1576. Do outro lado se encontrava ainda uma balança pesando as contradições, cujos pratos em perfeito equilíbrio simbolizam a suspensão do juízo e uma indiferença filosófica (Conte 1996, p. 7).

Freud manteve uma função didática discreta durante anos na universidade e, em 1909, viu uma importantíssima chance de divulgar suas elaborações nos Estados Unidos justamente através de uma série de conferências em universidades daquele país. Lacan (1970/2003, p. 410) chega a formular que o “universitário por estrutura tem horror à psicanálise”, mas faz-se importante notar que sua crítica efetivamente não se dirigia à instituição universitária, senão ao discurso ali em voga e, a partir da formulação da teoria dos discursos, não evitou pensar as relações e os efeitos destes discursos, chegando mesmo a participar em 1976 da criação do Departamento de Psicanálise na Universidade Paris VIII.

Em nosso caso, não se é permitido deixar de ressaltar que os anos que perfazem a construção deste trabalho comprovam a criação, a partir das universidades, de lugares de fala, lugares que abrem a possibilidade para o escrito. Refiro-me aqui, além dos grupos de pesquisa e eventos já mencionados, às próprias disciplinas e aos seminários conduzidos sob a temática psicanalítica no Departamento de Graduação e Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, refiro-me especialmente aos espaços criados a partir do trabalho em torno do Projeto de Pesquisa Oficinas Terapêuticas: Possibilidades e Impasses de um Trabalho Gerúndio³⁸ e do Projeto de Pesquisa e Extensão Oficina de Escrita³⁹ – espaços de passagem através dos quais os sujeitos que neles se envolvam tenham condições para se situarem quanto ao seu posicionamento nos laços sociais que os constituem.

³⁸ Este Projeto, sob a coordenação da professora Dra. Simone Moschen Rickes, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, reúne pesquisadores em oficinas diversas: teatro, áudio-visual, escrita, tendo como objetivo “analisar as potencialidades do trabalho em oficinas terapêuticas junto a sujeitos que encontram impasses em seu laço ao coletivo com o objetivo de mapear as condições que, embora não suficientes, possam ser necessárias para a produção de si e do mundo almejadas nestes territórios”.

http://www1.ufrgs.br/pesquisa/forms/form_dadosProjetoPesquisa.php?Cod=11966&NrSeqBolsa=&CodProjeto.

³⁹ Este Projeto sob a coordenação do professor Dr. Sérgio Scotti, da Universidade Federal de Santa Catarina, consistiu em uma investigação sobre os efeitos da experiência de escrita realizada através da prática em oficinas, as oficinas que tiveram lugar no ano 2008 no Serviço de Psicologia Aplicada da UFSC (SAPSI) com alunos de escolas públicas da grande Florianópolis se estenderam posteriormente aos adultos e a outros lugares na região da grande Florianópolis.

Não pode deixar de ser dito que a criação destes lugares para o enlace social, sob a primazia da singularidade, acontece mediante um esforço considerável, haja vista que esses profissionais do impossível, que são os educadores, do nível básico ao dito superior, há muito enfrentam uma complexidade de problemas cujos efeitos fazem-se sentir na cultura. Nietzsche escreve de forma poética, em “Terceira Consideração Intempestiva: Schopenhauer Educador”, há mais de um século, sua busca, seu sonho, por encontrar professores e educadores capazes de “transformar o homem inteiro num sistema vivo e movido por sóis e planetas e descobrir a lei dessa variedade superior da mecânica celeste”. Aqui sua interrogação soa como pertinente à nossa proposta de ensino como movimento, o que nos obriga a questionar, seria alguém capaz de fazer com que o outro engrene em tal movimento? Das mais diversas maneiras que tentava, diz ele, no entanto descobria apenas no homem de sua época uma “figura mesquinha”. Continua ele, “não parece que tenhamos pensado ainda que a arte de falar e de escrever sejam técnicas que só podem ser adquiridas com uma direção extremamente minuciosa e com penoso aprendizado”. Esta passagem mostra uma preocupação semelhante a que tentamos dar contornos através da incursão que nos oferece a palavra “experiência”, que desde sua expressão mais antiga comprova que o aprendizado envolve uma quota de sofrimento inextirpável, *páthei máthos* (Nietzsche 2008, p. 22 e 23). Lacan nos indica que se o saber é sabor, se é gostoso também é custoso, embora não seja comprável (1969-1970/1992). Sigamos um pouco mais com o testemunho de Nietzsche em torno da complexidade da problemática da educação:

Mas nada faz aparecer mais claramente, para vergonha nossa, a presunçosa satisfação que enche nossos contemporâneos do que a mocidade, um tanto avarenta e um tanto descuidada, de suas exigências em matéria de educadores e de professores. Do que não nos contentamos, mesmo nos círculos mais distintos, em matéria de preceptores! Que amontoado de espíritos desregulados e de instituições caducas compõe o que chamamos de ginásio e com o qual nos contentamos! De que nos contentamos em matéria de ensino superior, de universidades: que professores, que instituições, se pensarmos na dificuldade da tarefa que consiste em fazer do homem um homem! Até mesmo o ardor tão admirado com o qual os sábios alemães se empenham em sua ciência mostra acima de tudo que pensam mais na ciência que na humanidade e que lhes foi ensinado sacrificar-se à ciência como uma patrulha perdida, a fim de incitar a esse mesmo sacrifício as novas gerações. A prática da ciência, quando não é dirigida e delimitada por um princípio superior de educação, mas desencadeada sem medida, em virtude dessa ideia de quanto mais houver

melhor, é certamente tão prejudicial aos sábios como o princípio de deixar-correr pode sê-lo para nações inteiras. Quem, pois, se lembra ainda que a educação do sábio, do qual não se deve sacrificar nem deixar fenecer as qualidades humanas, é um problema extremamente difícil? (idem, p. 23).

Em sua crítica aguda à “ausência de toda educação superior”, Nietzsche fornece uma prova, um “sintoma mais grave e mais perigoso”, qual seja, a falta de reflexão moral a respeito da herança cultural, o que leva a educação a um puro formalismo capaz de dissipar através das gerações toda a fecundidade do movimento humano. Neste sentido, se faz pertinente perguntar se tal formalismo atravessou esse mais de um século que nos distancia da escritura deste texto por Nietzsche, já conseguimos inventar as condições para uma reflexão sobre o que fazer com nossa herança cultural e sobre que espécie de legado nós conseguiremos deixar aos que nos sucederão?

É certo que alcançamos, de forma geral, significativas condições infra-estruturais (melhores escolas, melhor aparelhamento tecnológico, maior acesso ao transporte e à alimentação), no entanto, o que encontramos nos núcleos de atendimentos especializados são queixas das mais diversas ordens: por parte dos professores, uma insistência equivocada que muitas vezes leva às lágrimas por um diagnóstico para “encaminhar”, retirar da sala de aula ou reprovar as “crianças problema”; do lado das crianças, um persistente não querer ir para a escola, sintomas e inibições relacionados à leitura, à escrita, ao relacionamento com os colegas e professores, quando não uma imensa quota de agressividade muitas vezes gerando uma violência que escapa à explicação.

É neste sentido que os referidos espaços de passagens, criados a partir de laços de trabalho entre pesquisadores, dentre eles atualmente muitos psicanalistas, que germinam justamente no seio das universidades, têm mostrado sua importância. Os frutos destes laços germinados nas universidades geralmente se distribuem por outros lugares da cidade, chegando às escolas, aos hospitais, aos núcleos de atendimento especializados, aos centros de referência, dentre outros lugares, servindo como alimento aos laços sociais que se fundamentam na singularidade. São nestes lugares que professores e alunos, profissionais da saúde e pacientes vislumbram a chance de lidarem com a angústia em que se veem mergulhados de maneira responsável, sem recorrer condicionadamente aos formalismos ou às brechas perversas das instituições que lhes permitiriam algum alívio rápido.

Desde 2007, envolvido pelos laços de trabalho com os projetos citados, tenho tido a possibilidade de participar da construção de tais territórios de passagem, realizando oficinas de escritas em lugares diversos, prática cujo início se deu no Serviço de Psicologia Aplicada da UFSC (SAPSI), com crianças do Colégio Aplicação desta universidade. Logo depois vieram as práticas com adultos. A primeira, intitulada “Oficina de Escrita: psicanálise e saúde mental”, realizada no I Congresso Brasileiro de Saúde Mental, também na UFSC, prática conduzida por Rosi Bergamaschi e por mim. A única participante, funcionária de um centro de referência de saúde de Minas Gerais, dizia vir participar do congresso justamente por enxergar nesta prática uma chance de desenvolver o seu trabalho em tal centro, trabalho atravessado por uma exigência imperativa de que realizasse uma oficina, seja lá qual fosse.

Venho arriscando ainda práticas em oficina de escrita com adultos. Uma delas, merecedora de nota, é “Oficina de escrita: psicanálise e laço social”, realizada no “VII Congreso Internacional de Salud Mental y Derechos Humanos” na Universidad Popular Madres De Plaza De Mayo – Asociación Madres de Plaza de Mayo, em Buenos Aires. Nesta oficina encontravam-se, em sua maioria, psicanalistas, inclusive um “escritor-psicanalista-doutor” demitido de seu cargo acadêmico após décadas de docência e com muito ensinamento nas veias. Participaram ainda nossa prática estudantes de graduação e pós-graduação. Nos dias que antecederam a prática, andei pela cidade escrita por todos os lados. Logo comecei a copiar algumas destas escritas e as levei para nossa oficina. Colocadas no quadro negro, frases dos mais variados tons, memórias, política, sexo, amor, desilusão..., foram elas que nos guiaram por quatro horas entre conversas e escritos – horas que anteriormente à prática achava que seriam excessivas por demais. Vale destacar um destes escritos que nos relança à nossa questão:

Andava por aí sem saber para onde ir. Sem companhia se vai? Fui com a companhia em companhia. Ainda estou sem saber. Escrever poderia ser eu, mas agora tenho pressa e se escreve lento. É estranho estar aqui para ter papel e caneta na mão. Posso me acabar nesta escrita. Posso começar algo que nunca vai acabar. O que se alcança com a escrita?

Este texto marca profundamente a minha trajetória. O significante “companhia” gerou uma cadeia associativa que, estou certo, não deixará de me exigir ainda um bom tempo de elaboração – significante cujo valor há muito não deixa de ser evidenciado pelos

companheiros que se enlaçam a partir do projeto, “Projeto de Pesquisa Oficinas Terapêuticas: Possibilidades e Impasses de um Trabalho Gerúndio”. “Sem companhia se vai?”

É-nos muito pertinente ainda ao trabalho aqui exposto o questionamento sobre quem escreve. Poderia ser eu? A isso ainda se liga a pressa, o estranho, a matéria (papel e caneta), o corpo (posso me acabar?). Enfim, há como ir além do simbólico, “posso começar algo que nunca vai acabar”? Pode-se alcançar *isso* com a escrita?

As oficinas com adultos, e de forma especial com adultos envolvidos com pesquisa, sempre fornecem diversos elementos de suma importância para alimentar a prática daqueles que ousam convidar para se escrever em companhia. No entanto, é necessário ainda fazer menção a uma oficina à qual fui convocado a realizar com crianças no Núcleo de Atendimento Especializado da Rede Municipal de Palhoça, NAEP, em Palhoça, Santa Catarina.

Este trabalho assume um caráter emergencial após a dissolução da estrutura de funcionamento do núcleo por questões institucionais. Após o corte da grande maioria dos profissionais (psicólogos, fonoaudiólogos, psicopedagogos) que atendiam centenas de crianças da rede pública de ensino da cidade, para que não fossem rompidos os laços de trabalho, a única solução viável diante do restrito número de profissionais que poderiam ser contratados seria um atendimento “grupai”. As oficinas de escrita foram aprovadas mediante projeto pela Secretaria de Educação, Ciência e Tecnologia com o nome de “Oficina de escrita e leitura” que, no decorrer do processo, ainda foi renomeada como “Trabalhando com ideias e em companhia: Oficina de escrita e leitura”.

O trabalho se inicia por encontros com as crianças e com os pais no intuito de marcar a diferença entre o trabalho que vinha sendo realizado e a construção que poderia ser desenvolvida daquele momento em diante acaso aceitassem o convite para participarem dela. Portanto o critério de “seleção” não pôde ser outro senão o desejo e, a partir dele, prosseguimos. As oficinas foram formadas por uma infinita heterogeneidade, entre os cinco e quatorze anos, das mais variadas séries e de distintos níveis educacionais, meninos e meninas, com diagnósticos diversos, diferentes “problemas”. O desafio parecia ser enorme e nenhum momento foi possível esmorecer perante ele.

Desde o início o trabalho marcava significativamente a diferença daquele espaço em relação aos demais, sala de aula e consultórios diversos. Ali, cada um foi convidado a

escrever do seu jeito e, em companhia, foram convocados a construir o próprio processo e a se responsabilizarem pelo produto, seja ele qual fosse, ideias, falas, desenhos, escritos. É interessante notar que, após construirmos uma pasta e escrevermos nela o nome das nossas oficinas, foi acumulando-se toda sorte de material, desenhos, dobraduras em papel, textos, modelagens em massa que se transformavam em personagens de histórias e, portanto, mais textos. Foi então que, em um dos nossos encontros, uma criança, ao se aperceber do volume do material, sugeriu que o transformássemos em um livro, o que contagiou a praticamente todas as outras crianças. Algumas já faziam as contas de quanto poderiam ganhar com essa “brincadeira”.

Podemos dizer que a visada deste novo produto não seria sem consequências e estas deram o ritmo do trabalho daí por diante. O grande desafio foi que este novo objeto nos trouxe foi que não perdêssemos nosso fio originário, o desejo e a aventura de escrever cada um do seu jeito e em companhia. Neste trato com este objeto, a questão com o Outro pôde ser tratada com uma nova seriedade. Diante do volume de escritos produzidos em oficina parecia tudo muito fácil, era só imprimir e pronto. Mas nas leituras dos textos, levantavam-se as interrogações se aquele material deveria ser publicado conforme fora escrito, o que gerou uma exigência de trabalho que nos desviou um pouco da proposta de escrever e ler em companhia para ler, criticar, pesquisar, reescrever, editar, planejar em companhia. Isto só foi possível sem que se perdesse o fio de nosso trabalho graças aos laços de respeito e mesmo amizade constituídos entre os participantes que se aventuraram a enfrentar cada um do seu jeito uma proposta de construir algo pelo qual seriam responsáveis ainda que não o soubessem de antemão⁴⁰.

O movimento desta singular oficina ainda foi enriquecido pelo encontro com a “Oficina da palavra”, conduzida pela fonoaudióloga Cassandra Cunha. Durante todo o processo destas oficinas, criamos espaços nos quais nos reuníamos para discutirmos as

⁴⁰ O livro “Trabalhando com ideias e em companhia: oficina de escrita e leitura” foi lançado pelos próprios autores na presença de pais e convidados. Junto com o lançamento foi realizada ainda uma exposição de todos o material. Como planejado, cada um de seu jeito ficou responsável por uma fala, por uma performance, por uma leitura no evento, que seguiu com um coquetel de refrigerantes e quitutes diversos. A confecção do livro se deve ainda pela passagem em nossas oficinas das artistas plásticas Diana Roman e Julia Aranda. A pequena tiragem do livro foi distribuída entre os autores, pessoas diretamente envolvidas no trabalho e algumas bibliotecas. Os autores já estão trabalhando para uma segunda edição.

práticas, muito diversas, e estudarmos sistematicamente, cada um a partir do seu referencial teórico, as questões que foram suscitadas por nossos afazeres.

Na invenção destes lugares, destes territórios de passagem que cuidam para que o singular encontre lugar no social, sejam estes espaços o consultório, oficinas, seminários e por que não a sala de aula – na própria construção destes lugares nos surpreendemos quando nós somos colocados de novo em movimento, no ensino, na experiência e em transmissão. Portanto, o trabalho aqui exposto, constituído por diversas vozes, falas e escritos, embora não passe de uma penosa construção teórico-conceitual, que em rigor não cria nada de novo, tenta abordar o já existente de Outra maneira.

É preciso dizer que o rigor com o qual é conduzido este trabalho em sua composição não condiz com o convencimento, com a persuasão ou com o fechamento, senão traduz uma decisão epistemológica que não se abstém dos riscos de tal posicionamento. Se fôssemos enquadrá-lo em algum gênero, o mais propício talvez fosse o ensaio, gênero inaugurado por Montaigne que se desenvolve de forma fragmentária e lenta, sem deixar de lado o rigor teórico-conceitual e a forma. Encontramos uma linda passagem em “Os ensaios” que serviria a este argumento:

O mundo não é mais que um perene movimento. Nele todas as coisas se movem sem cessar; a terra, os rochedos do Cáucaso, as pirâmides do Egito, e tanto com o movimento geral como com o seu particular. A própria constância não é outra coisa senão um movimento mais lânguido. Não consigo fixar o meu objeto. Ele vai confuso e cambaleante, com uma embriaguez natural. Tomo-o nesse ponto como ele é no instante em que dele me ocupo. Não retrato o ser. Retrato a passagem. (Montaigne 2001, p. 27)

Entretanto, também seria pertinente à orientação aqui seguida sustentarmos a noção do escrito como tentativa de fazer um estilo, de extrair um objeto do campo do funcionamento da linguagem criando a exigência de trabalho para a produção de um saber em relação à falta da verdade absoluta. Esta dissertação como território de passagem não retrata a verdade sobre a transmissão em psicanálise senão a encena de maneira singular, respeitando sua variedade e, na impossibilidade de dizer tudo sobre sua construção conceitual, busca apenas sulcar um lugar para que o sujeito aí se aloje e deseje levar adiante esta construção inacabada (inacabável?), a partir das próprias falhas que ela apresenta.

Desta maneira, pode-se dizer que esta construção que tem como vetor o desejo, conforme indica a experiência psicanalítica, opera a partir da transferência com o próprio significante “psicanálise” e, não condizendo, portanto, com as premissas universalizantes, tem como propósito no endereçamento que perfaz, justamente dar ensejo para que cada um que, a partir dela, decida do seu jeito colocar-se no movimento de contextualização e de elaboração conceitual, que a sustente como experiência capaz de tratar o singular e criar formas de laços que não desrespeitem tal singularidade. É neste sentido que estes territórios de passagem – desde os trabalhos das disciplinas, os artigos e capítulos de livros confeccionados, as práticas em oficina de escrita e a própria escritura da dissertação – deixam marcas profundas e determinantes no ser falante que por eles se interpõe, mostrando sua importância para o avanço de suas elaborações nesta visada de criação. É neste sentido, como aposta, que esta elaboração, sustentada pela prática de escrita e por laços de trabalho, se insere na tentativa de criar condições para que o singular advenha, sem esquecer os laços que o legitimam; é neste sentido, como aposta, que uma pesquisa acadêmica também pode se constituir como um território de passagem pelo qual esperamos que o leitor possa se colocar em movimento e encontrar as condições para elaborar algumas das questões que o acossam em psicanálise, realizando, assim, a transmissão.

Perorações

Daquele que comeu o livro e o que ele sustenta de mistério, pode-se com efeito se colocar a questão – ele é bom, é malvado? Essa questão parece agora sem importância. O importante aqui não é saber se o homem é bom ou mau originalmente, o importante é saber o que dará o livro quando tiver sido totalmente comido.

Jacques Lacan (1959-1960/1988)

Como nos indica a epígrafe, daquele que comeu o livro, é dele de quem depende o que se dará a partir daí. Eis como termina o “Seminário, livro 7: a ética da psicanálise”, o livro que Lacan enuncia por diversas vezes que gostaria de ter escrito. Não o escreveu? De fato, não. Este texto, estabelecido a partir de sua fala em seu seminário, por Jacques-Alain Miller, é o primeiro seminário publicado após a morte de Lacan. Da obra de quantos terá se

alimentado Lacan para se dedicar a tal tema? Freud, Aristóteles, Kant, Sade, Hegel, Bentham, Goethe, Sófocles... É indiscutível que a passagem pela obra de tantos autores não seja conduzida por um programa de pesquisa preciso e aberto às nuances exigidas pelo percurso de tal empreitada, um programa anunciado desde o início do seminário da ética. Apesar disso, o livro, o alimento sobre a ética da psicanálise, chega ao leitor por outras vias que não pela pena do próprio Lacan. Pode-se considerar um fracasso, uma recusa a não realização do livro tantas vezes anunciado em termos de publicação? Evidentemente, responder afirmativamente tal pergunta seria uma desconsideração ao desejo indestrutível tratado com tanto rigor em tal seminário, desejo que ultrapassa Lacan e faz ressoar em nós a convocação à produção no campo da cultura dos meios a partir dos quais um endereçamento possível se sustenta sem que se perca o valor da marca da singularidade imposta pelo próprio desejo.

Poder-se-ia dizer desta forma que somente o leitor pode tentar pesar, dar a medida e o valor a um livro, a um escrito, a uma fala? Não estaríamos contrariando o próprio princípio de ação do psicanalista e talvez não fosse sem propósito se disséssemos que cabe ao analista de maneira justa conduzir aquele que o procura, a ler naquilo que diz o que lhe ultrapassa e diz respeito a si próprio, convocando-o assim a tornar-se leitor, a enfrentar as leis que o determinam e a posicionar-se de maneira responsável perante elas. Entretanto, também o psicanalista é convocado a dar conta do que diz e do que escreve. Abstendo-se destas contas, ele deixa de cumprir sua missão, qual seja, ser capaz de assumir a impossibilidade de dizer tudo desde que habitamos a linguagem, sem desistir, no entanto, de buscar sulcar um lugar para um sujeito singular, que, embora seja falado ao falar, é pelo caminho da fala que pode extrair um saber que diz respeito à verdade que o sustenta.

Esta perambulação, a lavragem e o cultivo terão deixado alguma inscrição que sirva à orientação pertinente ao movimento psicanalítico fundamentado na experiência cujas trilhas foram abertas por Freud? No que me diz respeito, é preciso dizer da importância desta experiência de escrita, da produção em mim de diversas marcas importantes no seu transcurso. Tentar escrever em torno da confecção de tal escrito e suas marcas – das escolhas das palavras em determinadas frases, da exigência de introdução ou suspensão do trato com algum conceito, das aporias, dos auxílios, dos apuros e dos exílios, da versificação contida, longa, lenta e ruidosa que às vezes explode em alegria ou desespero – aponta para as variedades das maneiras pelas quais eu sou levado a conduzir tal escrita ou

provar das marcas produzidas em mim pela experiência de dedicar-me por um longo tempo na tentativa de produzir um escrito que coloque em vida o quê da transmissão em psicanálise, tentativa fadada ao fracasso, pois, na infinita maioria do tempo que possa vir a existir, o escrito não estará sendo lido, lido tergiversadamente, pela diagonal, de forma transversal, de “revesgueio”, lido a sério, discutido. Enfim, neste tempo infinitamente desproporcional não estará em vida.

Ainda neste momento, eu mesmo o tenho colocado em vida. Às vezes apreendo alguma coisa que parece ser nova, me apercebo de algo que me escapara anteriormente; às vezes sou ensinado por ele e entro no movimento; às vezes tal escrito me arrepia; às vezes quero distância, quero-lhe a morte até, e parece ser chegada a hora – momento de entregá-lo a sua própria sina.

Desde o início houve a cuidado para que, ao se tratar da subjetividade, não incorrêssemos em “subjetivismos”, “subjetivações”, “inter-subjetividades”, pois esta visada se define pela construção de uma passagem, uma passagem através da qual um sujeito qualquer encontre condições de elaboração de um saber sobre a verdade singular colocada em cena pela psicanálise, uma verdade que aponta mais para uma “desubjetivação”, já que é ela quem fala do e no sujeito, dizendo de sua história, de sua vida. A verdade em jogo a partir da psicanálise, que não pode ser presa ou recoberta totalmente por um saber universalizante, assim como inesperadamente se desvela se esvai, pois “ama se esconder”, criando desta maneira uma variedade de obstáculos em oferecer-se à transmissão.

Este tipo de verdade, Freud a encontrou primeiramente pela boca de seus pacientes e, como demonstramos no início de nosso percurso, não foi nada simples que ele conseguisse engendrar uma transmissão dos elementos que compunham o saber que se configurava através da experiência pela qual se enveredava. Logo ele, afeito ao saber científico universalizante, se encontrava às voltas com uma verdade escandalosa que relacionava sintomas ao sexual, os mais desconcertantes lapsos a uma intenção inaudita e os chistes a revelações constrangedoras. Tratava-se de uma verdade ainda por cima incapaz de ser averiguada segundo os métodos existentes na ciência “oficial”.

Freud avançava lentamente em sua prática clínica enquanto se dedicava veementemente aos estudos na tentativa de conseguir delinear alguns contornos para essa experiência que ganhava vida. Pudemos lançar mão da tese de que foi pela escrita que ele

próprio viu importantes passos serem dados não só no que diz respeito à clínica, pois também foi pela escrita que vislumbrou a possibilidade de se instrumentalizar teórico-conceitualmente e fornecer o alimento para que esta vida nascente não expiasse. Em suma, a escrita de Freud não somente lhe permitiam melhor apreender conceitualmente sua experiência e seguir adiante em sua prática clínica, bem como se configurou como importante meio de transmissão desse saber subversivo com o qual se defrontava.

Isto pôde ser demonstrado pelo percurso realizado por nós através de alguns de seus variados escritos, desde os epistolares e os científicos, passando por essa obra singular e impossível de se taxonomizar senão como psicanalítica, “A interpretação dos sonhos”, e pelos tantos outros que vieram depois em forma de notas, verbetes, artigos, conferências e livros. Nesse percurso, não nos foi possível seguir com o intuito de traçar uma modesta biografia de Freud, muito menos uma pretensa ordenação de seu pensamento foi almejada. Não é demais fazer ressoar com Lacan a tentativa que constitui a orientação aqui traçada:

Para nós, não se trata de sincronizar as diferentes etapas do pensamento de Freud, nem sequer de pô-las em concordância. Trata-se de ver a que dificuldade única e constante respondia o progresso deste pensamento, constituído pelas contradições de suas diferentes etapas. Trata-se, através da sucessão de antinomias que este pensamento continua nos apresentando, dentro de cada uma destas etapas e entre si, de defrontarmo-nos com o que constitui, propriamente, o objeto de nossa experiência (1954-1955/1985, p.189).

Desta forma, podemos dizer ser aqui o objeto de nossa experiência o escrito? Escrito este construído tendo o lugar do funcionamento da linguagem como referência, Outro que nos constitui enquanto seres falantes e nos dá a chance de invenção, ao mesmo tempo em que nos limita e nos impossibilita de darmos conta do real? Pode-se dizer que é justamente nesta paradoxal relação com o Outro que este escrito se perfaz.

Se esta construção se fabrica a partir de uma prática fundamentada na contextura teórico-conceitual psicanalítica, partindo de alguns elementos básicos, alguns significantes – linguagem, escrito, experiência e transmissão –, é para com eles fazer uma série, uma cadeia, tecer um discurso, em suma, colocá-los de forma que deem ensejo a uma possível sustentação à paradoxal relação com o Outro. Pode-se dizer que esta construção é composta por uma penosa extração de um escrito do Outro, de lá onde está inscrita uma falta responsável pela questão que causa o movimento de todos os significantes que se encontram neste lugar, movimento que multiplica e faz cair as significações humanas,

condiciona o desejo e conduz cada ser falante à senda de seu destino. Desta maneira, este escrito se estabelece através de uma extração do Outro e, para que funcione, para que provoque o desejo, para que por um momento mantenha viva a transmissão em psicanálise, deve se dirigir irrevogavelmente ao campo do funcionamento da linguagem, ao Outro, ao movimento, ao “moinho de palavras”, à fala, e, sendo assim, como nos ensina a clínica, à leitura.

Freud, Lacan e muitos outros psicanalistas laboraram e laboram, buscando se defrontar inexoravelmente com o que lhes constitui, com o objeto de suas experiências a partir do que lhes fornece o Outro, o campo do funcionamento da linguagem, com o que captam da cultura, não com a intenção de oferecer uma resposta convincente, persuasiva, pronta, acabada, mas talvez com o propósito de provocar o desejo de que o leitor decida inventar com o objeto de sua experiência, com o que lhe constitui, como tentei aqui fazer.

Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.
- BARROS, Manoel de. *Livro sobre nada*. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política – Ensaaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita – A palavra plural*. Tradução de Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Escuta, 2001.
- BORGES, Fábio. A peste – transmissão, uma questão? In: *Reverso*. n. 28, 1998.
- CABAS, Antonio Godino. *O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan: da questão do sujeito ao sujeito em questão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- CONTE, Jaimir. *Montaigne e o ceticismo*. Monografia apresentada como Trabalho de conclusão do Curso de Filosofia na Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1996.
- CORRÊA, Ivan. *Da tropologia à topologia – Escrituras lacanianas*. Recife: Centro de Estudos Freudianos de Recife, 2003.
- ÉSQUILO. *Oréstia: Agamemnon, Coéforas, Eumênides*. Tradução e estudo Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras FAPESP, 2004.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio Século XXI: O minidicionário da língua portuguesa*. 4. ed. rev. Ampliada. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2001.
- FOUCAULT, Michel (1963). *O nascimento da clínica*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- FOUCAULT, Michel (1972). *História da Loucura na Idade Clássica*. Tradução de Jose Teixeira Netto. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- FREUD, Ernest; MENG, Henrich (orgs.). *Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939). Um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. Tradução de Karin Hellen Kepler Wondracek e Ditmat Junge. Viçosa/MG: Ultimato, 1966.
- FREUD, Sigmund (1888). Brain. In: Solms, Marc; Saling, Michael. *A moment of transition: two Neuroscientific articles by Sigmund Freud*. Londres: Karnac Books/ Intitute of Psychoanalysis, 1990.
- FREUD, Sigmund (1886). Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

- FREUD, Sigmund (1888). Histeria. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund (1891 [1950]). *A interpretação das afasias*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- _____. (1950[1892-1899]). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1893 – 1895). Estudos sobre a histeria. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1895[1894]). As neuropsicoses de defesa. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1895[1894]). Obsessões e fobias: seu mecanismo psíquico e sua etiologia. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1895[1894]). Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada “neurose de angústia”. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1895 [1950]). Projeto para uma psicologia científica. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- _____. (1900). A interpretação dos sonhos. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1907[1906]). Delírios e sonhos na *Gradiva* de Jensen. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1908[1907]). Escritos criativos e devaneio. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1908). Fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1909[1908]). Romances familiares. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1910). Leonardo Da Vinci e uma lembrança de sua infância. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1911). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1911). Notas Psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (Dementia paranóides). In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

- _____ (1911-1913). Sobre a Psicanálise. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____ (1914). A história do movimento psicanalítico. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____ (1914). Recordar, repetir e elaborar. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____ (1915). Pulsões e suas vicissitudes. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____ (1915-1917). Conferências introdutórias sobre psicanálise. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____ (1916-1917). Os caminhos da formação dos sintomas. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____ (1917). Uma dificuldade no caminho da Psicanálise. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____ (1919 [1917]). ‘Uma criança é espancada’ Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____ (1919[1918]). Sobre o ensino da psicanálise nas universidades. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____ (1919). O estranho. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____ (1920). Além do princípio do prazer. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____ (1922-1923). Dois verbetes de enciclopédia: Psicanálise e Teoria da Libido. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____ (1923). O ego e o id. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____ (1924 [1923]). Uma breve descrição da psicanálise. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____ (1925[1924]). Um estudo autobiográfico. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____ (1925). Josef Breuer. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1926). Inibição, sintoma e angústia. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1929-1930). O mal-estar na civilização. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1933[1932]). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1937). Análise terminável e interminável. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1937a). Construções em análise. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund; GRODDECK, Georg. Les deux premières lettres Groddeck-Freud, In: *Nouvelle Revue de Psychanalyse*. Gallimard, n. 12, 1975.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Lingüística e Arqueologia. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*. vol.15 n.1 São Paulo Feb./July 1999.

GENEROSO, Cláudia Maria. Considerações sobre Psicose e laço social: “o fora-do-discurso da psicose”. In: *CLINICAPS – Espaço clínico de interlocução e construção de referências para reflexões sobre o modelo de Saúde Mental de Minas Gerais*. <http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/clinic/v2n4/v2n4a03.pdf>

JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico*. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

JOÃO. Evangelho segundo são João. *Bíblia Sagrada*. Tradução dos originais mediante a versão Monges Maredsous (Bélgica) pelo Centro Bíblico Católico; revisão Frei João José Pedreira de Castro, O.F.M, e pela equipe auxiliar da Editora. 74. ed: Ave Maria, 1991.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. As quatro dimensões do despertar – sonho, fantasia, delírio, ilusão. *Ágora* (Rio de Janeiro) v. VIII n. 2 jul/dez 2005, p. 275-289.

LACAN, Jacques (1953-1954). O Seminário, livro 1: *os escritos técnicos de Freud*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução Betty Milan. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

_____ (1954-1955). O Seminário, livro 2: *o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Marie Christine Penot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____ (1956-1966). A coisa freudiana ou Sentido do retorno a Freud em psicanálise. In: *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____ (1959-1960). O Seminário, livro 7: *a ética da psicanálise*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução. Tradução Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

_____ (1960). *O triunfo da religião precedido de discurso aos católicos*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____ (1963). *Nomes-do-Pai*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

_____ (1964). O Seminário, livro 10: *os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Traduzido por M. D. Magno. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____ (1966[1949]). O estádio do espelho como formador da função do [eu] tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In: *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____ (1966[1953]). Função e campo da palavra e da linguagem em psicanálise. In: *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____ (1966[1956]). A coisa freudiana ou Sentido do retorno a Freud em psicanálise. In: *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____ (1966[1957]). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____ (1966[1960]). Posição do inconsciente. In: *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____ (1966[1965]). A ciência e a verdade. In: *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____ (1967). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____ (1967[1967]). O engano do sujeito suposto saber. In: *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____ (1967-1968). *Meu ensino*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

_____ (1968-1969). O Seminário, livro 16: *de um Outro ao outro*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Traduzido por Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____ (1969-1970). O Seminário, livro 17: *o avesso da psicanálise*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Traduzido por Ary Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____ (1970). Radiofonia. In: *Outros escritos*. Tradução Vera Ribeiro; versão final Angelina Harari e Marcus André Vieira; preparação de texto André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____ (1971). O Seminário, livro 18: *de um discurso que não fosse semblante*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Traduzido por Ary Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____ (1972-1973). O Seminário, livro 20: *mais, ainda*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Traduzido por M. D. Magno. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____ (1975-1976). O Seminário, livro 23: *o sinthoma*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Traduzido por Sérgio Laia. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LALANDE, André. *Vocabulário técnico e crítico de Filosofia*. Tradução de Fátima Sá correia, Maria Emília V. Aguiar, José Eduardo Torres e Maria Gorete de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: *Revista Brasileira de Educação*. n. 19, jan.; fev.; mar.; abr, 2002.

LEITE, Nina. Prefácio: passar pelo escrito, uma passagem. In: *Passar pelo escrito: Lacan, a psicanálise e a ciência – uma introdução ao trabalho teórico de Jacques Lacan*. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2007.

LEMONS, Cláudia de. *Seminários sobre linguagem e língua, sujeito e singularidade*. UFSC – Florianópolis, de 10 a 13 de abril de 2006.

MANDIL, Ram. Literatura e Psicanálise: modos de aproximação. In: *Aletria: revista de estudos de literatura*. V. 6. Belo Horizonte: POSLIT, Faculdade de Letras da UFMG. 1998/99.

MASSON, Jeffrey Moussaieff. *A Correspondência Completa de Sigmund Freud a Wilhelm Fliess 1887-1904*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

MILLER, Jacques-Alain. Prefácio. In: *Joyce avec Lacan*. Paris: Nvarin, 1987.

MILLER, Jacques-Alain. *O sobrinho de Lacan: sátira*. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

MILLER, Jacques-Alain. Coisas de fineza em psicanálise. In: *Orientação lacaniana III*, 11. 03 de dezembro de 2008. Material veiculado pela EBP-SC.

MILLÁN-RAMOS, Guillermo. *Passar pelo escrito: Lacan, a psicanálise e a ciência – uma introdução ao trabalho teórico de Jacques Lacan*. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2007.

MILNER, Jean-Claude. *A obra clara – Lacan, a ciência, a filosofia*. Tradução de Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

MONTAIGNE, Michel. *Os ensaios: livro III*. Tradução de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2001

NASSIF, Jacques. *Freud l'inconscient*. Paris: Flammarion, 1977.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Terceira Consideração Intempestiva: Schopenhauer Educador*. Tradução de Antônio Carlos Braga e Ciro Mioranza. São Paulo: Escala, 2008

PENNA, Lícia Mara Dias Moreira. *Psicanálise e Universidade – Há transmissão sem Clínica?* Belo Horizonte: Autêntica; FUMEC, 2003.

PERSICANO, Maria Luiza Scrosoppi. Construções em análise na transferência. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, IV, 2, 53-66, 2005

PLATÃO. *Crátilo*. Tradução Maria José Figueiredo. Instituto Piaget, 2001.

RICKES, Simone Moschen. A construção da memória e a condição de perda. In: *Horizontes*. V. 23, n. 1, p. 39-46, jan/jun. 2005.

RINALDI, Dóris. *Ética e Desejo: da psicanálise em intensão à psicanálise em extensão*. Trabalho apresentado não Reunião Lacanoamericana da Bahia, Salvador, out.1997 e publicado em Papéis – Revista do Corpo Freudiano, no.7, dez.1997.

RINALDI, Dóris; JORGE, Marco Antonio Coutinho (orgs.). *Saber, verdade e gozo: leituras de O seminário, livro 17, de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002.

ROCHA, Zeferino. A experiência psicanalítica: seus desafios e vicissitudes, hoje e amanhã. In: *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*. vol. 11, no.1. Rio de Janeiro Jan./June 2008. doi: 10.1590/S1516-14982008000100007. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-14982008000100007&script=sci_arttext

ROSA, João Guimarães Rosa (1967). *Tutaméia – Terceiras estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

RUDGE, Ana Maria. *Pulsão e linguagem: esboço de uma concepção psicanalítica do ato*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SALES, Léa Silveira. Posição do estágio do espelho na teoria lacaniana do imaginário. In: *Revista do Departamento de Psicologia - UFF*, v. 17, Jan./Jun. 2005

SILVA VARGAS, Rômulo Fabiano. A experiência com a palavra. *Interfaces em psicanálise e escrita*. Fernando Aguiar, Beatriz Guimarães, (organizadores)– São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

SILVA VARGAS, Rômulo Fabiano. *Escrita e Psicanálise II*. Sérgio Scotti, Rosi Isabel Bergamaschi, Mariana De Bastiani Lange, Beatriz Guimarães, Rômulo Fabiano Silva Vargas, Rafael Arns Stobbe, Ana Costa (organizadores). Ilustração de Keler Lucas. Curitiba: Editora CRV, 2010

SOLMS, Mark; SALING, Michael. On psychoanalysis and neuroscience: Freud's attitude to the localizationist tradition. In: *J. Psycho-Anal* 67, p. 42-62, 1986.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. Linguagem da experiência de Deus. In: *Escritos de filosofia – 1. Problemas de fronteiras*. São Paulo: Loyola, 2003

WINOGRAD, Monah. Entre o corpo e psiquismo: a noção de cocomitância psíquica quem Freud. In: *Psyché* – Universidade de São Marcus. v. 08, nº 14, 2004, p. 95-108.